

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MIKE MARINS DAS DORES

**TECNOLOGIAS DIGITAIS E CULTURA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A  
SUBJETIVIDADE NO CONTEMPORÂNEO**

NITERÓI

2024



MIKE MARINS DAS DORES

**TECNOLOGIAS DIGITAIS E CULTURA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A  
SUBJETIVIDADE NO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Clínica e Subjetividade.

**Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carlos Costa.**

NITERÓI - RJ  
2024

MIKE MARINS DAS DORES  
TECNOLOGIAS DIGITAIS E CULTURA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A  
SUBJETIVIDADE NO CONTEMPORÂNEO

Aprovado em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ .

Banca Examinadora:

---

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ribeiro Costa

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Gageiro Coutinho

---

Prof. Dr. Pedro Cattapan

---

Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba

Niterói - RJ  
2024

Aos muitos professores que passaram pela  
minha história. Ainda não inventaram uma  
palavra que descreva o tamanho da minha  
gratidão.

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a minha família, de forma especial aos meus pais que, mesmo em meio a tantos desafios, sempre me apoiaram, me incentivaram a acreditar na educação como meio de desenvolvimento humano, social e profissional. Todas as minhas conquistas, certamente, começaram com o suor de seus trabalhos.

Por fim, agradeço a todos os professores que passaram pela minha vida, aqueles que eu não lembro o nome e todos os professores do curso de psicologia da UFF campus Niterói, na pessoa do professor Carlos Alberto Costa.

Desde o fim do ensino fundamental I, minha trajetória de estudos foi dentro de instituições públicas. Meu ensino fundamental, o ensino médio, a graduação, o curso de inglês e o curso de informática, todos públicos. Em cada uma dessas instituições, encontrei professores que acreditaram em mim. Acreditaram que hoje eu poderia estar aqui, escrevendo meus agradecimentos em uma dissertação de mestrado. Sem eles, eu não conseguiria acreditar que isso seria possível.

Mesmo com o mal pagamento dos professores, com a escola sem luz, sem merenda, com a manutenção do espaço físico ineficiente, esses homens e mulheres saíam de suas casas para me ensinar. Espero que todo professor que leia esse agradecimento se sinta contemplado; a sua vida e o seu serviço não foram em vão. Obrigado por acreditarem na educação como meio de transformação.

Numa corrida onde muitos começaram a largada quilômetros a minha frente, vocês me ensinaram a correr e a não desistir. Em mim, vocês sempre encontrarão reverência, respeito e admiração. Obrigado!

**Resumo**

O ser humano é afetado pela cultura que o permeia e pelo encontro com a alteridade. Durante a história, as tecnologias participaram das transformações culturais, sociais, econômicas e filosóficas da humanidade. Nesse contexto de constante transformação, a psicanálise depara-se com um desafio: o de escutar e estudar o sujeito contemporâneo. Sujeito este que é influenciado e atravessa pela internet e suas ramificações: as redes sociais. Este trabalho tem o objetivo de relacionar a internet com a subjetividade contemporânea; utilizando-se da teoria dos múltiplos eus e do mal-estar na civilização digital, para pensar o sujeito contemporâneo e a forma como essa nova tecnologia pode influenciar em sua subjetividade. Pretende, ao fim, ser o princípio de um vasto campo de pesquisa para as próximas gerações.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Cultura; Alteridade; Cibercultura; Internet.

**Abstract**

Human beings are affected by the culture that permeates them and by the encounter with otherness. Throughout history, technologies have participated in the cultural, social, economic and philosophical transformations of humanity. In this context of constant transformation, psychoanalysis is faced with a challenge: that of listening to and studying the contemporary subject. This subject is influenced and crosses the internet and its ramifications: social networks. This work aims to relate the internet with contemporary subjectivity; using the theory of multiple selves and malaise in digital civilization, to think about the contemporary subject and the way in which this new technology can influence their subjectivity. Ultimately, it is intended to be the beginning of a vast field of research for future generations.

**Keywords:** Psychoanalysis; Culture; Alterity; Cyberculture; Internet.

## Sumário

|  |            |
|--|------------|
| <b>Introdução.....</b>   | <b>08</b>  |
| <b>Capítulo 1 - Psicanálise e cultura.....</b>   | <b>12</b>  |
| 1- Apresentação do capítulo .....  | 12         |
| 2- Analisando cultura em Freud .....   | 13         |
| 3- A participação da alteridade na formação do psiquismo .....   | 15         |
| 4- O mal-estar e as possíveis vias de satisfação na cultura .....  | 23         |
| 5- Alteridade, cultura e narcisismo.....   | 25         |
| 6- O impulso de agressividade e as nuances da relação com o outro.....   | 28         |
| 7- A experiência de grupo e de massa em Freud.....   | 32         |
| <br>   |            |
| <b>Capítulo 2 - Subjetividade: alteridade e cultura.....</b>   | <b>39</b>  |
| 1- Apresentação do capítulo .....  | 39         |
| <b>Primeira parte: O aparelho psíquico na obra Freudiana.....</b>  | <b>41</b>  |
| 2- A primeira tópica.....  | 41         |
| 3- A segunda tópica .....  | 43         |
| 4- O narcisismo como ocasião de estruturação do psiquismo .....  | 48         |
| 5- A clivagem do Eu.....   | 52         |
| <b>Segunda parte: Elementos da alteridade e da cultura em Lacan.....</b>   | <b>55</b>  |
| 6- Estádio do espelho: símbolo e imagem.....   | 55         |
| <br>   |            |
| <b>Capítulo 3 - O debate acerca da experiência com a internet e sua influência na subjetividade contemporânea.....</b> | <b>60</b>  |
| 1- Apresentação do capítulo .....  | 60         |
| 2- A ascensão da internet e as novas tecnologias digitais .....  | 62         |
| 3- Cibercultura .....  | 64         |
| 3.1- Virtual, digital e linguagem binária de computadores .....  | 67         |
| 3.2- Mídias sociais.....   | 70         |
| 3.3- Mídias sociais e subjetividade.....   | 73         |
| 3.4- Algoritmo e capitalismo de vigilância .....   | 75         |
| 4- A teoria do mal-estar na civilização digital.....   | 80         |
| 5- A teoria dos múltiplos Eus .....  | 87         |
| 6- A inconsistência do Outro no ciberespaço .....  | 93         |
| 7- Ensaios sobre psicanálise e subjetividade contemporânea.....  | 95         |
| <br>   |            |
| <b>Considerações Finais.....</b>   | <b>100</b> |
| <b>Referências.....</b>  | <b>103</b> |



## **Introdução**

Uma das características mais admiráveis dos seres humanos é a capacidade de mudança. As nossas ferramentas manuais mudaram com o tempo, nossas roupas sofrem influência da indústria da moda a cada estação. Nossa arquitetura, nossa ciência, nosso entretenimento e até nossa língua sofre mudanças.

O Renascimento vivido na Europa e em meados do século XIV ao fim do século XVI, trouxe consigo uma mudança epistemológica aos povos europeus sobre o que é o ser humano. Por consequência, provocou, junto à recomposições nos modos materiais de produção, a transição do Teocentrismo da Idade Média para o Antropocentrismo e com ele, o advento da Idade Moderna e suas revoluções.

O fascínio pela mudança impregnou o espírito da modernidade, a humanidade vivia um processo intenso de mudanças e de liquefação dos conceitos solidificados da Idade Média. A própria ideia do que é o homem mudou e, graças a isso, vimos o nascimento da Psicologia como ciência.

O avanço colonizador dos povos europeus fez que com que os povos colonizados e escravizados de diferentes continentes vivessem sob o jugo de suas ideias, sob a imposição de seus modos de vida e que experimentassem também as mudanças epistemológicas vividas na Europa no decorrer dos séculos.

Recentemente, a humanidade teve contato com uma nova perspectiva sobre o mundo e sobre si mesma com a criação da internet e com ela, mudanças inimagináveis foram experimentadas. Desde o surgimento de novas tecnologias, nas mais diversas áreas, há novas percepções do que é o humano e do vínculo social.

É inegável que a mudança acompanha o humano em sua trajetória neste planeta, a relação do homem com a cultura é o necessário para as mudanças acontecerem. Homem e cultura são transformados e transformam-se de forma constante, gerando mudanças em ambos através dos tempos.

Sendo assim, esse trabalho se propõe a investigar possíveis mudanças na subjetividade contemporânea, causadas pela civilização digital e pela cibercultura. Estaríamos nós, diante de uma mudança da subjetividade humana, causada pelo surgimento da internet e pelas redes sociais, ou diante de uma mera ampliação dos recursos, meios e artifícios que propagam algo que resta idêntico ao momento mais imediatamente prévio ao advento dessa tecnologia? Como evidência de resposta para

essa pergunta, temos alguns trabalhos contemporâneos que assumiram o desafio de estudar a influência da internet na subjetividade.

Ante essa questão, poderíamos nós, profissionais da psicologia, atravessados pelo discurso psicanalítico, ignorar os impasses em torno da forma como a subjetividade se estrutura na contemporaneidade, e ainda assim ofertar tratamento psíquico como meio de suporte às formas de mal estar atravessados por essas tecnologias cada vez mais presentes nos discursos de nossos pacientes e em suas queixas?

Tais queixas, apareceram em minha experiência clínica desde meus anos iniciais no estágio em psicologia clínica. Ouvi muitos relatos clínicos que tinham a internet como protagonista/diretora/artista/roteirista/coadjuvante em suas descrições. Citarei, resumidamente, dois relatos que foram o despertar do meu interesse para o tema.

O primeiro é de uma paciente, nome fictício Marina, jovem e solteira, que construía em suas redes sociais uma imagem de si que não correspondia com a realidade. Marina se entristecia com a ideia de ser "desmascarada" pelas pessoas. Ela não nomeava o que fazia como mentira, dizia que: "aquela das redes sociais também sou eu! É uma outra Marina."

O caso de Marina me levou a questionar se a internet estava dando a possibilidade para as pessoas se realizarem de alguma forma que no *off-line* ou não era permitido, ou elas não se permitiam. Além disso, a coexistência de duas Marina com personalidades, gostos e estereótipo diferentes, aguçou minha curiosidade. A paciente se queixava do porque sua vida não era como a dos outros que compartilhavam suas vidas nas redes sociais.

O outro caso, também de um jovem paciente, nome fictício Ricardo. O paciente tinha muitos compromissos acadêmicos, mas se queixava de não ter coragem de resolve-los e como "válvula de escape", passava boa parte do seu dia visitando suas redes sociais em um movimento repetitivo e compulsório. Ricardo dizia não conseguir ficar mais de duas horas sem ver se tinha uma nova notificação em seu smartphone.

O paciente chegou a relatar sintomas que nomeou como "crises" de ansiedade quando tentou passar um tempo sem acessar suas redes sociais. Outro fato interessante e que chama atenção neste caso para a relação da internet com a subjetividade, é que Ricardo era um assíduo *gamer*. Virava madrugadas imerso em jogos on-line.

Em muitos dos seus relatos sobre o jogo, Ricardo nomeava seu avatar não como um personagem, mas em nome próprio, se utilizando do pronome "eu". Certa vez, o paciente informou que seu avatar era uma mulher e que ele "gostava de ter relações

sexuais com homens". Questionado sobre como isso funcionava, Ricardo se assumia heterossexual, mas não via problema em fazer sua personagem ter relações sexuais com personagens homens, dizia gostar disso. Afirmava que no jogo ele era mulher e que estava tudo bem.

Tanto o caso de Marina, quanto o de Ricardo, são exemplos de muitos relatos clínicos que recebo dessa construção de si a partir do contato com a internet. Nesse contexto, meu desejo se direcionou ao tema pois estava evidente para mim que algum fenômeno da percepção de si e da experiência com o mundo, estava sendo perpassada pelo uso da internet. É notório que estamos diante de uma problemática contemporânea que convoca cada psicanalista e psicólogo a retomar sua atenção para a articulação cultura e sujeito.

Nossa posição é a de que não é possível contornar essa questão, ignorando-a, sendo crucial nos debruçarmos sobre tal problema. Objetivamos, no trabalho desta dissertação, conseguir enunciar e colocar, da forma mais qualificada possível, essa problemática. A fim de dar encaminhamento a essas indagações, ancorado principalmente em Freud, mas, também, fazendo recurso à construções de Lacan e de outros analistas e de teóricos sociais, o seguinte caminho.

No primeiro capítulo, veremos como a relação da cultura com o humano é fundamental para a formação do sujeito e sua subjetividade. Além disso, com o desdobramento do capítulo, perceberemos que para o bom exercício da psicoterapia, é imprescindível estudar e se debruçar sobre os temas sociais vigentes de nossa época.

No segundo capítulo, irei enfatizar no estudo da subjetividade em Freud e em fragmentos de Lacan, tendo como prioridade as disposições concernentes a espécie humana, e também, a necessidade contato com a cultura e com o outro. O estudo da subjetividade e a influência da cultura é fundamental para darmos prosseguimento na investigação se há alguma interferência da internet na subjetividade contemporânea.

No terceiro capítulo, chegarei ao tema da internet, da cibercultura e das tecnologias digitais para discutir possíveis interferências do fenômeno global da rede de computadores na subjetividade a partir de duas teorias contemporâneas. A teoria do mal-estar na civilização digital e a teoria dos múltiplos eus. Para Leite (2022), o contato com as redes sociais e seus algoritmos tem produzido uma nova forma de mal-estar na contemporaneidade. Um mal-estar que se fundamenta no "seqüestro" da atenção do usuário e da intolerância ao tédio.

Já para Turkle (1997), o eu contemporâneo é um eu multifacetado por influência das redes sociais. Para a socióloga e psicanalista norte-americana, é contato com a internet deu ao usuário possibilidades de reinventar e descobrir uma identidade não centralizada. Assim, o eu, instância psíquica que hospeda o conflito entre os impulsos do isso, as exigências sociais e a vigilância do supereu, encontra na contemporaneidade possibilidades de diminuir a tensão do conflito graças a internet e seus recursos de fluidez e reciclagem.

Para o debate, farei uma breve exposição sobre a importância de considerar o neoliberalismo, e sua crença do individualismo como Modus Operandi de realização humana, como um tema necessário na discussão sobre subjetividade contemporânea. Além disso, tratarei também do tema do mal-estar na atualidade de Birman (1999). Esses temas são citados no início do terceiro capítulo pela sua relevância ao assunto e nos ajudam a pensar nas mudanças culturais que afetam a subjetividade.

Assim, teremos as ferramentas possíveis para investigar e apresentar as possíveis interferências culturais na subjetividade contemporânea a partir de teorias já elaboradas e apresentadas à comunidade científica. O trabalho abre inúmeras portas de pesquisa e estudo, sejam eles a nível interno ao sujeito e sua subjetividade, seja a nível social e político, dado os riscos de um uso imoderado e insensato da internet e suas tecnologias.

É possível também mergulhar profundo na relação do sujeito com a cultura e com a alteridade para pensar um Outro algorítmico, binário, sem possibilidade de gradações e ambivalência. Uma porta interessante para trabalhos futuros.

Por conseguinte, se existir a mínima possibilidade da internet estar interferindo na subjetividade contemporânea, isso já não bastaria para atrair nossa atenção e curiosidade? Compartilho aqui uma angústia que me acompanha desde a época da graduação: o fim da curiosidade, a morte da reflexão e o apagar das consciências. Por isso, para mim, torna-se imperativo pensar numa psicanálise articulada com a cultura. Esta é uma forma bela e útil de nos mantermos vivos diante de um mundo sempre vivo e mutável.

Vejo este trabalho como minha humilde intenção de salvaguardar o legado de todos aqueles que me antecederam nos estudos em psicanálise, uma forma de indicar o caminho para todos aqueles que virão e continuarão fazendo a psicanálise florescer e dar frutos.

## Capítulo 1

### Psicanálise e cultura

- 1- Apresentação do capítulo

A relação do sujeito<sup>1</sup> com a cultura apresenta um lugar de destaque desde os primórdios da psicanálise. A obra Freudiana está recheada de elementos referidos aos modos de organização, às idéias, signos, símbolos e valores que circulam numa coletividade, às vicissitudes afetivas na relação com o Outro, às tensões entre o sujeito e seus semelhantes, ao ponto de podermos considerar que a relação entre psicanálise e cultura é algo indissociável. Assim, o tema da cultura se apresenta como um dos temas centrais dentro do universo da psicanálise.

Neste capítulo, irei percorrer alguns textos da obra Freudiana, revelando a presença fundamental das formações psíquicas coletivas para a psicanálise. Será possível perceber a relevância da relação sujeito e cultura; além de um convite implícito na obra Freudiana: todo bom psicanalista deve se interessar em estudar a cultura, assim como seu fundador.

Tal percepção será um alerta necessário: a psicanálise sem o estudo da cultura, corre o risco de fazer ciência de forma normativa. Uma prática ao avesso da Psicanálise. Prática que modela subjetividades e corpos, pautada em ideologias regularizadoras, que não oferta ao mundo e ao sujeito a possibilidade de escolha sobre a própria vida.

Pelo contrário, a psicanálise deve continuar expandindo seus efeitos para além dos muros invisíveis do setting analítico, já que este já se encontra na *polis*, pois quando decide olhar para o sujeito como parte de uma cultura, reconhece nele as marcas de suas experiências com o Outro e, assim, tem um efeito transformador duplo: no sujeito e no laço social.

O estudo e o olhar sobre a cultura faz da psicanálise mais atenta, mais sensível e mais capaz de ofertar todos os seus benefícios. As trocas sociais psíquicas não devem ser ignoradas, uma vez que o coletivo e o pessoal estão entrelaçados. A estrutura desse laço, suas mudanças, leis, políticas, tecnologias, modo de vida, tem influência na vida do sujeito e em tantas outras características culturais, devem ser analisados com muita

---

<sup>1</sup> "Termo corrente em psicologia, filosofia e lógica. É empregado para designar ora um indivíduo, como alguém que é simultaneamente observador dos outros e observado por eles, ora uma instância com a qual é relacionado um predicado ou um atributo." (Roudinesco; Plon, 1998).

atenção porque "a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social." (Freud, 1921).

- **2- Analisando cultura em Freud**

Antes de podermos tirar conseqüências sobre a questão do que a psicanálise teria a dizer sobre as modulações culturais contemporâneas e seus possíveis impactos para a subjetividade, precisamos realizar uma primeira tarefa. Sendo um tema tão relevante para compreendermos o humano sob a ótica da psicanálise, que precisamos de um auxílio na busca de entendimento do que pode ser considerado cultura para Freud. Para esta tarefa, recorro ao livro "Freud e a Cultura" de Betty Fuks.

Betty Fuks (2003), com uma escrita cristalina e leve, releva camada por camada, num processo de avaliação da obra freudiana, a relevância do tema da cultura dentro da psicanálise. Nada mais distinto da obra freudiana do que separar a psicanálise individual da coletiva, tema por ele mesmo citado.

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social.<sup>2</sup>

Ou seja, no cerne do pensamento do que é a psicanálise, a diferença entre psicologia individual e coletiva não aparece. Pelo contrário, como insistirá Lacan, interlocutor privilegiado em nossa leitura de Freud, o sujeito do inconsciente como matéria viva da subjetividade, se presentifica em todos os fenômenos políticos e culturais da sociedade humana. Assim, automaticamente, aquele que estuda psicanálise e se torna um analista, passa a ocupar um lugar de crítico da cultura.

Em "Freud e a Cultura", Betty Fuks explica que o termo "cultura" usado na obra Freudiana pode ser diferenciado do termo de "civilização". Por mais que sejam dois conceitos costumeiramente utilizados como sinônimos, Betty Fuks reconhece que há uma diferença entre civilização e cultura na obra Freudiana.

---

<sup>2</sup> Freud, 1921.

Para Fuks, a ideia de civilização presente na obra Freudiana está relacionada como uma estrutura mais material da vida coletiva, são as conquistas e desenvolvimentos humanos de ordem física que representam a cultura e, de forma dialética, junto dela é continuamente construída.

Já a cultura, é o aspecto imaterial da vida em sociedade. Engloba o patrimônio ideológico de um povo, transmitida de geração em geração, de forma voluntária e involuntária entre os membros de um povo. A cultura influencia na disposição e na forma do sujeito enxergar a civilização, o outro e a si mesmo.

Fuks denomina cultura como um encontro dos fenômenos individuais e interiores do sujeito, com um código universal presente entre os povos. Os fenômenos individuais podem ser da ordem do inconsciente e puramente biológicos, sem o controle do sujeito; e o chamado código universal é fruto do processo de subjetivação da linguagem que acontece na relação com o outro e é transmitido entre as gerações desde o início da vida em sociedade.

A civilização possui muitas alegorias que representam a cultura: a arquitetura, a linguagem, o modo de vida, a arte e as instituições, por exemplo, contam a história de como um determinado povo se constitui através do tempo. E, nas entrelinhas, demonstram o código universal subjetivado através da linguagem que tece a compreensão ontológica do povo.

Dessa forma, vemos que a participação do outro na vida do sujeito influência em sua formação, sobrevivência e subjetivação, dando solidez à afirmação de que cultura e psicanálise, a psicologia individual e a coletiva não se distinguem.

Assim, percebemos que na obra Freudiana, cultura pode representar esse código universal que descreve a realidade e a existência para o sujeito. Que antes do próprio sujeito conseguir reconhecer-se como alguém consciente de si, já é dito e nomeado pela cultura.

A cultura, então, seria esse patrimônio imaterial, transmitido pela linguagem que conduz o sujeito a um modo de vida e participa da estruturação de seu psiquismo. É no terreno fértil da cultura que as disposições biológicas humanas encontram substratos para dar origem à vida psíquica do sujeito.

Sendo assim, cultura e civilização se retroalimentam e tem também com o sujeito uma relação de influência mútua. Mudanças na cultura interferem na vida e no psiquismo, assim como o humano tem a capacidade de fazer alterações na cultura e na civilização em que está inserido.

Veremos, em todos os temas abordados nesse trabalho, a participação da cultura como integrante indispensável para a formação do psiquismo. Esta participação da cultura na vida do sujeito sempre esteve presente na obra Freudiana, seja de forma direta por meio de textos como: "Projeto para uma psicologia científica" (1895), "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna" (1908) e "Totem e Tabu" (Freud,1913), ou de forma implícita em textos como: "Introdução ao narcisismo" (1914), "O inconsciente" (1915) e "O Eu e o Isso" (Freud, 1923).

- **3- A participação da cultura na formação do psiquismo**

Em "Projeto para uma psicologia científica" (1895), Freud nos apresenta o desamparo como condição de insatisfação, uma vez que o bebê recém-nascido precisa da ajuda de um outro que realize uma função específica (alimentação, proteção e satisfação) para a manutenção de sua vida.

Ou seja, a condição do humano ao nascer é tão dependente da ação alheia que, sem a participação do outro que o ampara, não sobreviveria. Este outro que ampara o recém-nascido, traz consigo características culturais, desde a forma de banhar e alimentar o bebê até o vínculo estabelecido entre ambos.

No "Projeto" Freud (1895), dedica-se a analisar a relação do sujeito quanto matéria orgânica com o ambiente externo. Dessa forma, busca fazer relações entre o desenvolvimento psíquico e a interferência do meio em que o sujeito está inserido. Em outros termos, Freud apresenta-nos uma elaboração sobre o desenvolvimento e a vida psíquica do sujeito com aquilo que se difere dele em seus contornos corporais.

Assim, vemos o aparelho psíquico surgir como meio de lidar com as tensões experimentadas pelo sujeito, ainda bebê. Há um reconhecimento da matéria orgânica de que existem estímulos externos e internos. A urgência da vida convoca a matéria a ter que lidar com esses estímulos.

As consequências disso são: a impossibilidade de fugir das tensões, uma vez que o corpo está vivo, e o início da experiência do desamparo, já que existem estímulos que não são aplacados e satisfeitos no próprio material orgânico ou pela realidade psíquica.

Freud nos apresenta sua teoria de que o mecanismo psíquico, em sua estrutura fisiológica, é formado por neurônios e que existe uma energia que chamou de "Q", energia esta que se movimenta entre os neurônios. Essa energia pode possuir duas origens: uma vinda dos próprios neurônios e outra vinda do mundo exterior. Dessa



forma, Freud decide descrever a interferência entre o organismo e o meio externo para a vida psíquica do sujeito.

Seguindo seu raciocínio, Freud (1895) relata que a energia "Q" que circula entre os neurônios e tem sua origem no próprio organismo, provoca uma tensão. Para que essa tensão seja sanada, de forma temporária, é necessário uma intervenção externa. Essa intervenção externa Freud chamou de "ação específica", de modo simples, essa ação seria algo como um amparo, uma ajuda que o próprio sujeito em sua dimensão orgânica não consegue realizar e saciar sozinho.

Assim, podemos perceber que, já no início de sua obra Freud mostra-nos que para que o sujeito realize suas satisfações e encontre alívio para a tensão que nasce do próprio organismo, ele precisa de um agente externo. Precisa de alguém que o ampare, que esteja atento às suas necessidades.

O sujeito utiliza dos meios possíveis para sinalizar seu sofrimento e desconforto quando não possui a assistência e o amparo que aplaque a tensão gerada. Quando criança, o faz por meio de gritos e do choro, meios incapazes de causar alívio, mas que servem como forma de anunciar seu desconforto e, assim, encontrar satisfação quando recebe assistência externa.

Então, vemos aquilo que melhor encontraremos na obra Lacaniana, a presença do Outro primordial feito presente no outro. A experiência de amparo produz uma ilusão de união para o bebê, uma ideia de completude e de corpo continuado que se opõe às experiências de separação. A separação do bebê diante do amparo externo que o satisfaz instalará no sujeito a percepção de desunião e de descontinuidade, de falta e de desamparo que aflorarão o vínculo social, base da alteridade e da relação com o outro.

Por isso, é possível perceber na obra Freudiana, como a alteridade está, desde o princípio da vida do sujeito, se instaurando como substrato para sua formação psíquica, sobrevivência e desenvolvimento

Em certo momento, ao relatar a relação do meio interno e externo, Freud apresenta algo que pode nos introduzir no tema da alteridade, mesmo que o autor não utilize esse termo. Podemos encontrar certa semelhança do tema da alteridade com a obra de Freud quando este nos apresenta o conceito do "complexo do próximo".

Quando percebe o mundo externo, o sujeito depara-se com inúmeros objetos, um deles é o outro humano. Assim, sua percepção captura algo no mundo externo que difere de si pois está fora de seus limites corpóreos, mas ao mesmo tempo, algo que se assemelha, um outro objeto que lhe é semelhante.

Esse outro semelhante pode flutuar entre o lugar de objeto de satisfação do sujeito e também objeto de hostilidade. O sujeito passa a perceber no outro características suas como a forma corpórea e características que o faz lembrar de si mesmo como a experiência de ouvir um grito; fazendo-o remeter a própria experiência de desamparo e sofrimento.

A relação de proximidade com outro ser humano, desde a infância, nos coloca sob a influência da alteridade na construção do mecanismo psíquico. Aponta-nos para uma condição de diferença entre o eu e o outro, mas também, nos coloca em convívio com algo de semelhante, análogo e comparável. Dessa forma, Freud demonstra que, na experiência de contato com o outro, somos capazes de nos reconhecer para além de nós mesmos, para além dos nossos limites corpóreos; nos tornamos capazes de nos reconhecer no outro, no semelhante.

Assim, Freud (1985), classifica o complexo do próximo como algo dividido em duas partes. A primeira parte possibilita que o sujeito se reconheça como algo no mundo, algo que possui limites corpóreos e que é diferente do outro. A segunda parte, possibilita o sujeito a enxergar-se no outro semelhante, o mesmo que lhe é diferente, a partir das suas próprias recordações e dos comportamentos similares.

Então, podemos perceber que, mesmo em textos considerados "pré-psicanalistas" Freud sublinha a participação e a importância do outro na vida psíquica do sujeito; seja como meio de reconhecimento de si como algo no mundo, seja como meio de perceber a existência do outro que é, paradoxalmente, semelhante e diferente do sujeito. Assim, vemos na obra Freudiana a cultura e a alteridade como temas que compõem as estruturas de fundação da psicanálise e, por isso, não devem ser ignoradas.

A experiência do desamparo, a necessidade e a busca pelo outro já é vivida pelo humano desde o nascimento. Isso demonstra que a alteridade é tão fundamental ao humano que, sem ela, encontraria a morte nos primeiros momentos da vida. A relação do outro que ampara com o recém-nascido será o palco futuro do Narcisismo que desempenha função central na construção do sujeito.

Na primeira parte do "Projeto de uma psicologia científica", Freud afirma que é a partir do desamparo que é possível compreender o núcleo da busca de satisfação, é na experiência de desamparo que o sujeito começa a reconhecer-se faltante. Isso nos revela que, a busca de satisfação presente na relação da pessoa que ajuda com o desamparado, funciona como uma espécie de prefiguração do deslocamento libidinal, seja ela como libido do objeto ou do eu.

Quando o recém-nascido desamparado recebe uma ação específica vinda do mundo externo de seu cuidador, vive a experiência de satisfação e assim, cessa o estímulo de desprazer, seja ele fisiológico e/ou pulsional, do seu campo de percepção. Essa experiência de cuidado efetuada em alteridade, é mediada e modulada pela cultura, suas impressões, seus conceitos de cuidado e do que venha ser, em ato propriamente dito, uma ação específica. Por exemplo: a forma de cuidado de um recém-nascido é transmitida culturalmente dentro da sociedade. Cada povo terá suas práticas e formas de cuidado.

Sendo assim, mais uma vez, vemos a cultura atuar na construção do sujeito. Na experiência do desamparo, a cultura aparece nas malhas da alteridade desde o nascimento do humano, apresentando formas e balizando o jeito com que a ação específica irá acontecer. Essa ação específica tem "as conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo." (Freud 1895).

Em "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna" (1908), Freud apresenta as influências culturais que contribuem para a estrutura psíquica do homem moderno. Assim, demonstra que, para apreender sobre a singularidade do sujeito, tema caro e central da psicanálise, é preciso ter um olhar atento e analítico às malhas da cultura.

O vínculo entre sujeito e cultura é inseparável, uma vez que ambos se constituem e sofrem influência mútua. Isso fica evidente em "Moral sexual civilizada e doença moderna nervosa" (1908), onde o autor descreve o processo de adoecimento do sujeito diante dos imperativos da civilização. Ao mesmo tempo que o sujeito constrói a civilização e dela usufrui de benefícios, por ela se depara com as exigências da cultura em recalcar seus desejos sexuais, dando origem ao adoecimento do homem moderno.

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais.<sup>3</sup>

Freud, ao deparar-se com o sujeito na clínica, leva-nos a reconhecer a necessidade da escuta singular e, ao mesmo tempo, nos convoca à busca de compreensão das causas de seu adoecimento. "Os próprios neurologistas asseveram enfaticamente que existe uma relação entre a 'alta incidência da doença nervosa' e a

---

<sup>3</sup> Freud, 1908, p.98.

moderna vida civilizada." (Freud, 1908). Ou seja, em sua análise, revela que, o sujeito adoece porque reprime a libido<sup>4</sup> como meio de negociação para a permanência na civilização.

Se deixarmos de lado as modalidades mais leves de 'nervosismo' e nos atermos às doenças nervosas propriamente ditas, veremos que a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual 'civilizada' que os rege.<sup>5</sup>

A energia da libido reprimida não desaparece, mas é empregada de outras formas na civilização. Assim, além do adoecimento do sujeito, a repressão da libido contribui para a construção e manutenção da civilização; suas representações artísticas e culturais; suas tecnologias e desenvolvimento são potencializados pela energia da libido que foi reprimida. O deslocamento da energia sexual para um outro fim que não seja a satisfação sexual, Freud chamou de Sublimação<sup>6</sup>. Um recurso psíquico que surge como mecanismo de "burlar" as exigências da civilização e que possibilita o sujeito de encontrar em outro objeto para a sua satisfação sexual.

O instinto sexual - ou, mais corretamente, os instintos sexuais, pois a investigação analítica nos ensina que o instinto sexual é formado por muitos constituintes ou instintos componentes - apresenta-se provavelmente mais vigorosamente desenvolvido no homem do que na maioria dos animais superiores, sendo sem dúvida mais constante, desde que superou completamente a periodicidade à qual é sujeito nos animais. Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação.<sup>7</sup>

A apresentação do recalque da libido, que é provocado e estimulado pela civilização em "Moral sexual civilizada e doença moderna nervosa" (1908), inaugura uma série de relações entre o sujeito e a cultura que irá integrar toda a história da psicanálise. Como consequência da relação sujeito e cultura, desenvolve-se para o

---

<sup>4</sup> "Energia postulada por Freud como substrato das transformações da pulsão sexual quanto ao objeto (deslocamento dos investimentos), quanto à meta (sublimação, por exemplo) e quanto à fonte da excitação sexual (diversidade das zonas erógenas)." (Laplanche; Pontalis, 1991).

<sup>5</sup> Freud, 1908, p.100.

<sup>6</sup> "Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados." (Laplanche; Pontalis, 1991).

<sup>7</sup> Freud, 1908, p.101.

sujeito, como possibilidade de brecha diante dos imperativos culturais e os anseios de satisfação da libido, a sublimação.

Logo, o sujeito, inerente e imperceptível a seus processos inconscientes, adoece e produz seu sintoma<sup>8</sup> na busca da satisfação de suas pulsões deslocadas para outros objetos. "Quem penetrar nos determinantes das doenças nervosas cedo ficará convencido de que o incremento dessas doenças em nossa sociedade provém da intensificação das restrições sexuais." (Freud, 1908). Vemos então, a participação efetiva e marcante da cultura na constituição do objeto da psicanálise: o sujeito do inconsciente.

A ideia de que o recalque da libido estava na origem das chamadas doenças nervosas modernas, é uma consequência do conceito de pulsão<sup>9</sup> que nos é apresentado em "Três ensaios para a teoria da sexualidade" (1905, Freud). Tal conceito, apresenta-se como uma importante peça que une a "psicologia individual" da "psicologia social".

Uma vez que apresenta a busca de satisfação das pulsões humanas, suas modulações, consequências defronte as obrigações morais da cultura e abre caminho para pensar nos mecanismos inconscientes. "A psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado." (Freud, 1921).

Em "Totem e Tabu" (Freud, 1913), o autor continua sua obra relacionando as características culturais com os fenômenos psíquicos. Freud analisa o modo de vida e os comportamentos de povos nomeados como "selvagens" e encontra neles, atitudes e reações muito semelhantes aos dos seus pacientes.

Por isso, Totem e Tabu é um texto de elevada significância para entender a relação entre sujeito e cultura, uma vez que nos apresenta como a configuração social e seus acordos nos povos primitivos, influenciaram o sujeito "selvagem" e como tais configurações se ramificaram até serem percebidos na clínica de Freud.

O fundador da psicanálise percebe que em muitas sociedades primitivas, o horror ao incesto era presente. De tal forma que, torna-se um Tabu; uma interdição que não deve ser descumprida ou o infrator e seu clã seriam penalizados. A aversão ao

---

<sup>8</sup>"Um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo da repressão." Freud, 1926.

<sup>9</sup>"Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta." (Laplanche; Pontalis, 1991).

incesto era apenas uma dentre muitas interdições nas sociedades primitivas analisadas por Freud.

O Tabu pode não ter uma explicação lógica, mas deve ser respeitado pelos membros de uma sociedade. São práticas que não são aceitas, mas que foram estabelecidas dentro do modo de vida de um povo e que são passadas e respeitadas de geração em geração.

"Os tabus seriam proibições antiqüíssimas, impostas uma vez a uma geração de homens primitivos, ou seja, neles inculcadas violentamente pela geração anterior. Tais proibições recaíram sobre atividades para as quais havia um forte pendor. Elas então foram mantidas de geração em geração, talvez simplesmente devido à tradição, levada pela autoridade dos pais e da sociedade. Mas talvez já tenham se "organizado", dentro das organizações posteriores, como parte do patrimônio psíquico herdado."<sup>10</sup>

A interdição que assume a forma de Tabu referente ao incesto nas sociedades primitivas, pode estar na origem do complexo de Édipo descrito por Freud, um fator importante para compreender sobre a participação dos fenômenos e costumes culturais na participação da construção do sujeito.

Assim como o Tabu, Freud descreve o Totem como uma prática história de repressão de um hábito ou comportamento, tendo uma explicação lógica ou não. O descumprimento do Totem leva a conseqüências severas ao infrator. O Totem, diferente do Tabu, está associado à figura de um animal ou característica da natureza, como por exemplo: o sol, a lua, o mar e a chuva. Infringir ou descumprir o preceito totêmico acarretaria na fúria das forças representadas pelo Totem e levaria o infrator e/ou seu clã à penalidades; sejam elas aplicadas pelas próprias forças representadas pelo Totem ou pelos membros de sua tribo/clã. Cada Totem possui seus regulamento de conduta, possibilidades e restrições dentro da tribo dos chamados "selvagens".

Ao trazer o tema do Totemismo e do Tabu, Freud relaciona a repressão das pulsões no sujeito moderno com a repressão de um comportamento presente no Totem e no Tabu, mais uma vez, a cultura aparece como tema de relevância na Psicanálise.

"Mas por que devemos voltar nosso interesse para o enigma do tabu? Acho que não apenas porque todo problema psicológico é digno de uma tentativa de solução, mas também por outros motivos. Suspeitamos que o tabu dos selvagens polinésios não se acha tão longe de nós como pensávamos inicialmente, que as proibições morais e tradicionais a que obedecemos poderiam ser essencialmente aparentadas a esse tabu primitivo, e que o esclarecimento do tabu lançaria luz sobre a obscura origem de nosso próprio "imperativo categórico".<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Freud, 1913, p.39.

<sup>11</sup> Freud, 1913, p.31.

De um grau mais elevado ao Totem, o Tabu não se restringe ao ícone de um animal, mas às restrições culturais que se aplicam de forma específica aos membros da tribo. O autor aponta semelhanças entre o Tabu e a estrutura psíquica que comporta o recalque das pulsões. De forma específica, ao Neurótico Obsessivo<sup>12</sup>, que encontra na prática de ritos e de crenças infundadas, um sintoma que se apresenta como alternativa entre os imperativos culturais e as demandas pulsionais.

"Quem aborda o problema do tabu a partir da psicanálise, isto é, da investigação da parcela inconsciente na vida psíquica individual, logo se dá conta, após breve reflexão, de que esses fenômenos não lhe são desconhecidos. Pois sabe de pessoas que individualmente criaram para si proibições de tabu, e que as seguem de forma tão rigorosa como os selvagens obedecem às que são comuns à sua tribo ou sociedade. Se não estivesse habituado a designar tais pessoas como "doentes obsessivos", acharia apropriado o nome de "doença do tabu" para seu estado."<sup>13</sup>

Freud ainda aponta que, dentro dos sistemas de Totem e Tabu, existem tribos que permitem uma certa profanação ao Totem e o descumprimento do Tabu em certos ritos sagrados em festas e dias específicos. Levando-nos à percepção de que a presença dos sentimentos ambivalentes experimentados pelo sujeito, encontra eco na cultura. Aquilo que deve ser amado e respeitado, pode ser odiado e profanado em certas culturas. Assim, espelha a ambivalência do sujeito diante de suas pulsões. É a cultura e o sujeito experimentando os mesmos fenômenos em escalas diferentes.

"Eles têm, em relação a tais proibições, uma atitude ambivalente; nada gostariam mais de fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente porque querem, e o temor é mais forte que o desejo. No entanto, o desejo é inconsciente em cada indivíduo desse povo, tal como no neurótico."<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> "Classe de neuroses definidas por Freud e que constituem um dos principais quadros da clínica psicanalítica. Na forma mais típica, o conflito psíquico exprime-se por sintomas chamados compulsivos\* (idéias obsedantes, compulsão a realizar atos indesejáveis, luta contra estes pensamentos e estas tendências, ritos conjuratórios, etc.) e por um modo de pensar caracterizado particularmente por ruminação mental, dúvida, escrúpulos, e que leva a inibições do pensamento e da ação. Freud definiu sucessivamente a especificidade etiopatogênica da neurose obsessiva do ponto de vista dos mecanismos (deslocamento do afeto para representações mais ou menos distantes do conflito original, isolamento \*, anulação retroativa \*); do ponto de vista da vida pulsional (ambivalência \*, fixação na fase anal e regressão \*); e, por fim, do ponto de vista tópico (relação sadomasoquista interiorizada sob a forma da tensão entre o ego e um superego particularmente cruel). Esta elucidção da dinâmica subjacente à neurose obsessiva e, por outro lado, a descrição do caráter anal e das formações reativas \* que o constituem permitem ligar à neurose obsessiva quadros clínicos em que os sintomas propriamente ditos não são evidentes à primeira vista." (Laplanche; Pontalis, 1991).

<sup>13</sup> Freud, 1913, p.34.

<sup>14</sup> Freud, 1913, p.39.

É possível também perceber que, a presença do Totem e do Tabu nas sociedades selvagens, modernas e contemporâneas, podem representar o que o sujeito experimenta de forma singular na experiência da castração<sup>15</sup>. Onde vê-se impossibilitado de satisfazer suas pulsões mediante a proibição de contato com seu objeto de desejo. Dessa forma, ao observar a sociedade, podemos também inferir sobre fenômenos psíquicos.

Além disso, a submissão à interdição presente no Totem e no Tabu assemelha-se à submissão à lei presente no sujeito. Aquilo que se via socialmente em Totem e Tabu, encontra um paralelo psíquico. Assim como socialmente as pessoas se submetiam a leis e a regimentos oriundos de práticas culturais, assim acontece no psiquismo que experimenta limitações e restrições em sua experiência pulsional por causa de hábitos e modos de vida culturais.

Tal submissão, castra o sujeito, abre portas para a sublimação, para o recalque e para os sintomas neuróticos. A internalização da lei é uma das origens do supereu, instância psíquica descrita por Freud e que possui um alto papel de socialização do sujeito.

"Esse exemplo de comparação entre o tabu e a neurose obsessiva permite imaginar qual a relação das diversas formas de neurose com as formações culturais, e como o estudo da psicologia das neuroses é relevante para compreendermos a evolução cultural. As neuroses mostram, por um lado, notáveis e profundas concordâncias com as grandes produções sociais que são a arte, a religião e a filosofia, e, por outro lado, aparecem como deformações delas. Pode-se arriscar a afirmação de que uma histeria é uma caricatura de uma obra de arte, uma neurose obsessiva, a caricatura de uma religião, e um delírio paranóico, de um sistema filosófico."<sup>16</sup>

Assim, o fundador da Psicanálise mostra-nos, mais uma vez, que, "A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinamos mais detidamente." (Freud, 1921).

- **4- O mal-estar e as possíveis vias alternativas de satisfação na cultura**

---

<sup>15</sup>"Freud\* denominou complexo de castração o sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos. [...]O complexo de castração compõe-se de duas representações psíquicas. Por um lado, o reconhecimento, que implica a superação da renegação, inicialmente observada, da diferença anatômica entre os sexos. Por outro, como consequência dessa constatação, a lembrança ou atualização da ameaça de castração." (Roudinesco; Plon, 1998)

<sup>16</sup> Freud, 1913, p.79.



Seguindo nosso caminho pela obra Freudiana, encontramos em "O mal-estar na civilização" (Freud, 1929), um grande conteúdo psicanalista que relaciona a cultura e o sujeito, mostrando o quanto essa discussão é preciosa para compreendermos o sujeito e seus fenômenos a partir da psicanálise.

Nesta obra, Freud não faz distinção entre civilização e o conceito de cultura, mostra-nos que a humanidade abriu mão de traços de sua natureza instintiva, como consequência, houve uma redução da agressividade e a diminuição de práticas sexuais consideradas imorais. Segundo Freud (1929) a vida em sociedade concedeu ao ser humano benefícios, como por exemplo: a segurança, a satisfação da vida com o outro, a sublimação e a proteção, mas exigiu que o mesmo humano abrisse mão de parte de sua natureza instintiva e de algumas formas de satisfação pulsional.

Ou seja, ao mesmo tempo que se inaugura a cultura e dela o homem encontra benefícios, para conseguir viver nela precisa dar algo em troca. Ao observarmos a infância, percebemos a predominância do isso no aparelho psíquico. A criança busca encontrar satisfação para suas pulsões e instintos.

O contato com a cultura priva o ser humano de alguns meios de satisfação, uma vez que, para viver em sociedade, não pode realizar tudo o que deseja. Ao deparar-se com a privação imposta pela cultura (o que Freud chamou de "mal-estar"), a energia psíquica da pulsão não desaparece, mas busca caminhos alternativos para sua realização.

Por meio da sublimação, a pulsão encontra meios de se realizar sem deixar de corresponder às normas sociais. Dessa forma, a cultura oferece meios para que a criança construa seu caminho de satisfação por vias alternativas e com aceitação moral. É possível perceber, mais uma vez, o valor da cultura para a psicanálise, além da extrema importância de estudá-la para melhor compreendermos o sujeito.

O embate entre as pulsões do isso<sup>17</sup> e os imperativos culturais presentes na sociedade dão origem ao supereu. Assim, a cultura e o outro pertencente a ela, participam da constituição do sujeito; dando-lhe benefícios, castrando-o de traços de seus instintos e apresentando um caminho para a satisfação que tenha aceitação social.

---

<sup>17</sup> "Termo introduzido por Georg Groddeck\* em 1923 e conceituado por Sigmund Freud\* no mesmo ano, a partir do pronome alemão neutro da terceira pessoa do singular (Es), para designar uma das três instâncias da segunda tópica\* freudiana, ao lado do Eu e do Supereu. O isso é concebido como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente. A tradução francesa foi introduzida por Édouard Pichon\* e a inglesa, por James Strachey\*. No Brasil também se usa "id". (Roudinesco, Plon, 1998).

A cultura é, segundo Freud, uma conquista para o ser humano. Porque, mesmo que imponha uma privação de parte da satisfação do sujeito, ele é beneficiado pelo convívio em sociedade e pelas relações humanas; exemplo disso são: a arte, a organização do trabalho, a proteção e a transmissão de conhecimento. Portanto, percebemos que o sintoma e o mal-estar podem ser considerados uma ação de desagrado contra a coerção cultural.

Em "O mal-estar na civilização", Freud leva-nos a refletir sobre a forma em que a sociedade se constituiu, e de como esse modelo de sociedade atua diretamente no aparelho psíquico do sujeito. Assim, mostra-nos que, o estudo e a investigação da cultura é um fator primordial para a psicanálise, uma vez que, ela é o campo de desenvolvimento de seu objeto de estudo e protagonista no processo de construção do sujeito.

- **5- Alteridade, cultura e narcisismo**

A alteridade, o contato com o outro, é uma das formas mais presentes e marcantes para o sujeito no que diz respeito ao contato com a cultura. Sendo assim, é pelo contato com o outro que o sujeito se forma e se constitui. De forma específica, é na relação com o outro que, muitas vezes, o sujeito experimenta o modo de vida, as possibilidades e as privações presentes na cultura. Isso porque, o outro é um reservatório ambulante dos códigos universais que formam a cultura. Tais códigos universais que modelam a sociedade e as subjetividades.

A obra de Freud, ao analisar o sujeito do inconsciente, reconhece e percebe a todo momento a participação do outro na vida e história do sujeito. Assim, para melhor compreendermos a relevância do estudo sobre a cultura na psicanálise, precisamos mergulhar mais fundo e nos aprofundarmos naquilo que é uma das formas da cultura se presentificar no sujeito: a relação com o outro. Essa importante relação será melhor apresentada no seguinte capítulo, por hora, veremos uma breve apresentação sobre o tema.

A vida em sociedade, o contato com o outro, a formação da libido objetual<sup>18</sup> ou do Eu, a identificação e/ou o estranhamento com o outro, o narcisismo, o complexo de

---

<sup>18</sup> "Foi principalmente o estudo das psicoses que levou Freud a reconhecer que o sujeito podia tomar a sua própria pessoa como objeto de amor (*ver*: narcisismo), o que, em termos energéticos, significa que a libido pode investir-se tanto no ego como num objeto exterior. E essa a origem da distinção introduzida

Édipo, o desamparo, tudo isso, e muito mais, são insígnias que participam da formação do aparelho psíquico e a ele são impressas por meio da cultura.

As relações com os outros são partes fundamentais na constituição da subjetividade. É a cultura que nomeia, faz a mediação, classifica, modula, aprova e desaprova essas relações. Logo, a cultura produz uma conexão tensionada das singularidades, no mais básico caráter estrutural da subjetividade; já que, sua constituição depende das relações sociais e estas são frutos da cultura.

Dessa forma, a alteridade desponta no horizonte da filogênese, da ontogênese, do aparelho psíquico e do laço social como pedra angular que fundamentará não só o modo de ser e estar no mundo, mas a própria sobrevivência do sujeito. É pela alteridade, com a alteridade e através da alteridade que a linguagem e a noção de corporeidade, por exemplo, são desenvolvidas. "Uma unidade comparável ao eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido." (Freud, 1914, p.13).

Através do relato do Narcisismo, uma das peças centrais na teoria psicanalista, iremos compreender como o contato com o outro é fundamental para o desenvolvimento do sujeito. O tema do Narcisismo será apresentado neste capítulo para enfatizar a participação deste conceito no desenvolvimento do sujeito, por meio da cultura e da alteridade. O Narcisismo será tratado de forma mais ampla no segundo capítulo deste trabalho.

Será possível perceber que, no contato com o outro está implícito um potente e transformador encontro com a cultura. Até mesmo antes de nascer o humano se encontra inserido na cultura, um grande exemplo está na expectativa dos pais sobre sua aparência e a escolha de seu nome. Após seu nascimento, terá experiências mediadas pela cultura que irão forjar a ascensão do sujeito.

O bebê, a princípio, vive a experiência libidinal em sua modalidade autoerótica. Nesta condição, os limites entre eu/outro não estão minimamente determinados, a tensão pulsional desperta como consequência do contato do outro com o sujeito, e se resolve na própria zona erógena, no lábio que suga a si mesmo, por exemplo. As

---

entre libido do ego e libido objetai. Os problemas econômicos levantados por esta distinção são abordados em *Sobre o narcisismo: uma introdução (Zur Einführung des Narzissmus, 1914)*. [...] Note-se do ponto de vista terminológico: 1) que o objeto, na expressão *libido objetai*, e tomado no sentido restrito de objeto exterior, e não inclui o Eu, que pode também, num sentido mais amplo, ser qualificado de objeto da pulsão (*ver*: objeto); 2) que as expressões *libido objetal* e *libido do Eu* indicam a relação da libido com o seu ponto de chegada, e não com o seu ponto de partida. (Laplanche; Pontalis, 1991, p.289).

pulsões, ao despertarem, estão como que desorganizadas e não possuem um objeto claramente definido e externo.

O seio da mãe e carícias, por exemplo, podem ser identificados pelo bebê, não como parte do mundo ou parte do outro, mas como uma extensão do próprio ser, este mesmo fragmentado. Dessa forma, a modalidade autoerótica se torna a primeira experiência de satisfação para o sujeito. Ela reflete as marcas do encontro com o outro no corpo do sujeito. Nesse momento, é difícil diferenciar a experiência da percepção e da memória para o bebê, pois o princípio de realidade ainda não se instalou.

Segundo Freud (1914) A experiência do narcisismo primário, se instaura quando a criança passa a investir libidinalmente em si mesma e a se subjetivar como unidade organizada, recebe também investimento libidinal dos pais como um ser distinto destes. Tal investimento libidinal feito pelos pais estão relacionados às expectativas inconscientes dos genitores ao filho.

Em seguida, no decorrer da vida, o bebê depara-se com o princípio da realidade e com as limitações, privações e restrições presentes na relação com o outro e com o mundo que são impostas pela cultura. Quando chora, não é atendido de imediato e tem alguns de seus pedidos negados; essas e tantas outras experiências fazem com que a criança viva a experiência da castração.

A falta se manifesta no sujeito que se forma; a condição fantasmática "majestade o bebê" que lhe conferia uma falsa imagem perfeita de si e da realidade, começa a desmoronar. Outras vias de satisfação libidinal devem ser constituídas para dar vazão às pulsões e o protótipo do Eu ganha contorno para "administrar" a pulsão libidinal frente à realidade. (Freud, 1914).

O outro está presente na vida do sujeito, consigo carrega as insígnias e as características da cultura. O outro torna-se objeto de investimento para o sujeito e participa da experiência de embate entre a busca de satisfação das pulsões e as coerções presentes na sociedade.

Como relatado em "Totem e Tabu", em "Moral sexual civilizada e doença moderna nervosa" e em "O mal-estar na civilização", a relação com o outro, o contato com os códigos universais presentes na vida do outro e os embates pulsionais e as limitações sociais, acontecem em cada humano que nasce e é inserido em sociedade. Assim, fica evidente que, uma das formas da cultura se presentificar e atuar na vida do sujeito é por meio do outro, da alteridade.

- **6- O impulso de agressividade e as nuances da relação com o outro**

A participação do outro, da alteridade, aparece na relação com o sujeito não só como meio de reconhecimento da diferenciação eu-outro, de possibilidade de satisfação dos impulsos libidinais e de construção do aparelho psíquico, mas também como objeto de satisfação do impulso de agressividade, hostilidade e violência.

Utilizando expressões que diferem apenas ligeiramente da terminologia habitual da psicanálise, Crawley, [num estudo sobre o homem primitivo], assinala que cada indivíduo se separa dos demais por um "tabu de isolamento pessoal" e que justamente em suas pequenas diferenças, não obstante a semelhança quanto a todo o resto, se fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles. Seria tentador desenvolver essa idéia e derivar desse "narcisismo das pequenas diferenças" a hostilidade que, em todos os vínculos humanos, observamos lutar com êxito contra os sentimentos de solidariedade e sobrepujar o mandamento de amar ao seu próximo. A psicanálise acredita que descobriu grande parte do que fundamenta a rejeição narcísica que os homens voltam às mulheres, ao chamar a atenção para o complexo de castração e sua influência sobre a opinião, baseada no desprezo, em que são tidas as mulheres.<sup>19</sup>

Em "O tabu da virgindade" (Freud, 1918), é o primeiro momento em que o autor introduz o conceito do "narcisismo das pequenas diferenças". Conceito este que será fundamental para compreendermos melhor a relação do sujeito com o outro; por vezes, uma relação marcada por intolerância e hostilidade.

Uma vez que é na relação com o outro que o sujeito encontra a possibilidade de reconhecer-se como algo no mundo, conseqüentemente, é factível afirmar que essa intolerância e hostilidade com o outro apareça, muitas vezes, como fenômenos que sejam direcionados do sujeito para o próprio sujeito.

O conceito de "narcisismo das pequenas diferenças" aparece em "O tabu da virgindade" (Freud, 1918), em "Psicologia das Massas e análise do Eu" (Freud, 1921), em "O mal-estar na civilização" (Freud, 1930) e "Moisés e o Monoteísmo" (Freud, 1939), tal conceito tem grande valor para a compreensão da relação eu-outro na psicanálise e, principalmente, em como essa relação comporta a coexistência de sentimentos ambivalentes.

Freud (1930), mostra-nos que os imperativos e regras sociais não impõem somente restrições libidinais, mas também da ordem da agressividade, "O homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia restrições ao instinto." (Freud, 1930). Possuindo um sentimento ambivalente de amor e ódio a esse outro com o qual

---

<sup>19</sup> Freud, 1918.

passou a conviver em sociedade, o sujeito desenvolve amor para aqueles com os quais se liga por meio de alguma identificação.

Essa identificação que marca as relações de amor, é fruto da percepção do outro como um colaborador, como objeto para sua satisfação libidinal e, não menos importante, como movimento de afeto narcísico; uma vez que o sujeito é capaz de amar o outro na medida que encontra nele algo de si mesmo. Um amor de si mesmo, narcísico, projetado no outro.

Assim, o mandamento incorporado pelo cristianismo "Ama teu próximo como a ti mesmo", surge como exigência cultural para as relações humanas que foram influenciadas em sua estrutura social pelo cristianismo, mas trás em si uma contradição para o sujeito. Já que, segundo Freud (1918) seria impossível amar o próximo, o humano desconhecido, sem que não fosse encontrado qualquer sinal de identificação que possibilite o sujeito amar a si mesmo no outro, ou que no outro fosse encontrado meios de satisfazer sua libido.

Pelo contrário, Freud (1930), revela-nos que o desconhecido, esse humano que possui ausência de significação na vida emocional do sujeito, não é digno de amor em geral, porque a dignidade de ser amado está restrito àqueles que possuem certa identificação com o sujeito. O amor ao desconhecido, ao próximo, marcaria uma injustiça com o outro que possui traços de identificação e é objeto de amor privilegiado do sujeito.

Esse movimento de identificação com o outro, que faz brotar o amor aos semelhantes e a hostilidade aos diferentes, Freud deu o nome de "narcisismo das pequenas diferenças". Um amor e um ódio que encontra no outro o próprio reflexo. O sujeito ama o outro porque vê a si mesmo e o odeia pelo mesmo motivo.

Certa vez discuti o fenômeno de justamente comunidades vizinhas, e também próximas em outros aspectos, andarem às turras e zombarem uma da outra, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do norte e os do sul, os ingleses e os escoceses, etc. Dei a isso o nome de "narcisismo das pequenas diferenças", que não chega a contribuir muito para o seu esclarecimento. Percebe-se nele uma cômoda e relativamente inócua satisfação da agressividade, através da qual é facilitada a coesão entre os membros da comunidade.<sup>20</sup>

A relação de intolerância e hostilidade entre os próximos é marcada pela ausência de percepção de amor do outro ao sujeito. Dessa forma, o desconhecido acaba

---

<sup>20</sup> Freud, 1930.

por não ser digno de amor e consideração, mas possui um direito a hostilidade. Uma vez que, gratuitamente, direciona ao sujeito zombarias e nenhuma preocupação.

Em contrapartida, quando o outro agrada e direciona amor ao sujeito, este se sente convocado ao retorno. Manifestando assim, mais uma vez, o amor narcísico "se me ama, sou capaz de amar" ou "Ama teu próximo assim como ele te ama".

Dando continuidade ao desenvolvimento de sua teoria, Freud (1930) evoca mais um mandamento presente no Cristianismo que se tornou uma máxima na sociedade e que lhe provocava oposição: "Ama teus inimigos." Apesar de lhe causar oposição, uma análise sobre o mandamento levou-nos à constatação de que "No fundo é a mesma coisa" fazendo uma comparação à "Ama teu próximo como a ti mesmo."

Somos levados a crer que são a mesma coisa porque, o "narcisismo das pequenas diferenças" revela, não somente, a relação de intolerância e hostilidade com o outro fora do grupo de identificação e o amor consigo mesmo presente no outro semelhante. Mas também a presença da agressividade do sujeito consigo mesmo refletida na diferença presente no outro.

Ou seja, amar os inimigos e amar o próximo como a si mesmo, são os mesmos mandamentos porque o sujeito encontra traços de si mesmo nos inimigos. Que, segundo Freud (1918), são "inimigos", exatamente por portarem algo que o sujeito odeia em si mesmo.

O mandamento "Ama teus inimigos" possui a mesma mensagem de "Ama teu próximo como a ti mesmo", já que o sujeito ama a si mesmo no outro, também odeia no outro aquilo que lhe escapa e lhe é objeto de negação do seu próprio ser. "Ama teus inimigos" revela a dimensão da intolerância e da hostilidade presente no narcisismo das pequenas diferenças que é direcionada ao próprio sujeito.

Aquele que é objeto de seu ódio, de agressividade e é visto como inimigo, guarda algo de semelhante ao sujeito; semelhança esta que é intolerável em si mesmo para o sujeito e cabível de aniquilação. Existe algo no sujeito que lhe causa desamor, lhe desperta autonegação e autodestruição, a isto Freud chamou de "pulsão de morte (Tânato)" em "Além do princípio do prazer" (Freud, 1920). Algo que contribui para sua hostilidade ao outro, que torna-se um meio de hostilizar e aniquilar a si mesmo no outro, numa espécie de perseguição a si mesmo.

Ou seja, o "narcisismo das pequenas diferenças" sinaliza que o sujeito ama e odeia a si mesmo no outro. Nas pequenas e simples diferenças da relação com o outro,

de forma narcísica, o sujeito direciona seu amor e sua hostilidade não só ao diferente, mas a si mesmo.

Para Freud (1930), o humano não é uma criatura mansa, mas possui sina de agressividade. O próximo, o desconhecido, não surge na vida em sociedade só como um colaborador ou como objeto sexual, mas como uma forte tentação para satisfazer a tendência à agressividade e a autodestruição. Já que no outro, o sujeito encontra traços de si mesmo que foram reprovados ou que geram desamor.

Dessa forma, vemos mais um desdobramento da vida do sujeito em sociedade, podemos perceber como seus mecanismos psíquicos são atravessados e marcados pelas malhas da cultura. Mais uma vez, nos fica claro que, o tema da cultura é um tema central na teoria freudiana e não deve ser ignorada ao serem analisados os fenômenos psíquicos contemporâneos.

*Das Unheimliche* (O Estranho), é um texto de Freud do ano de 1919. Nele, Freud explica que o medo e o horror podem surgir para o sujeito quando este se depara com algo que é misterioso. Curiosamente, o medo e o horror causados por alguma coisa que possua mistério ao sujeito, não se restringe a realidades onde o sujeito possui pouco ou nenhuma familiaridade. Pelo contrário, o estranho se incide também sobre aquilo que é familiar ao sujeito.

O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar. (...) nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho.<sup>21</sup>

O horror e o medo experimentados pelo sujeito ao deparar-se com a estranheza, aponta para a dificuldade de lidar com o desejo reprimido e que, no caráter de estranho, "aparece" no outro. O retorno do recalcado se materializa e ganha forma no contato com o outro, causa estranheza e força o Eu em ter que lidar com temas que, até outrora, estavam sublimados.

Em certas situações, aquilo que é familiar pode vir a se tornar estranho, causando medo e horror. Isso porque, o familiar presentifica aquilo que deveria ter permanecido escondido, aquilo que deveria ter permanecido oculto e negado. O eu se torna obrigado a se ver no outro e é exatamente por isso que a estranheza ganha tons de familiaridade.

---

<sup>21</sup> Freud, 1919.



O estranho só é capaz de gerar medo e horror, de gerar estranheza, a medida em que é familiar. Freud (1919), então, define o estranho como: " tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz". Para o eu, é tolerável lidar com seus desejos reprimidos quando estes surgem de forma disfarçada, mascarados de sintoma. Mas deparar-se consigo mesmo, como retorno do recalcado, no outro é assustador, medonho e horrível.

Assim como em "Narcisismo das pequenas diferenças", "O estranho" mostra-nos que a relação com o outro, mediada pela cultura, pode vir a se tornar hostil, medonha, assustadora e potencialmente violenta para o sujeito. Realidades que surgem de fenômenos interiores e individuais do sujeito que colidem com fenômenos externos previamente estabelecidos. Ou seja, a cultura é o terreno fértil onde a subjetividade é forjada e gerada ininterruptamente.

- **7- A experiência de grupo e de massa em Freud**

Em "Psicologia das massas e análise do Eu" (Freud, 1921), encontramos mais uma vez evidências de que a psicologia individual não se desassocia da psicologia coletiva.

Neste texto, Freud faz uma análise dos diferentes tipos de interações entre os seres humanos, a realidade da interação entre seres humanos pode ser descrita de muitas formas: horda primeva, clã totêmico, tribo, povos, instituições, grupos artificiais e massas, por exemplo. Freud faz uma exposição sobre as massas e os comportamentos do ser humano quando inserido nelas.

Com ênfase no fenômeno das massas, o autor aponta que elas são uma espécie de revivescência da horda primeva, um modo de interação ancestral onde havia um indivíduo muito poderoso e forte, em meio a um bando de companheiros iguais. Este indivíduo da horda primeva, o homem, tinha seu modo de vida e ideias conservados nos outros indivíduos, de forma que suas decisões orientavam os pensamentos e sentimentos dos outros indivíduos.

Freud revela uma certa familiaridade entre a configuração da horda primeva com o fenômeno das massas; já que em ambas, haveria a predominância da afetividade, da atividade inconsciente do psiquismo e uma obediência instantânea às orientações que surgem por parte da figura que do indivíduo poderoso. Tudo isso ajuda a encontrar

semelhanças entre a horda primeva e as massas, a presença em ambas de uma atividade primitiva.

Um grande fator de diferenciação entre as massas e os grupos artificiais, interação também analisada por Freud, está na identificação e substituição do objeto de referência para o sujeito. Nas massas, vemos os indivíduos se identificando com alguém que assume o lugar de seu Ideal do Eu, normalmente um líder. Assim, o líder é a referência para a massa. Ou a identificação se dá à uma ideia possível de ser atingida, mas sempre mutável à medida que os integrantes da massa ameaçam alcançar.

Já no fenômeno dos grandes grupos artificiais como a Igreja e o Exército, ocorre uma substituição, os indivíduos interagem e se identificam entre si a medida que os integrantes estejam próximos do líder supremo que os unem. É a experiência de ter um Ideal do Eu não identificado plenamente a um líder, mas a um líder supremo, um Ideal do Eu com padrões inatingíveis a um ser humano.

É claro que, como esclarece o autor, um soldado pode identificar-se com o general e um cristão com um sacerdote, mas como tanto o general quanto o sacerdote não são o modelo, a identificação sempre se ligará à ideia construída do líder supremo.

Essa configuração contribui para o estado coercitivo e punitivo dentro e fora do grupo artificial, uma vez que os indivíduos sempre estarão muito aquém do modelo do líder supremo proposto pelo grupo, seja o Exército ou seja a Igreja. Isso fortalece sua perpetuação pelos séculos, a dificuldade de mudanças em sua estrutura e no desligamento dos indivíduos.

"No Exército e na Igreja vimos que é a ilusão de que o líder ama a todos de modo igual e justo. Mas isto é a remodelação idealista do estado de coisas da horda primeva, em que todos os filhos se sabiam igualmente perseguidos pelo pai e igualmente o temiam."<sup>22</sup>

As massas seriam um tipo de interação entre os humanos que possuem algo em comum, um tipo de objeto, identificação, forma de sentir e de se expressar que provoca uma espécie de reconhecimento de si no outro. De forma mais específica em um líder humano como o indivíduo forte e poderoso da horda primeva.

Na experiência de massa, o sujeito recebe influência dos outros participantes e por eles é afetado. Esse movimento de afetação é recíproco e fomenta a intensidade das emoções experimentadas pelos membros da massa. Analisando como base para seu

---

<sup>22</sup> Freud, 1921.

estudo o emergente partido nacional socialista, Freud reconhece que o sujeito possui um comportamento diferente quando encontra-se só e quando está inserido em uma massa.

Diferenciando as massas dos grupos como a Igreja e o Exército, o autor demonstra que as massas possuem um caráter de grande apelo emocional, sem menosprezar a matéria que costura os integrantes na massa. Tomando como interlocução os estudos de Le Bon e MacDougall sobre a interação humana em massa, Freud classifica as massas como impulsivas, influenciáveis, mutáveis e altamente irritadiças.

O efeito disso, mostra mais uma vez a influência da alteridade e da cultura no psiquismo. Os efeitos no sujeito aparecem como um sentimento de invencibilidade, uma grande abertura a sugestões e uma rápida propagação de suas ideias entre os participantes.

A explicação para tal comportamento em massa está no inconsciente. A atividade da massa e suas características se configuram por uma ligação libidinal entre os membros da massa que encontram uns nos outros e/ou em um ideal, uma forma de realização objetal.

Assim, a experiência de terem, inconscientemente, direcionado sua libido para o mesmo objeto através de uma cadeia de representações, faz com que uma "liga" ocorra entre os humanos da massa.

A cadeia de representações que direcionaram a libido para o mesmo objeto, leva os membros da massa a uma adesão ao líder ou à ideia que assume a imagem do objeto libidinal almejado representada no líder.

É também em "Psicologia das Massas"(Freud, 1921) que encontramos o conceito de Ideal do Eu, como forma de explicar a ação de adesão do sujeito a um ideal que, supostamente, o faria feliz e realizado. O ideal do Eu é um constructo que possui características culturais que "vende" ao sujeito uma imagem onde o sujeito se reconhece amado.

No aparelho psíquico, de forma inconsciente e consciente, o sujeito depara-se com a falta e não encontra aquele lugar de amor e aquela satisfação experimentada na infância de forma fantasiosa. Assim, o ideal do Eu constrói para o sujeito uma espécie de ideais e formas reguladores, uma convocação de orientação para o sujeito que venha a dar a possibilidade de um reencontro com o lugar de amor e satisfação experimentados de forma fantasiosa na infância.

Por possuir elementos culturais, o ideal do Eu torna-se uma realização inatingível por definição, mas que orienta o desejo do sujeito. Ou seja, o sujeito é impelido a corresponder a certos ideais para a realização de seu desejo.

Em 1923, o ideal do Eu surge passa a ser integrado ao supereu ao como uma de suas funções ao lado da censura e da reprovação. Inatingível, polimórfico e volátil o Ideal do Eu forma-se a partir do princípio de realidade e dos imperativos culturais, começa a convocar o sujeito para além da satisfação autoerótica onde costumava satisfazer-se no ato automático de reviver o contato com o outro e o amparo do Outro; veremos isso mais adiante quando chegarmos ao tema que aborda alteridade e cultura em Lacan.

Dessa forma, numa tentativa de recuperar seu estado de satisfação da modalidade autoerótica e do narcisismo primário experimentado na infância, em busca de lidar com os imperativos categóricos presentes na cultura, o aparelho psíquico se estrutura nessas tensões tendo como base as interações com o outro. O Ideal do Eu surge como possibilidade ilusória e inatingível de atingir o estado perdido.

Facilmente, o líder da massa ou a ideia que representa a cosmovisão do sujeito é agregada ao Ideal do Eu, servindo de estímulo à massa e de incentivo entre seus participantes. É possível perceber que estando em sociedade, o sujeito experimenta três formas de vínculos: pode integrar uma massa, pode experimentar uma intersecção entre as massas e é possível também estar em sociedade, mas não integrar uma massa.

A experiência da vida em sociedade, que imprime no sujeito o Ideal do Eu as suas características e exigências como meio ilusório de recuperar o estado de amor e satisfação perdidos, pode levar aos membros das massas a uma atitude hostil em relação ao outro por meio do narcisismo das pequenas diferenças.

Na experiência de massa, podemos encontrar dois tipos de identificação: horizontais e verticais. As identificações horizontais se dão por uma espécie de dissolução do eu, uma forma de amor ao outro a partir do reconhecimento de um colaborador, um ajudante na busca em atingir uma identidade absoluta entre os membros. Assim, o outro torna-se um objeto da satisfação libidinal do sujeito que, em certos momentos, se satisfaz também em ser capturado como objeto da satisfação libidinal do outro pertencente à massa.

As identificações verticais, são mais orientadas pelo ideal do eu em seu sentido inatingível. O sujeito marcado pela falta, orientado pelo desejo, encontra no líder ou em uma ideia um molde para sua realização e satisfação plena.

Vemos assim, uma relação fundamentada e mantida por um afeto narcísico, onde o sujeito ama o outro porque encontra nele traços de si mesmo, nesse caso, a identificação com o Ideal do Eu. Já o outro desconhecido e desprovido de semelhança com o sujeito, não possui um significado emocional. Não se torna digno de ser amado porque nele o sujeito não reconhece traços de si mesmo.

A dignidade de ser amado é exclusiva a quem possui mesma identificação que o sujeito, algo que funcione como ponto semelhança. Amar o desconhecido seria uma traição ao outro no qual o sujeito se identifica.

O sujeito que pertence a uma massa, por meio da identificação com os indivíduos da massa que orbitam o Ideal do Eu, pode desenvolver ao outro que não possui semelhança mais do que ausência de amor, mas hostilidade. Assim, cria-se uma oposição a um objeto externo, neste caso, ao outro que é diferente da massa que o sujeito compõe, por isso, o sujeito não pode identificar-se.

Nessa perspectiva, o amor aos líderes e aos compatriotas é uma forma de retornar o amor a si mesmo, o ódio e a hostilidade ao objeto externo surge como meio de segregação dos diferentes de sua massa. A pulsão de morte, muitas vezes reprimida e direcionada ao próprio sujeito, encontra via de satisfação na perseguição, destruição e no aniquilamento do diferente.

Com o conceito do narcisismo das pequenas diferenças, somos capazes de compreender que o ódio e a hostilidade direcionados ao outro, tem em si traços da pulsão de morte, do ódio do sujeito por si mesmo. Ainda que o sujeito não encontre semelhança no outro diferente, algo de si, a nível inconsciente é odiado no outro. Algo que está além da ausência de semelhança e identificação com o líder.

Tal fenômeno, muitas vezes, é usado para explicar a atitude homofóbica, racistas e transfóbica, como se os indivíduos pertencentes à essas massas, possuíssem algum desejo, ou mera identificação aos indivíduos hostilizados. O ataque, a violência e a busca por aniquilação seria uma forma do sujeito não só dedicar seu ódio aos seus semelhantes, mas também de destruir o outro como via substitutiva para aplacar a pulsão de destruir o que odeia em si mesmo.

A hostilidade aos indivíduos diferentes da massa que o sujeito participa, pode também ser explicada por um conflito existencial e de cosmovisão. O modo de vida do outro diferente pode representar uma ruptura com a cosmovisão do sujeito, como se o outro, só por existir, fosse uma ameaça.

Isso coloca sobre o sujeito uma interrogação sobre seu modo de vida e sua existência, algo que pode não ser tolerado e gerar uma atitude de aniquilação ao outro. A dificuldade em conviver com a diferença, por ausência de identificação mútua com o Ideal do Eu, pelo outro representar o que o sujeito odeia em si mesmo, ou pelo conflito em sua cosmovisão, pode ferir a democracia e a liberdade pela perda da dignidade do diferente.

É necessário trazer para o debate o fato de que, o sujeito não está restrito a uma massa, mas no mesmo momento da vida, pode transitar entre massas, desde que encontre nelas uma personificação, um líder que, gradativamente, assuma o lugar do seu Ideal do Eu.

A experiência de cultura, segundo Freud, para o sujeito, é composta dessa participação simultânea não só entre massas, mas em diferentes modalidades de interação entre humanos. Experiência essa que passa pela interação em diferentes modalidades é que é dotada de um código universal, de um patrimônio ideológico e de um modo de ser de um povo.

Características imateriais que ganham forma dentro da civilização e possuem um significado comum entre os integrantes. É na relação com o outro indivíduo, por meio das mais diversas modalidades de interação social que o sujeito faz a experiência de cultura.

Quando o sujeito participa de uma massa de forma mais prevalente, é possível que a relação com o líder e seus ideais sejam objetualizados. O que prejudica o sujeito de fazer composições com os elementos ideológicos da cultura e de fazer negociações com o código universal que a ele é transmitido. Sua cosmovisão, assim como sua perspectiva do que é a vida podem ser totalizadas por essa relação, levando-o a uma espécie de fixação em um perfil homogêneo para o outro e para a sociedade.

Além disso, nem toda interação entre humanos é uma massa e nem toda massa tem um líder que assumiu o lugar do Ideal do Eu, pode ser apenas uma ideia que sofre mudanças a medida que os indivíduos se aproximem.

Ainda em "Psicologia das Massas", Freud toma por base os estudos de Le Bon para resgatar o conceito de "massas efêmeras", massas em que os indivíduos se reúnem em torno de um Ideal do Eu em busca de um motivo passageiro, mas suficientemente capaz de construir uma massa.

Segundo Freud, o interesse de Le Bon pelas massas efêmeras estaria em seus estudos das revoluções. Tal definição de massa se coloca como oposição ao conceito de

"massas permanentes", onde a durabilidade da identificação dos integrantes à um Ideal do Eu na forma de um líder ou uma ideia é maior.

Podemos reconhecer certa semelhança entre o conceito de massas efêmeras com os movimentos de grupo na internet. Assim como as massas efêmeras, os grupos na internet se reúnem em torno de um motivo ou ideal comum, rompendo as barreiras do espaço graças a conectividade global.

A durabilidade de alguns grupos na internet costumam ser breves, dada a própria configuração fluida da rede. O conceito de massas efêmeras e a familiaridade com os grupos de internet podem ser um indicativo futuro para pesquisas.

A análise de Freud sobre as massas e sobre o eu deixa claro que, o tema da cultura e da alteridade sempre esteve presente na psicanálise e que o ser humano não está à parte do coletivo, mas nele se insere, interage com outros humanos de forma afetiva e no contato com o outro se estrutura.

Por conseguinte, fica evidente que a obra Freudiana está impregnada de temas que relacionam o sujeito e a cultura na qual ele recebe influxo. É por meio dessa cultura que, somado às disposições biológicas dos seres humanos, e mediada pela vida do outro que o eu emerge. Ignorar a cultura e a alteridade é ignorar o substrato no qual o objeto da psicanálise se forma e recebe influência.

O sujeito que chega ao setting psicanalista é único no mundo, suas queixas e demandas são singulares. Junto a essa constatação, não podemos jamais esquecer de que, este mesmo sujeito se constitui no coletivo, na relação com os outros e com o Outro.

A seguir, veremos como o outro participa da formação do sujeito e da estruturação da instância psíquica chamada de eu, tanto na obra Freudiana, quanto na obra Lacaniana. Conhecer como o eu se estrutura no contato com a alteridade e com a cultura é um trabalho necessário para dar prosseguimento à investigação sobre a subjetividade contemporânea.

Assim, o estudo e o interesse sobre a cultura contemporânea possibilita ao psicanalista uma prática mais sensível, um manejo clínico coerente com a linguagem do seu tempo, e um toque mais humano nesse fantástico ser peculiar que chamamos de sujeito.

## Capítulo 2

### Subjetividade: alteridade e cultura

- **1- Apresentação do capítulo**

O sujeito só sobrevive, cresce e se desenvolve quando amparado pela cultura nas suas mais diversas manifestações de presença em sua vida. Neste capítulo, darei destaque à presença do outro na vida do sujeito como marca indelével da cultura e do Outro, como ferramenta fundamental para a formação de seu aparelho psíquico. Sem a presença do outro como materialização da cultura na vida do sujeito, seria impossível imaginar o aparelho psíquico na forma como a psicanálise Freudiana e Lacaniana nos apresenta.

Seja no amparo à criança que chora com fome e não consegue ir em busca do seu próprio alimento, seja na função de espelho que auxilia o sujeito a formar sua noção de corporeidade ou como alternativa de tornar-se receptáculo da libido na forma da libido objetal, o outro assume na vida do sujeito reservatório dos signos culturais e do Outro ao qual o eu, como parte do aparelho psíquico, precisa para se formar como mecanismo de mediar o conflito entre os imperativos culturais e as pulsões.

Como vimos no capítulo anterior, cultura e sujeito compõem um vínculo indissociável para a manutenção da vida do sujeito e da sociedade. Manutenção esta que disponibiliza benefícios ao sujeito para sua subsistência. Assim, é na relação com o outro, que a sociedade, a cultura e o Outro operam suas marcações constantes na subjetividade do sujeito, dando forma ao seu aparelho psíquico. O outro é uma espécie de representante corpóreo dos signos que formam a cultura e a sociedade.

O aparelho psíquico surge nesta construção de si que é atravessada pela alteridade, pela relação com o outro. Por isso que, o estudo da alteridade se faz necessário dentro da psicanálise, porque é por ela que o sujeito irá receber amparo para sua sobrevivência e as marcações culturais que irão compor seu aparelho psíquico.

A alteridade apresenta-se como esse vínculo humano de dependência e interdependência fundamentais para a sociedade, para a sobrevivência do sujeito no mundo e para a formação de sua subjetividade.

Ela possibilita ao sujeito um contato com a figura de igualdade, desejo, amparo, amor e afeto; como também figura de diferença, contraste, distinção, ambivalência,



rivalidade, estranhamento com o outro e o Outro. Elementos que irão compor a formação do Sujeito, do eu, e de todo o aparelho psíquico.

Por meio da cultura, da alteridade e seus elementos de identificação, igualdade, amor, distinção, estranhamento, rivalidade, ambivalência e afetos com o Outro que se dá a formação do aparelho psíquico. Ou seja, é possível que no mundo contemporâneo, os elementos presentes na alteridade que compõem o vínculo entre os humanos, e fazem o contato com o Outro, possam sofrer interferências da cibercultura e das redes sociais, afetando a subjetividade dos sujeitos.

Sendo assim, para melhor investigar esse tema, explorar as possíveis interferências da cibercultura e das redes sociais na subjetividade, neste capítulo iremos ver como a alteridade, a relação com o outro e as marcações do Outro presentes nela, participam da formação do aparelho psíquico.

Para tal tarefa, este capítulo será dividido em duas partes. Na primeira parte, percorreremos o trabalho de Freud em descrever o aparelho psíquico em seus dois momentos: a primeira e a segunda tópica. Em seguida, ainda caminhando pela obra Freudiana, apresento referências sobre a presença da alteridade na formação do eu no estudo do Narcisismo como ocasião da estruturação do aparelho psíquico. Por conseguinte, abordo a ideia da clivagem do eu.

Neste momento, não veremos de forma explícita a ideia das marcações do Outro presentes na alteridade, sob a forma da cultura, desaguando na relação do sujeito com o outro, isso porque, essa construção é de autoria de Lacan. No entanto, mesmo sem utilizarmos esses conceitos, será possível perceber na obra Freudiana como a alteridade possui um mecanismo de impressões que afetam o sujeito e contribuem para a formação do eu sob a forma dos vínculos humanos, das relações pulsionais e dos códigos universais.

Adiante, no segundo capítulo percorreremos a obra Lacaniana em busca de colher referências da presença da alteridade e da cultura na subjetividade. Para tanto, apresentarei uma discussão sobre o estágio do espelho costurando os três registros e os conceitos de Je e Moi.

## **Primeira Parte: O aparelho psíquico na obra Freudiana**

- **2- A primeira tópica**

Em "A interpretação dos sonhos" (Freud, 1900), no capítulo 7, Freud apresenta a noção de "aparelho psíquico" como uma organização psíquica separada em sistemas psíquicos. Tais sistemas são interligados e possuem ações específicas no psiquismo.

Freud faz uma comparação do aparelho psíquico com o aparelho óptico, demonstrando que, assim como o aparelho óptico possui um sistema de processamento da energia luminosa, o aparelho psíquico também processa as informações externas e internas do sujeito por meio de sistemas que possuem a capacidade de processar a origem da informação, de transformá-la e de dar um objetivo final para aquilo que é possível de ser processado por ele.

Seguindo seu raciocínio, o aparelho psíquico seria dividido e composto por três sistemas que foram nomeados de: inconsciente, pré-consciente e consciente. O sistema psíquico chamado de inconsciente, refere-se à parte mais ancestral do aparelho psíquico, morada das pulsões, é no inconsciente que as representações do mundo ficam impressas no aparelho psíquico de forma mais aguda.

O inconsciente apresenta-se como um dos sistemas psíquicos nomeados por Freud em sua primeira tópica, em sua descrição do que seria sua primeira teoria do aparelho psíquico. Além das pulsões, na primeira tópica, o inconsciente abriga os conteúdos recalçados que foram impedidos de acessar o sistema do pré-consciente e do consciente.

Assim, vemos os sonhos serem descritos na teoria freudiana como uma das possíveis manifestações do inconsciente em um momento de diminuição da atividade do sistema consciente. "O sonho é a realização de um desejo reprimido." (Freud, 1900).

Os conteúdos do inconsciente são representações das pulsões, tais conteúdos são impelidos pela energia pulsional a terem acesso à consciência em busca de consumação e satisfação, mas só conseguem acesso aos sistemas pré-consciente e consciente depois de serem submetidos aos imperativos sociais e à censura moral.

Neste primeiro momento, podemos entender que o eu, conceituado por Freud, se denomina a parte pré-consciente e consciente do psiquismo onde assume a função de controlar o acesso dos impulsos e ideias pulsionais formando uma representação do

sujeito. O eu seria algo sedimentado, forjado e estruturado, lugar de presença do pré-consciente, consciente e de ação da instância inconsciente.

O sistema chamado de pré-consciente está em articulação com o consciente. Em "Projeto para uma psicologia científica" (Freud, 1895) podemos perceber o pré-consciente rascunhado como uma "barreira de contato", que tem a função de selecionar os conteúdos inconscientes que podem ou não serem transmitidos ao consciente. Em "A interpretação dos sonhos" (1900), o pré-consciente aparece situado entre o inconsciente e o consciente, servindo como mediador entre as duas instâncias.

Além disso, o pré-consciente assume a função de guardar as representações das palavras como foi apresentado por Freud em "O inconsciente" (1915). Dessa forma, o sistema pré-consciente possui características tanto conscientes como inconscientes.

O pré-consciente pode ser entendido como um "espaço" de conteúdos psíquicos que não possuem as limitações de acesso à consciência como as disposições e ideias pulsionais do inconsciente, mas que se manifesta em um estado de pré-consciência porque configura um material possível de ser acessado sob a forma de recordações, conhecimento e memória sem que passe pela censura e/ou recalçamento.

O sistema psíquico chamado de "consciente" agrupa as percepções externas e internas do ser humano no reconhecimento dos processos psíquicos. É a parte do aparelho psíquico que reconhece em si mesmo o ato de pensar, recordar, conhecer e sentir. O consciente se situa entre duas realidades: recebe informações do mundo exterior e interior. Além disso, o consciente percebe em si o resultado da equação entre as pulsões do inconsciente e a censura moral exterior na forma de prazer e desprazer.

O consciente tem o fardo de mediar o conflito entre as pulsões do inconsciente e os imperativos de censura, sendo rígido à aceitação plena das pulsões, mas também sendo via possível de satisfação substituta para as mesmas pulsões.

Uma vez tendo reconhecido a existência do inconsciente e ter feito o rompimento com a ideia hegemônica do consciente como único sistema do psiquismo, estava diante de Freud a possibilidade de pesquisar e descrever de que forma no aparelho psíquico emerge a consciência de si como sujeito. Além de descrever como o consciente abriga e conduz o resultado dos movimentos pulsionais em busca de satisfação frente à censura moral e social.

Estava aberto o caminho para os estudos que dariam origem à segunda tópica, a segunda explicação Freudiana para o aparelho psíquico. É na apresentação da segunda tópica, concomitantemente ao conceito de narcisismo, que compreenderemos de forma

mais evidente a necessidade do outro como presença da alteridade para a construção do psiquismo e, por consequência, do eu em Freud. O outro participa da formação do psiquismo como representante simbólico da cultura.

- **3- A segunda tópica**

Uma nota presente em "A interpretação dos sonhos" (Freud, 1900), torna evidente a constatação do autor em reconhecer a insuficiência da primeira tópica em descrever o aparelho psíquico. Diz o autor, "O desenvolvimento posterior desse esquema desdobrado linearmente, deverá levar em conta esta suposição de que o sistema que sucede o pré-consciente é aquele que devemos atribuir a consciência". Neste momento, Freud se questionava sobre como o consciente se formava, abrindo-se a uma ideia de estruturação do psiquismo.

Em uma breve análise da obra Freudiana, vemos a primeira tópica, os conceitos de inconsciente, pré-consciente e consciente, nascerem de sua investigação sobre os sonhos e a histeria. Levado aos estudos pela origem da consciência e pelos problemas da psicose, Freud constrói sua segunda formulação sobre o aparelho psíquico, onde abriga uma noção estrutural do psiquismo com instâncias estruturadas, que sofrem influências diferentes dos sistemas desenvolvidos na primeira tópica.

É possível encontrar o início dessa formulação das instâncias psíquicas em "Além do princípio do prazer" (1920) onde apresenta o aparelho psíquico como estrutural, com instâncias de funções diferentes e indissociáveis entre si; com interação e influência mútua permanente. Essa visão estrutural do psiquismo em instâncias estruturadas, já ensaiadas na primeira tópica, é apresentada ao mundo no trabalho nomeado de "O Eu e o Isso" (1923).

Em "O Eu e o Isso" (Freud, 1923), encontramos o conceito de eu de forma mais elaborada: "uma organização coerente dos processos psíquicos." (Freud, 1923, p.14).

O eu, tendo raízes inconscientes porque emerge do isso, atrela-se à consciência, possui permeabilidade seletiva ao princípio do prazer, é atravessado pelo princípio de realidade e possui "controle sobre todos os seus processos parciais"(Freud, 1923, p.14). Ele emerge no aparelho psíquico a partir da relação e do contato com o mundo exterior. "O Eu é a parte do Isso modificada pela influência direta do mundo externo." (Freud, 1923, p.22). O mundo externo engloba todos os estímulos externos, sejam eles

sensoriais e/ou fisiológicos, frutos da relação com o outro, da busca por amparo e saciedade de suas pulsões.

O isso (Freud, 1923) é a instância psíquica submergida pelo inconsciente. Uma espécie de reservatória inicial e ancestral da energia psíquica. Lugar onde impera o princípio do prazer, de natureza pulsional e dotado de paixões. Suas pulsões são de origem inata e hereditária à nível biológico, mas também adquiridas por meio do recalçamento e conversão (por influência dos mecanismos de defesa).

Como vimos no capítulo anterior, tem suas pulsões despertadas no contato com o outro e anseia por satisfazê-las sem levar em consideração os códigos, os acordos, a moral ou a ética, que organizam a civilização. Ora, sendo o homem um ser social, para a convivência com seus semelhantes, não é possível que suas pulsões se expressem em um estado puro sem levar a sociedade ao colapso.

Dessa forma, no contato com o mundo e com a alteridade, algumas pulsões do isso encontram desafios para se satisfazer; desafios estes que são impostos pelo contrato social para a perpetuação e manutenção da civilização. Assim, no embate entre o princípio do prazer (regente do isso) e o princípio da realidade (imposto pela realidade), o eu ascende, na tentativa de mediar as reivindicações do isso com as exigências da realidade e de dar um contorno de consciência de si para o sujeito.

O Eu é uma parte do Isso modificada, pois diante da castração, da impossibilidade de apoderar-se do objeto de prazer, o Isso deve adiar a satisfação, operação impossível para essa instância e que necessita, assim, da criação de outra instância para realizar essa tarefa, surgindo, dessa forma, o Eu.<sup>23</sup>

A alteridade, a sociedade e a cultura, constituem o sujeito, oferecem meios para sua subsistência e lhe ofertam segurança. Em contrapartida, exige que o mesmo abra mão de algumas vias de satisfação das suas pulsões; convocando-o, implicitamente, a criar seus substitutivos para que a vida em sociedade seja minimamente possível.

É notável o fato de os seres humanos, por mais que não possam viver em isolamento, considerarem opressivos os sacrifícios que lhes são exigidos pela cultura com o propósito de possibilitar uma vida em comum.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Moreira, 2009, p.233.

<sup>24</sup> Freud, 1927, p.22.

Para lidar com as pulsões, com as restrições impostas pela condição cultural, com os imperativos do Supereu, com a alteridade presente e permanente, surge o eu. A instância psíquica que desfruta de elementos conscientes e inconscientes.

Afirmar a origem do Eu no Isso acentua a presença da alteridade presente nessa instância responsável pelos comportamentos razoáveis. O Eu tenta lidar com as perdas insuportáveis para o Isso e, nessa tentativa, constrói sua pseudo-identidade com os restos dos outros que atravessaram o campo pulsional do sujeito.<sup>25</sup>

Segundo Freud em "O Eu e o Isso" (1923), supor que o eu seja constituído apenas do isso em contato com o mundo exterior, seria uma tarefa simples. No entanto, "há outras coisas a serem consideradas." (Freud, 1923, p.25). O supereu e o ideal de Eu, são instâncias do aparelho psíquico que surge na gradação do próprio eu.

O eu, na experiência frustrada de satisfação das pulsões do isso e marcado pelo complexo de castração, se reconhece faltoso. O supereu começa a ganhar forma. O Supereu é a instância do aparelho psíquico que opera como lei e como imperativo, atualizando a falta produzida pela castração, produz efeitos de observação, comparação, julgamento e punição, dando à luz o sentimento de culpa em diferentes níveis para diferentes sujeitos.

Do ponto de vista conceitual, o eu está inserido num vínculo de dependência tanto com o isso, por ser o ponto de partida de sua origem e por ter que lidar com suas reivindicações pulsionais, como também dependente do supereu, seus imperativos morais e exigências da realidade que se impõem como obstáculo para a satisfação pulsional.

Consequência do complexo de Édipo, o supereu se forma a partir da internalização das proibições, limites e autoridade oriundos do contato com a realidade. Uma estruturação de censura e vigilância que freia os impulsos pulsionais e marca a falta para o sujeito.

Freud cita a religião com seus preceitos e proibições, além do comportamento do neurótico obsessivo em "Atos obsessivos e práticas religiosas" (1907) como exemplos de recalçamento da libido frente a ação de uma "consciência especial" que viria a ser o supereu. Os comportamentos, aparentemente sem sentido, do neurótico obsessivo podem esconder uma tentativa do supereu de substituir a realização libidinal por uma cerimônia repetitiva.

---

<sup>25</sup> Moreira, 2009, p.234.

Em "O mal-estar na civilização" (Freud, 1929), o autor teoriza sobre a presença de uma energia pulsional na formação do supereu. Uma energia pulsional que busca realização na destruição e aniquilação do objeto, tal energia, reprimida pela vida em sociedade encontra satisfação ao retornar ao sujeito sob a forma de repressão, castigo e autodestruição.

A tal energia se dá o nome de pulsão de morte, uma energia pulsional que, junto do princípio da realidade e ao complexo de Édipo, forma o supereu. A pulsão de morte, como qualquer outra pulsão reprimida, buscará vias substitutivas para sua realização; ainda que seja pela formação de um sintoma.

Se esta pulsão não fosse reprimida, a vida em sociedade iria à ruína, já que sua realização culminaria na destruição mútua dos seres humanos. Ao contribuir para a estruturação do supereu, a pulsão de morte encontra uma via possível de realização ao retornar para sujeito seu próprio impulso de destruição e aniquilação sob a forma de censura, crítica, repressão, culpa e vigilância.

Apesar de se estruturar como mediador de equação entre o isso e o supereu, a autonomia do eu é relativa, seja porque as pulsões encontram maneiras substitutivas de se realizarem de forma inconsciente, seja porque seus atos reprimidos derivados da vigilância do supereu podem possuir também uma origem inconsciente.

Na estrutura do psiquismo neurótico, o eu possui seus mecanismos de defesa para lidar com os fluxos pulsionais do isso e as repressões do supereu. Numa tentativa de manter sua integridade e escapar do sofrimento, seja ela derivada da culpa por ceder às pulsões, seja pelo desprazer de não realizá-las. Suas ações defensivas possuem elementos conscientes e inconscientes.

O eu pode ser explicado pela via evolutiva como uma característica adaptativa do psiquismo, uma vez que modula a energia pulsional frente à realidade. Além disso, possui um caráter adaptativo porque, como instância do aparelho psíquico, é capaz de tornar-se um objeto de representações substitutivas, que virá a ser objeto de amor para o Isso; seja na forma de libido objetal ou libido reinvestida no eu.

Neste momento, vemos que o conceito de eu na segunda tópica, excede o espaço dos sistemas pré-consciente e consciente presentes na primeira tópica, visto que seus mecanismos de defesa possuem também uma origem inconsciente para lidar com a angústia. E porque seu investimento libidinal não parte exclusivamente de uma escolha consciente, mas de uma seqüência de representações realizadas a nível inconsciente.

O Ideal do Eu como função do supereu, formará uma imagem utópica de perfeição do sujeito, amável e desejada por todos, com parâmetros determinados pela cultura. Levando o sujeito em seus aspectos conscientes e inconscientes a uma tentativa de revisitar a experiência de amor perdida do narcisismo primário.

Dessa forma, o supereu irá exigir do eu que seja como o Ideal do Eu, castigando-o por meios da consciência moral quando não conseguir corresponder às expectativas. É nessa dinâmica que o Ideal do Eu se instala como parâmetro de legitimação e plenitude.

Assim, propõe ao sujeito a miragem de um para além da castração na busca de retornar ao ponto de satisfação perdido do narcisismo primário. "O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal." (Freud, 1914, p.27).

O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu.<sup>26</sup>

A relação com o outro, a participação dos modelos culturais e a busca por satisfação, marcam o surgimento do Ideal do Eu como função do supereu que, ao mesmo tempo, motiva e pune o sujeito por não atingir o ideal almejado e ditado pela cultura. Nesse jogo da relação do sujeito com os outros e com o mundo, a formação do Ideal do Eu não se restringe ao mundo intra-psíquico, mas reverbera na própria estrutura social.

Não é incomum nos depararmos com ideais coletivos quando analisamos fenômenos de massas, a presença de um ideal de Eu compartilhado por meio da linguagem na cultura, fortifica os imperativos categóricos do supereu sobre o eu, dando forma e consistência ao Ideal do Eu.

A experiência de um Ideal do Eu compartilhado por uma mesma cultura pode aparecer personificado/encarnado em um outro humano dando vida como um ídolo a ser seguido, ou pode estar enraizado na cultura por meio da linguagem compartilhado por seus membros. "Se os indivíduos da massa estão ligados numa unidade, tem de haver algo que os une entre si, e este meio de ligação poderia ser justamente o que é característico da massa." (Freud, 1921).

---

<sup>26</sup> Freud, 1914, p.27.



- **4- O Narcisismo como ocasião da estruturação do psiquismo**

Em "Introdução ao narcisismo" (1914), vemos que o narcisismo é o substrato no qual o aparelho psíquico se estrutura. Freud apresenta o narcisismo como um processo psíquico vivido pelo sujeito em dois níveis diferentes. O nome desse processo psíquico faz referência ao mito de Narciso<sup>27</sup>, um personagem da mitologia grega, filho do deus do rio Cefiso e da ninfa Liríope.

No mito, Narciso era um jovem de extrema beleza e formosura, encantado com a própria beleza, rejeitou muitas pretendentes. As moças desprezadas pediram aos deuses para vingá-las. Para dar uma lição ao rapaz frívolo, a deusa Afrodite o condenou a apaixonar-se pelo seu próprio reflexo na lagoa de Eco.

Encantado pela sua própria beleza, Narciso deitou-se no banco do rio e definhou, olhando-se na água e se embelezando. Depois da sua morte, Afrodite o transformou numa flor, Narciso. Em outro relato do mito, ao contemplar-se na beira do rio, Narciso comete suicídio por não conseguir possuir seu objeto de desejo, ele mesmo.

O mito de Narciso nomeia esse processo psíquico de dois níveis à medida que se assemelha ao que acontece no psiquismo humano. Seja no narcisismo primário, seja no secundário, existe um investimento libidinal no sujeito de forma que o faça experimentar uma sensação de centralidade e privilégio diante dos outros de sua espécie.

Esse investimento libidinal no sujeito acontece em dois níveis diferentes. Num primeiro momento, o sujeito recebe investimento do outro como figura representante da cultura. Nessa experiência, as fronteiras entre o eu e o outro estão em formação, então, hora o sujeito experimenta a ilusão da completude de possuir totalmente o objeto de seu desejo, hora começa a reconhecer-se faltoso. Um exemplo disso é a relação da criança com o seio da mãe.

As marcas do outro no corpo da criança, em paralelo com o amadurecimento neurológico que possibilita a diferenciação entre percepção e memória, faz a experiência de satisfação autoerótica dar lugar à busca de satisfação por meio dos impulsos pulsionais. Tais impulsos, direcionam a satisfação pulsional a outro objeto que não seja o próprio sujeito em sua satisfação autoerótica.

---

<sup>27</sup> A história de Narciso em Ovídio, *Metamorfoses*.

A pulsão que na realidade autoerótica estava sem determinação, começa a fazer uma trilha de representações e formar seu objeto de investimento a partir do encontro com o outro como objeto libidinal. Para lidar com as novas tensões geradas entre as pulsões e o princípio de realidade, é necessária a ocorrência de "uma nova ação psíquica"(Freud, 1914) para o aparelho psíquico; o que foi nomeado pelo autor como: narcisismo.

No narcisismo primário, como Freud nomeou o primeiro nível desse processo psíquico, o sujeito é investido pelo outro como objeto de amor. O amor a si mesmo surge para o sujeito à medida que se reconhece como objeto de amor do outro. O sujeito depende das marcações significantes que o outro lhe atribui para reconhecer-se.

O contato com o investimento do outro, cheio de insígnias culturais, ajuda a criança a se reconhecer como uma unidade e não como uma massa disforme e desagregada. As pulsões e o princípio de realidade, começam a marcar a fronteira entre o eu e o outro por meio da experiência de Desamparo da criança e da Ação Específica como investimento do outro no sujeito. É o complexo do Próximo dando contornos à nova ação psíquica que se ramifica a partir do narcisismo.

Neste primeiro momento, o sujeito experimenta uma ilusão de onipotência e de centralidade do meio externo. Tal ilusão foi nomeada por Freud como "Sua Majestade o bebê" (Freud, 1914), representando um lugar de destaque, onde o bebê atualiza nos cuidadores a própria experiência do narcisismo primário.

Nesse estágio, aqueles que desempenham a ação específica, possuem dificuldade de perceber defeitos e falhas do bebê, dando ainda mais margem à ilusão de onipotência e centralidade ao objeto de seu investimento, ou seja, o bebê. Esse investimento em grande escala obstrui a falta e engana a experiência do desamparo.

É certo que, cultura que incentiva e tolera o superinvestimento, que tampona a falta e constrói a ilusão de completude para o bebê, que possibilita o modo de existência para os cuidadores reviverem sua experiência primária do narcisismo na criança, é a mesma que indicará os "nãos" e rejeições experimentados posteriormente pelo bebê.

O princípio da realidade incide sobre o bebê, fazendo-se presente pelo complexo de Édipo e de Castração. A falta, antes obstruída pelo excesso de investimento e pela ilusão de onipotência, torna-se latente. Cada vez mais, as exigências culturais são apresentadas à criança e, se antes, a percepção de ser amada era intrínseca ao existir, a castração incide como um roubo, algo lhe foi tirado, algo lhe falta para ser, mais uma vez, um alvo de amor "incondicional".

Críticas, imperativos, demandas, exigências, rejeições, abandonos, desamparos, são exemplos de atualizações da castração que vão sendo simbolizadas pelo sujeito e o convoca a seguir para o próximo nível, o narcisismo secundário; onde acontece a estratificação do Eu e coroa o narcisismo como ocasião da estruturação do aparelho psíquico.

Após a passagem pelo narcisismo primário, e pela experiência da castração/falta balizada pela cultura, o aparelho psíquico continua sendo "tecido" pelo narcisismo. Agora, nomeado de narcisismo secundário, continuará o processo de formação psíquica do sujeito. (Freud, 1914).

Diante da castração experimentada pelas privações da vida em sociedade, o Eu em construção é levado a procurar completude, ir em busca do objeto faltoso na esperança de ocupar o lugar perdido do narcisismo primário. A alteridade aparece, não só como meio de sobrevivência do sujeito, ou como operadora da castração, mas como espaço onde, o Eu buscará o "objeto perdido/faltoso".

Assim, a libido pode ser direcionada ao mundo externo, tornando-se libido do objeto (Freud, 1914), ou ser, novamente, investida no próprio sujeito pela retração do movimento em direção aos objetos, dando origem ao a libido do Eu. "Isso nos leva a apreender o narcisismo que surge por retração dos investimentos objetais como secundário, edificado sobre um narcisismo primário." (Freud, 1914, p. 11).

Dessa forma, no processo de estruturação do eu, o narcisismo, e a forma do sujeito o experienciar, tem papel fundamental; uma vez que contribui, significativamente, para o desenvolvimento dos processos neuróticos e psicóticos. Ou o Eu, no seu processo de constituição, reinveste a libido em si mesmo, ou orienta-a ao mundo externo em busca de um Eu pleno e total nos objetos, dando origem aos sintomas psicóticos e neuróticos, respectivamente.

Ambos os movimentos são em busca do que foi vivido na experiência do narcisismo primário. E tudo isso só é possível por meio da alteridade, o outro surge como uma espécie de embaixador da cultura, sendo ao mesmo tempo, sinalizador das privações sociais sobre as pulsões e possibilidade sublimada de satisfação como meio de investimento libidinal.

Ou seja, tanto o investimento libidinal no próprio Eu, quanto nos objetos, conceituam possibilidades do narcisismo secundário e estruturam o sujeito diante de si mesmo e do mundo. "O valor dos conceitos de libido do Eu e libido de objeto está em

que derivam da elaboração de características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos." (Freud, 1914, p. 13).

Na possibilidade do investimento libidinal ser orientado para os objetos, ergue-se o Ideal do Eu no aparelho psíquico como ramificação do Supereu e modelo perfeito, em busca da satisfação perdida no narcisismo primário e como meta de realização no narcisismo secundário.

Assim, vemos o narcisismo contribuir, efetivamente, na formação do sujeito e a alteridade, tecida e modulada pela cultura, permeando os processos narcísicos e desempenhando sua influência primordial na composição do Eu.

A cultura oferta peças de um quebra-cabeças ao sujeito, dando-lhe a oportunidade de extrair da sua experiência com a alteridade, seu impiedoso e imperativo ideal do Eu. A civilização vende ao Eu seu produto: uma versão melhor, completa, não-faltosa, mais aprimorada e digna de todo amor, promovendo assim, o encaixe perfeito para as expectativas do narcisismo secundário. Dando-lhe a falsa, mas necessária, esperança de realização plena. O ideal do Eu assume as características vigentes presentes na cultura e encontra na alteridade uma forma de se presentificar.

No entanto, o eu ainda precisa lidar com as investidas pulsionais do isso. "Haver trocado seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu não implica ter alcançado a sublimação de seus instintos libidinais." (Freud, 1914).

O Sujeito encontra, na mesma cultura que oferece elementos para a construção de seu ideal do Eu, por meio de um código universal, impedimentos para sua realização e satisfação de algumas de suas pulsões. "Do ideal do Eu sai um importante caminho para o entendimento da psicologia da massa. Além do seu lado individual, ele tem o social, é também o ideal comum de uma família, uma classe, uma nação." (Freud, 1914).

Os impulsos pulsionais não respeitam os ideais morais e o caminho rumo ao Ideal do Eu pode não ser suficiente para aplacar, por exemplo, a libido. A sociedade possibilita a composição das saídas para a experiência da castração pelo ideal do Eu.

Ao mesmo tempo, impõe limites às pulsões pelas balizas morais e éticas, que não só se apresentam sob forma de leis e regras sociais, mas que podem constituir, intrinsecamente, o próprio sujeito. "Os impulsos instintuais da libido sofrem o destino da repressão patogênica, quando entram em conflito com as ideias morais e culturais do indivíduo." (Freud, 1914).

A alteridade, em parceria com o narcisismo, começa a edificar o Eu de forma silenciosa e paciente, pelos encontros e desencontros com os outros. Vemos, então, a alteridade participando de todas as dimensões do aparelho psíquico: é engrenagem central para o supereu em sua contribuição com os elementos do ideal do eu, facilitadora e inibidora das pulsões do isso e constituinte do eu, desde a linguagem ao olhar ontológico e filosófico sobre a vida que se apresenta no contato do sujeito com os outros.

Pois a incitação a formar o ideal do Eu, cuja tutela foi confiada à consciência moral, partiu da influência crítica dos pais intermediada pela voz, aos quais se juntaram no curso do tempo os educadores, instrutores e, como uma hoste inumerável e indefinível, todas as demais pessoas do meio (o próximo, a opinião pública).<sup>28</sup>

Dessa forma, é possível afirmar que o eu surge no contato com a realidade, com o mundo, com os outros, com a civilização e, por conseguinte, com a cultura. Dando origem a um complexo, singular e dinâmico mosaico. Passível de rearranjos e reconstituição, respeitando, é claro, as peças disponíveis para tal. No contato com a realidade, o Id e seus impulsos pulsionais se modificam dando origem ao Eu e isso só é possível com a existência da alteridade.

Além disso, a alteridade participa do narcisismo primário (dando subsistência ao bebê), da constituição do eu a partir do isso, da experiência da castração e do complexo de Édipo, do surgimento do narcisismo secundário, da formulação do Ideal do Eu e do destino libidinal. Dessa forma, percebemos que, através do narcisismo, cultura e alteridade participam da formação psíquica do sujeito. Por isso, se faz necessário estudar a cultura e a alteridade para compreender o objeto da psicanálise.

Encontramos no narcisismo a ocasião de estruturação do aparelho psíquico na obra Freudiana. Assim, é através do narcisismo que o eu se estrutura e se estratifica, dando contornos à forma como o aparelho psíquico lidará com as pulsões do isso, com os imperativos do superego, com o princípio da realidade e com a falta, por exemplo.

Ainda, contribuirá para as relação com os outros, com o seu destino libidinal, com a relação do sujeito com a cultura e a civilização. Sem deixar de sinalizar, é claro, a importante relação do eu com o sujeito, uma relação marcada pela alteridade e pela cultura como vimos no decorrer desse capítulo e de forma mais enfática, no narcisismo.

## ● 5- A clivagem do Eu

---

<sup>28</sup> Freud, 1914, p. 29.

A noção de clivagem do eu comporta, como o próprio termo indica, uma divisão no psiquismo que, inicialmente, estaria relacionada à realidade da perversão e da psicose (Freud, 1927). Posteriormente, foi também atribuída à neurose, permeando toda a teoria Freudiana do aparelho psíquico.

Algumas divisões são percebidas como constitutivas do aparelho psíquico, como aquelas apresentadas na primeira tópica (Freud, 1900) e as divisões da segunda tópica (Freud, 1923), participando da formação da estrutura do psiquismo descrito por Freud. Outras, porém, são percebidas como psicopatológicas. Diante dos quadros clínicos de fetichismo e melancolia, Freud começa seus estudos sobre a clivagem do eu e se depara com um mecanismo psíquico de defesa ao que chega ao eu que escapa da formulação do recalque.

Diante dessa realidade, Freud constrói a teoria de uma clivagem patológica, que não exclusivamente estruturante e constitutiva do aparelho psíquico, mas capaz de gerar um Eu fissurado.

Em "Luto e Melancolia" (Freud, 1917), podemos ver um breve rascunho da clivagem do eu patológica, como a principal diferença entre o luto e a melancolia. Enquanto o luto é reconhecido por Freud como um processo difícil, mas natural, onde o sujeito atravessa a dolorosa via de reinvestimento da libido após a perda do objeto, na melancolia o sujeito encontra satisfação em se depreciar e humilhar. Dando a percepção de uma espécie de dualidade do eu do sujeito. É a experiência de satisfazer-se em depreciar-se, como se o Eu estivesse dividido em dois.

Na melancolia, patologicamente, a negação em ter que reinvestir a libido em outro objeto, provoca uma aglutinação do objeto perdido por parte do eu, provocando uma divisão. O eu, agora dividido, possui uma parte identificada com o objeto perdido e outra como se fosse uma espécie de juiz, que expõe e difama seu paralelo. Neste texto, vemos a inclinação de Freud em reconhecer a possibilidade do eu sofrer divisões, antes mesmo de apresentar a teoria da segunda tópica.

Em "O Fetichismo" (1927), o autor apresenta o fetiche como uma ação psíquica substitutiva da ausência de pênis na mulher percebida pelo menino na infância. Assim, o menino rejeita a castração da mulher como mecanismo de defender-se da ideia de perder seu pênis, do que ele representa e de ser castrado.

Antes da libido objetal ser capturada pela arbitrariedade do fetiche, ocorre a clivagem do Eu pois, por mais que exista a rejeição da ausência do pênis na mulher, o ato de rejeitar não é suficiente para aplacar a realidade.

Assim o eu se divide em dois para dar conta da tensão. De um lado temos uma aceitação por parte do eu em reconhecer a realidade, e do outro, a recusa em pensar na possibilidade da perda do pênis. Por isso, o objeto fetiche existe como resposta e como representante do pênis da mulher, em uma tentativa de manter conservado o próprio pênis e suas representações no inconsciente para o menino.

Em "A divisão do Eu no processo de defesa" (1940, Freud), o fundador da psicanálise retoma o exemplo do contato do menino com percepção de ausência de pênis na mulher para explicar o processo de clivagem do eu na conjuntura de um trauma (uma enxurrada de estímulos aos quais o aparelho psíquico não possui ferramentas e tempo para elaborar), dos impulsos do Isso e dos imperativos do supereu. Mais uma vez, a divisão acontece com a formação de um objeto fetiche para atender tendo ao Isso quanto ao supereu. Assim, o eu trilha duas vias distintas concomitantemente, algo que só é possível com uma fissura no próprio eu.

No texto "Esboço de psicanálise" (1940, Freud), o autor explica a clivagem do eu na realidade da psicose como demonstração de como duas atividades psíquicas ambivalentes podem coexistir no aparelho psíquico sem se anularem.

De forma mais enfática, Freud afirma que a clivagem do eu não é um fenômeno restrito à psicose ou à perversão, e nem a singularidade do fetichismo e da melancolia, mas acontece também em outras configurações neuróticas como mecanismo de defesa diferente do recalque. "É na verdade uma característica universal das neuroses que estejam presente na vida mental do indivíduo, em relação a algum comportamento particular, duas atitudes diferentes, mutuamente contrárias e independentes uma da outra." (Freud, 1940).

Diante de uma enxurrada de estímulos aos quais o psiquismo não possua recursos e tempos para elaborar, seja na negação da castração, na perda do objeto no luto ou de um grande sofrimento, o eu se fragmenta como mecanismo de defesa diante de uma informação sem representação simbólica. Obtendo assim, como saída para a situação, uma esquiva do estímulo que gera uma cisão do eu.

Ao contrário do recalque onde a informação, que pode ser uma pulsão, é recalçada, subjetivada e integrada a uma cadeia de representações substitutivas que possibilitará o retorno à consciência pela via do sintoma, a clivagem do eu é o exemplo

de que nem todas as informações da tensão provocada sobre o eu são possíveis de serem elaboradas e toleradas pelo aparelho psíquico.

Dessa forma, a clivagem do eu representa uma cisão como forma de lidar com alguma informação conflitante que não seja pela via do recalque. O eu dividido experimenta uma dupla forma de lidar com um conflito, uma parte aceita o acontecimento e outro nega sua existência. Ambas coexistem e são arquitetadas pelo aparelho psíquico como mecanismo de defesa para lidar com a tensão.

## **Segunda Parte: Elementos da alteridade e da cultura em Lacan**

- **6- Estádio do espelho: símbolo e imagem**

O Estádio do espelho demonstra a importância da participação da cultura e da alteridade na formação da subjetividade. Lacan (1966) demonstra como precisamos dos outros e do Outro, dados pela cultura, para a constituição de nosso aparelho psíquico. Sem excluir, obviamente, as disposições fisiológicas saudáveis.

Através do relato do estágio do espelho (1966), podemos perceber também que, não só os códigos universais ou o mundo simbólico transmitido pela cultura de geração em geração que contribui para a formação permanente da subjetividade. A imagem possui sua relevância na formação da subjetividade, dando elementos ao sujeito para interpretar estímulos, fenômenos e reações exteriores e interiores.

É através do olhar e da presença do outro que a subjetividade se constitui. Num primeiro momento, a criança se vê no espelho, mas não se reconhece diante da imagem que vê; depara-se com um "outro" (na verdade, é o reflexo de sua própria imagem). Com o desenvolvimento fisiológico e pela presença da alteridade, a criança passa a flutuar entre um eu em formação e a assimilação da própria imagem como um outro ainda presente (sua própria imagem).

Em seguida, a imagem (concomitante com o fenômeno óptico, assumimos por "imagem" os recursos linguísticos e culturais que contribuem para a formação dos contornos do Eu - Outro) refletida é capturada pelos mecanismos simbólicos como o eu, constituído de forma, corpo, características e com contornos que a identifica e diferencia do outro.



A essa relação de interferência e influência da alteridade e da imagem no desenvolvimento do eu, que possibilita, dentre outras coisas, a constituição do Eu diante da identificação da imagem do outro/semelhante; Lacan nomeou de Estádio do Espelho.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: o Estádio do Espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.<sup>29</sup>

A capacidade do eu ser constituído e reconhecer-se, também, um corpo no mundo passa pelo olhar do outro. A forma corpórea do eu no mundo, também é constituída pela identificação do corpo de um outro; que, na experiência do estádio do espelho, pode ser assumida como o próprio reflexo. Os membros e partes do corpo, sendo reconhecidos como movimentos desconexos pela criança, ao contato com a imagem de si/outro, agregam-se ao todo (corpo).

O corpo "capturado", além de fisiológico, é um corpo-virtual, com traços do Real, mas também composto pelo Simbólico e pelo Imaginário (a imagem capturada pelo olho, é como o protótipo do eu ideal. No contato com o outro/auto-reflexo não diferenciado, a percepção da imagem sofre influência do Imaginário e do Simbólico). A imagem constitui o eu capaz de se perceber no mundo, um eu sintomático diante do Real que será simbolizado de forma inacabada.

O prisma, na óptica, tem o efeito de decompor a luz em seus componentes; a imagem, no psiquismo, pela via do Imaginário e do Simbólico, possui a capacidade de contribuir para a constituição do eu e de efeito Gestalt (unidade/forma) ao corpo espedaçado. Dessa maneira, a imagem contribui para a formação da subjetividade, "costurando retalhos" e fundamentando um eu, com ideia de si mesmo no mundo, mas de forma alienante, pois jamais será correspondente, em plenitude, ao Real.

Pois a forma total do corpo pela qual o sujeito antecipa numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como Gestalt, isto é, numa exterioridade em que decerto essa forma é mais constituinte do que constituída, mas em que, acima de tudo, ela lhe aparece num relevo de estrutura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição á turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la.<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Lacan, 1966, § 17.

<sup>30</sup> Idem, § 9.

O Estádio do Espelho possibilita a transição da pré-maturação ao adiantamento no desenvolvimento do sujeito. Na pré-maturação, encontramos uma criança em processo de reconhecimento da relação eu - outro, o aparelho psíquico está em processo de constituição e de contato com o mundo externo. Além disso, o termo pré-maturação nomeia um momento prévio do desenvolvimento fisiológico que, em certa medida, é fator determinante para que o sujeito consiga reconhecer seu corpo de forma ortopédica e "unificado".

A noção objetiva do inacabamento anatômico do sistema piramidal, bem como de certos resíduos humorais do organismo materno, confirma a visão que formulamos como o dado de uma verdadeira prematuração específica do nascimento no homem.<sup>31</sup>

A experiência com o espelho se coloca como mediador dessa transição entre a prematuração e o adiantamento, pois, fornece ao sujeito um encontro consigo mesmo e com o outro, através da mesma experiência ótica. No adiantamento, vemos o movimento de ausência de um olhar totalizante sobre o corpo esfacelado (por causa de um aparelho psíquico e funções fisiológicas ainda em desenvolvimento) para a identificação com o outro (ser semelhante/diferente do sujeito em constituição).

Identificação essa que será fundamental para sua identidade no mundo e que dará forma à sua estrutura mental, à sua unidade corporal, ao destino da libido e ao desenvolvimento dos processos neuróticos ou psicóticos. Aqui, percebemos a primazia dos processos psíquicos antes da maturação do controle motor e da maturação de outros componentes fisiológicos.

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engordo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.<sup>32</sup>

É também, através do Estádio do Espelho, que, a matriz simbólica do sujeito é erguida. Pois, possibilita o primeiro encontro entre o Real e os significantes da linguagem cedidos pela cultura (participação da Alteridade e do Imaginário na

---

<sup>31</sup> Lacan, 1966, § 15.

<sup>32</sup> Idem, § 17.

subjetividade); o Estádio do Espelho inaugura a subjetividade porque dá subsídios para uma rede significantes ao eu, àquilo que virá a ser o Simbólico.

O eu, constituído pela imagem do semelhante, se utiliza dela (por meio da linguagem), não só como referência de si, mas como mediadora entre o aparelho psíquico e o mundo, dando-lhe primazia na percepção, registro e organização do mundo exterior; criando um vazio permanente a ser preenchido por ela (imagem).

Diante do reflexo da própria imagem, do processo de reconhecimento de si, de constituição do eu e de identificação a partir de um outro, o eu em constituição, assimila a si mesmo pelo olhar do outro e pelas veredas da alteridade. A imagem de si é incompleta e acaba por ser preenchida pelo Imaginário.

A imagem, o fato de olhar e ser olhado, contribui para a permanente mutação do ideal do Eu, uma vez que as exigências culturais continuam conjugando-se com a busca do objeto a.

Os vínculos e relações que estabelece, consigo mesmo, com os objetos e com os outros, são sustentados pelo Imaginário. Este eu, rigorosamente, dependente e dito pelo Outro (insígnias e marcadores culturais que atravessam os outros e as instituições), Lacan nomeio de *moi*, um eu desprovido das ferramentas simbólicas para ligar-se ao Real e ao Imaginário.

É no Estádio do Espelho que vemos, concomitantemente, a formação dos dois registros (Imaginário e Simbólico) possibilitando a diferenciação do *moi* com o Eu (*je*) Sujeito do inconsciente. Para que o Eu(*je*)/Sujeito venha a existir, é necessário que o mesmo viva o processo de entrelaçamento do Real (inacessível e mediado pelo Imaginário/Alteridade) com o Simbólico; pela via da linguagem e dos conjuntos de seus significantes.

O Sujeito do inconsciente, só emerge pela identificação de si pelo outro, pelo efeito gestalt, pela interiorização do e pelo entrelaçamento dos registros Real, Imaginário e Simbólico. Tornando-se assim, sujeito da enunciação e desejanste. ( Bruder, 2007).

O eu, instância do aparelho psíquico, emergido do isso e que sofre gradações dando origem ao supereu, só tem atribuições de Sujeito quando, junto da experiência dos registros: Real, Imaginário o Simbólico, tem a possibilidade de reconhecer-se, pelo Outro, no mundo. Sem isso, a própria visão ortopédica do corpo não acontece e o eu pode permanecer na situação de objeto, dando abertura aos processos psicóticos.

É, no contexto da relação do sujeito em constituição com a imagem, que a imago paterna é formada como um alicerce simbólico e, por vezes, encarnado em pessoas e instituições. A captura da imagem do outro como destino da libido objetual, também inicia o processo de construção de um outro, também desejante, capaz de castrar o sujeito e incidir sobre ele restrições.

A imago paterna - alusão à figura paterna, mitificada pelo pai de Édipo que coloca-se entre o sujeito e a satisfação de suas pulsões - é formada pela entrada em cena de um terceiro e pelas repercussões topológicas do Simbólico e do Imaginário no Real. Tem função de interdição, de lei e engloba suas vicissitudes: origem da lei, interiorização da lei e identificação da lei. Além de contribuir na gênese do supereu.

O Complexo de Édipo e a edificação da imago paterna assumem uma dimensão geral e universal na constituição da subjetividade, dando contorno às suas relações sociais, institucionais e humanas; inserindo, assim, um terceiro elemento entre o sujeito e a imagem (de si/do outro), um outro que também sinaliza e organiza o eu refletido, que nomeia e se torna, em alguns casos, "personificação" do Outro. Um terceiro elemento também desejante, restritivo e castrador.

Podemos, então, perceber que, o esquema ótico tem primazia na constituição da subjetividade, uma vez que, por meio dele, os registros Real, Imaginário e Simbólico se enovelam pela via da dialética eu - Outro/criança - espelho. A imagem no espelho, o contato com o semelhante, provoca o psiquismo a lidar com aquilo que se apresenta diante dos olhos; o eu (*moi*) passivo frente ao espelho origina o Eu (*je*), Sujeito. O espelho torna-se o semelhante que, pelo Real convoca à simbolização com os recursos culturais na "companhia" do Imaginário, em um processo que não está na ordem da consciência.

Formando, assim, o Sujeito do inconsciente, sintomático, "estranho" ao próprio eu, recalcado, dotado de sublimação, passível de atos falhos e chistes. Constituído de falta e de angústia. O estágio do espelho e o narcisismo contribuem, paralelamente, para a constituição da subjetividade; ambos crescem e desenvolvem-se no solo da cultura e na alteridade.

### Capítulo 3

#### O debate acerca da experiência com a internet e sua influência na subjetividade contemporânea

- **1- Apresentação do capítulo**

Neste capítulo, será apresentado como a internet e as tecnologias dela derivadas participam das atuais discussões sobre a subjetividade contemporânea. Um tema novo e ainda pouco conhecido, mas urgente de ser debatido frente às suas possíveis consequências para o sujeito e para a esfera sociopolítica.

Aqui, serão apresentadas como exemplos da interferência da internet no psiquismo a teoria do mal-estar na civilização digital e a teoria dos múltiplos eus. Passaremos pela história da internet, conheceremos seu nascimento e algumas de suas tecnologias como as mídias digitais e o algoritmo empregado em sua estrutura.

Veremos, brevemente, uma nova face do capitalismo global: o capitalismo de vigilância. Conhecido também como "colonizador de mentes", essa nova modalidade do capitalismo vive e se desenvolve dentro e fora da rede de computadores. Algo novíssimo e pouco discutido em terras brasileiras. Silencioso, mas perigoso para a liberdade individual e para a democracia.

Poderíamos trazer inúmeros autores para o debate da influência da internet na subjetividade contemporânea. Infelizmente, dada a necessidade de prazos para a pesquisa, focamos em priorizar o tema de forma nuclear e citar outras variáveis aqui, nesta breve introdução ao capítulo, para não deixar de sinalizar sua importância nessa discussão.

Primeiramente, é importante citar o neoliberalismo como meio ao qual toda a subjetividade contemporânea está sujeita a influências, seja ela direta ou indireta. E por isso, esse tema não poderia ficar de fora dessa discussão, mesmo que não seja analisado extensivamente.

No livro "Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico" (Safatle, Silva Júnior e Dunker, 2020), os autores apresentam um olhar interdisciplinar para compreendermos como o neoliberalismo se configura nos tempos atuais. Para além de um modelo socioeconômico, o neoliberalismo atua como arquiteto de subjetividades por meio da promessa da liberdade individual como meio de realização pessoal. A partir

dessa perspectiva, o senso coletivo e de responsabilidade social são ameaçados na contemporaneidade.

Os autores descrevem que, diferente do liberalismo chamado "clássico", o neoliberalismo não vê no mal-estar um obstáculo à produção e ao acúmulo de capital. No contemporâneo, o adoecimento, o cansaço e os sintomas ganham contorno de matéria-prima para a extração de recursos capazes de gerar lucro.

Dessa forma, existe uma política e uma mentalidade neoliberal vigente que explora o sofrimento humano para fins econômicos. Sua execução se dá por meio da promoção do individualismo, da auto-suficiência e da vida como produto a ser vendido. Assim, a experiência de sofrer e de legitimação do sofrimento são capturados pela psicopatologia numa proposta de agenciamento empresarial da vida humana.

Diante deste fenômeno, não podemos realizar um debate sobre a subjetividade contemporânea sem citar o neoliberalismo e sua influência sobre o sujeito. Nos parece necessário que, ao estudar o tema da subjetividade contemporânea, se reflita e avalie o efeito neoliberal sobre a subjetividade em nossas pesquisas.

Outro ponto que merece sua atenção ao tratarmos da subjetividade contemporânea é buscarmos atualizar os debates freudianos em termos do mal-estar tendo em vista o tempo e espaço em que vivemos. Nesse sentido, Joel Birman, em seu livro "O mal-estar na atualidade", parte de um olhar de articulação entre psicanálise e cultura, sustentando que do fruto dessa interseção, ambas recebam benefícios. Uma boa leitura que reitera a participação da discussão sobre a cultura dentro da psicanálise.

Sua tese é de que a subjetividade contemporânea é sustentada por um paradoxo: um auto-centramento voltado para o exterior. Nessa atitude, a dimensão estética, validada pelo olhar do outro, ganha mais evidência. Nesse sentido, Birman (1999) esboça duas linhas de investigação.

Na primeira linha, o autor faz uma análise do mal-estar na atualidade numa conversa com a cultura. Aponta, a existência de novas características culturais marcadas pela pós-modernidade, que produzem influências na formação da subjetividade contemporânea. Tais características como o exibicionismo, o auto-centramento e o individualismo, influenciam as subjetividades atuais e inauguram novas formas de mal-estar.

Em seguida, questiona a insuficiência dos instrumentos da psicanálise para a interpretação das novas influências culturais, refletindo sobre os elementos presentes na teoria psicanalítica que possibilitam a crise da psicanálise na contemporaneidade. Em

uma de suas exposições sobre o mal-estar, Birman (1999), afirma que uma de suas novas modalidades se refere ao sujeito que sofre por não gozar o suficiente, diferente do mal-estar proposto por Freud que se inseria no desconforto de não encontrar meios de gozar frente aos imperativos culturais de sua época.

A meta deste capítulo é apresentar teorias que sustentem a problemática da conjunção internet/subjetividade, pelo viés psicanalítico, como forma de afirmar a influência da internet em nossa subjetividade, a importância do tema da cultura na psicanálise e a urgência de darmos a devida atenção ao mundo digital.

- **2- A ascensão da Internet e as novas tecnologias digitais**

As mudanças provocadas pelas novas tecnologias abrem caminhos sem precedentes dentro e fora do homem. Temos como exemplo, as mudanças sociais e culturais provocadas pela Idade Moderna e os que se sucederam a ela. Um novo mundo precisava ser conhecido e junto com ele o homem era cobrado a se reinventar e a criar novas formas de se comunicar; para conseguir tangenciar o novo capítulo da História que se formava diante dele.

Novos símbolos, novos signos, novos gestos e uma pluralidade de neologismos fecundaram o pensamento. Silenciosamente, a linguagem tecia uma nova história, um novo mundo e um novo homem, enquanto era tecida por ele.

Para Lévy (1999), não é possível separar o ser humano de seu ambiente material, porque é através dos signos e imagens que o humano se utiliza para atribuir sentido ao mundo e a si mesmo. Para o autor, as construções da linguagem que são influenciadas pelo mundo material "entranham-se" nas almas humanas. Assim, fornecem perspectivas e modos de vida específicos para determinadas épocas da história, além de serem organizadas e instrumentalizadas pela ação humana, sofrendo mudanças e interferências do avanço tecnológico.

Segundo Lévy, as tecnologias possuem a capacidade de condicionar uma sociedade à mudanças, o que não é o mesmo que impor uma mudança. Afinal, não foram todas as tecnologias que surgiram que tiveram impacto de mudança social. Mas em cada nova tecnologia, existe a possibilidade de desencadear uma mudança social e cultural, o que por consequência, pode gerar mudanças na subjetividade humana.

As transformações culturais continuaram a ser impactadas por transformações sociais, a Segunda Revolução Industrial no século XIX e as duas grandes guerras

mundiais do século XX, colocavam, mais uma vez, o homem, suas perspectivas, suas relações e suas filosofias em xeque.

Da criação de ferramentas manuais à nanotecnologia, as novas tecnologias não param de ser criadas. Algumas podem alterar a estrutura social de forma mais específica, mudando técnicas de trabalho e promovendo maior qualidade de vida em uma localidade, e não serem tão potentes para modificar as relações humanas e provocar reflexões sobre a forma de ser.

Outras, no entanto, tornam-se mundialmente conhecidas, difundidas e capazes de modificar as relações humanas em escala global. Tal fenômeno de expansão de uma nova tecnologia ganhou mais força graças ao fenômeno da Globalização que atingiu o mundo em meados do séc. XX. O desenvolvimento dos meios de transporte cada vez mais rápidos e da rede de satélites artificiais são exemplos de tecnologias que contribuem para a disseminação de conhecimento e para o alcance e proliferação de novas tecnologias pelo mundo.

Em 1945 (Lévy, 1999), a humanidade depara-se com a criação dos primeiros computadores (uma espécie de calculadora capaz de gravar operações matemáticas), nos EUA e na Inglaterra. Até o início da década de 60, seu uso ficou restrito ao campo Militar, posteriormente, disseminou-se entre os civis. Segundo o autor, já naquela época, existiam um pequeno grupo de visionários que viam na nova tecnologia uma potência capaz de mudar a forma de comunicação, a informação e a vida social.

A propagação aconteceu nos anos 70 com a criação do microprocessador (Lévy, 1999), um chip pequeno, capaz de realizar operações aritméticas e lógicas. Tal tecnologia mudou operações econômicas e sociais em grande amplitude. Era o início da robótica, das linhas de produção flexíveis, máquinas industriais e controles remotos digitais.

Desde essa época, o uso de tecnologias computadorizadas, para aperfeiçoar os meios de produção em busca de lucros, vem crescendo e passou a participar do debate, do investimento e da procura nos meios econômicos.

Das linhas de produção para os lares, um movimento iniciado no estado Americano da Califórnia, apossou-se das novas tecnologias e criou o computador pessoal. De grandes empresas para o manuseio pessoal, o computador passou a ser uma ferramenta de elaboração de textos, imagens, planilhas, programas de pesquisa, jogos e uma infinidade de softwares para uso individual.



Segundo Lévy (1999), o final da década de 80 e o início da década de 90 foi o marco histórico para o desenvolvimento de um novo movimento sociocultural nas metrópoles e nos campus universitários americanos: uma rede de computadores conectados. Sem que tenha um grupo inicial para reivindicar seu início, a rede de computadores começou a crescer de forma exponencial.

O fenômeno de rede de computadores restrito ao uso Militar da década de 70, chegou aos usuários de computadores pessoais. Diferentes redes de computadores surgiram, era o início da inter-rede, ou internet como conhecemos hoje.

### ● 3- Cibercultura

Com a criação e a disseminação da rede de computadores, o mundo passou a ter contato com uma nova fonte de códigos universais que passaram a transformar a forma de perceber e descrever a realidade. Para melhor entendermos o conceito de Cibercultura, precisamos recorrer ao conceito de ciberespaço, ambos descritos e explicados por Lévy (1999).

Segundo o autor, a palavra "ciberespaço" foi inventada em 1984 por William Gibson em um romance de ficção científica chamado "Neuromante". Para Lévy (1999), ciberespaço refere-se à toda a rede de computadores que possibilita uma interconexão global e gera uma nova forma de comunicação diferente dos meios clássicos (televisão, rádio, imprensa, telefone e cartas). O conceito de ciberespaço não se restringe ao aparato físico de conexão entre os computadores, mas também a toda a informação acessível presente nessa rede.

O ciberespaço, além de ser "povoado" por seres humanos e informações, abriga também os programas ou softwares. Os softwares são um conjunto de códigos construídos por seres humanos, capazes de desempenhar uma função específica em um computador. Como por exemplo: fazer cálculos, manipular imagens e sons.

Através de comandos específicos, os programas executam tarefas, contam, analisam dados, armazenam informações, atuam sobre outros programas, fazem computadores e máquinas funcionarem, além de realizar funções antes restritas aos seres humanos quando conectados a um robô; como por exemplo: realizar cirurgias simples, escrever livros, pintar quadros e dirigir automóveis pela cidade.

Para Lévy (1999), o ciberespaço está intrinsecamente relacionado ao processo de digitalização da informação, algo que veremos mais adiante neste capítulo. Sem o

processo de digitalização, o ciberespaço perde suas características de ser "fluido, plástico, calculável e interativo" em sua disponibilidade de informação transmitida pela rede de computadores.

Para o autor, uma das mais importantes funções do ciberespaço é o acesso à distância a uma infinidade de informações compartilhadas. Isso se dá a partir de forma física, por meio das conexões a cabo das redes de computadores, ou de forma virtual por meio da internet; que conecta dois ou mais computadores que não estão conectados fisicamente à mesma rede, mas os usuários possuem acesso ao mesmo banco de dados e interagem em um mesmo site ou aplicativo.

Somada a essa função, Lévy (1999) descreve uma outra função do ciberespaço, a transferência de dados por meio de uploads e downloads. Usuários da mesma rede física de computadores ou conectados por meio da internet, podem enviar e receber arquivos de outros usuários, desde que a capacidade de armazenamento do seu computador ou dispositivo não seja atingida.

A característica expansiva do ciberespaço, segundo Lévy (1999), o torna universal na medida de integrar todo tipo de informação. Assim, não existe um conteúdo específico no ciberespaço. O autor enfatiza que o ciberespaço não possui uma característica neutra, isso porque, é construído e reconstruído por usuários.

Dessa forma, Lévy não descarta as implicações políticas, sociais e culturais do ciberespaço no mundo. Algo que, atualmente, está em pleno debate no Brasil e em tantas outras nações: a regularização da internet. Para Lévy (1999), o ciberespaço é um sistema do caos, cresce sem limites, acolhe todo e qualquer discurso, é como um labirinto móvel, uma universalidade sem sentido central e um sistema de desordem. Características que compõem o ciberespaço.

O ciberespaço é um sistema do caos na medida em que a mudança e a construção coletiva são a regra de sua existência. A constante movimentação de dados, a troca de informações, a digitalização e a atualização dos softwares fazem do ciberespaço uma experiência sempre nova, sempre em mudança, uma experiência caótica e fluida.

Tendo conhecido melhor o conceito de ciberespaço, fica mais fácil entender o conceito de cibercultura: um conjunto de modos de pensamento, modos de ser e valores que surgiram em paralelo ao progresso do ciberespaço. A cibercultura está em constante mutação e sua principal característica é a rápida e constante transformação.

A cibercultura, como forma de ser e de pensar, reinventa as bases que a formou. Suscita perturbações na relação com o saber, modulações sobre o conceito de verdade, críticas aos princípios filosóficos e abalo nas estruturas sólidas culturais. Além de instigar questões políticas e sociais referente ao acesso à informação, a manutenção da diversidade cultural e dos estados democráticos.

A cibercultura tem um caráter fluido, em constante mutação e é desprovido de qualquer essência estável. Ela elucida muito bem o caráter contemporâneo de fluidez e apego à novidade. Gerando impacto, estranheza e fascínio naqueles que possuem contato com ela. Mesmo aqueles que se esforçam para estar atualizados à suas mudanças, em algum momento, experimentarão a surpresa de serem ultrapassados; pois, não a quem consiga acompanhar suas mudanças.

Segundo Lévy (1999), para a cibercultura a conexão é sempre melhor do que o isolamento, isso quer dizer que seus meios de interação estão sempre investindo na permanência e no retorno do usuário à rede. Essa conexão empurra o usuário a um mundo de constante contato com informações e pessoas, sem respeitar fronteiras, fuso horário e território. Cria-se uma espécie de civilização global por presença virtual continuada e generalizada.

A cibercultura pode ser vista como uma possibilidade de criar laços sociais que não seriam construídos pelas limitações físicas dos territórios, mas que são possíveis por meio da conexão via internet. Segundo Lévy (1999) há um fascínio do humano em construir vínculos para além das limitações territoriais por dois motivos: o primeiro seria a busca por se conectar com pessoas que pensem e defendam o mesmo ideal de realidade que o usuário e o segundo é a facilidade de descartar alguém por meio de um click, uma forma de punir um usuário que discordou ou apresenta um ponto de vista diferente do grupo.

Para o autor, a cibercultura possibilitou um desenvolvimento sem precedentes nas mais diversas áreas. Por meio dela, conteúdos, formas de pensar a realidade, novos signos e modos de vida são compartilhados, dando a possibilidade aos usuários de repensarem sobre os caminhos que escolheram para suas vidas.

Lévy (1999) descreve o tripé que sustenta a cibercultura: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão se sustenta por meio da rede local e global de computadores, onde os usuários estão conectados para além de instituições, territórios, relações de poder e de trabalho. As comunidades

representam os locais de interesse semelhante entre os usuários, algo fundamental para a manutenção da cibercultura.

Existe um fator interessante sobre as comunidades virtuais, um mesmo usuário pode participar de mais de uma comunidade de interesse, fazendo informações e signos transitarem entre temas que não possuem relação, mas que passam a integrar o mesmo sistema pela participação mútua do usuário.

A inteligência coletiva representa o recurso da cibercultura em dividir conhecimento e informações com pessoas que podem contribuir para o aperfeiçoamento de técnicas, pesquisas e resultados. A inteligência coletiva é regida pela dúvida e pelo questionamento, faz da cibercultura uma constante de contraposições e desconfianças, que podem, ou não, servir para o bem.

- **3.1- Virtual, digital e linguagem binária de computadores**

Um outro aspecto da cibercultura é a sua capacidade de virtualização. O virtual pode ser compreendido em ao menos dois aspectos principais: o filosófico e a informático. Aqui, nos deteremos ao aspecto relacionado à informática. Quando o termo "virtual" se aplica em algum contexto relacionado à informática, normalmente, está ligado à presença e a interação do espaço físico, social ou informacional com os computadores e a internet.

Segundo Lévy (1999), virtual é todo ente sem território específico, que se manifesta em diferentes locais e em tempos diferentes, mas existe e é cabível de interação com o mundo físico. Neste caso, ainda que não possa ser determinado dentro de uma coordenada no espaço-tempo, o virtual é real na medida que pode ser capturado pelos sentidos e pela percepção humana.

A cibercultura está relacionada ao virtual de duas formas: direta e indireta. De forma direta a partir da digitalização da informação que insere algo do mundo físico em uma realidade virtual a partir de códigos binários. E de forma indireta quando possibilita a comunicação dos usuários dentro de uma rede de conexão onde há cooperação, combinação e memória comum de forma instantânea.

Tais evidências provam que o avanço da cibercultura provoca e incentiva a virtualização da sociedade e da economia. A busca por rapidez, eficiência, livre acesso e fuga do espaço-tempo faz com que cada vez mais os seres humanos optem pela virtualização de suas informações e pela conexão instantânea.

Para tornar virtual uma informação ou uma conexão instantânea é necessário que tal informação ou conexão seja digitalizada. E isso, nada mais é do que traduzir a informação e a conexão em números. Atualmente, toda informação pode ser traduzida em números: textos, músicas, fotos, planilhas, documentos, dinheiro, bens, vídeos, exames, pensamentos e comportamentos. Não importa o tipo de informação, se pode ser explicada e/ou medida, pode ser digitalizada.

Lévy (1999), também pontua a existência de um conceito muito presente nos dias de hoje, a chamada realidade virtual. Para o autor, realidade virtual é um tipo de interação do usuário com uma ou várias simulações virtuais iterativas que acontecem em tempo real. O usuário tem "a sensação física de estar imerso na situação definida por um banco de dados de simulações que a cada decisão de usuário se desdobra em possibilidades pré-determinadas. A imersão sensorial é feita a partir do uso de óculos de realidade virtual, sons e um espaço físico correspondentes à simulação.

O mundo virtual pode simular o mundo real de forma fiel. Dá a possibilidade do usuário de interagir com espaços físicos que foram digitalizados, além disso, abre portas para o fantástico mundo da criação. No mundo virtual, pode-se criar uma imagem virtual de si muito diferente da aparência física; seja por meio de um avatar ou por meio da manipulação digital de fotos e vídeos.

No mundo virtual, mundos, cidades, perfis e avatares podem ser criados, leis naturais e civis que são diferentes das leis reais que regem o mundo são construídas. Uma vastidão de novos signos são criados e compartilhados. Assim, a experiência no mundo virtual começa a compor a cosmovisão das pessoas a partir da linguagem utilizada, da interação com outros usuários e a da manipulação da imagem.

Segundo Lévy (1999), existem duas características que definem bem o mundo virtual: a imersão e a navegação por proximidade. A imersão insere o usuário da internet em um mundo de signos novos a todo instante, essa enxurrada de informações podem levar o usuário a questionar sua percepção sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo.

Junto a isso, o usuário possui uma nova forma de construção da própria imagem por meio do contato com perfis e estereótipos de referência e também uma nova forma de comunicação por meio da navegação por proximidade. Nesse sentido, o usuário passa a interagir com pessoas que possuem os mesmos interesses que ele.

Este comportamento agrava a experiência de polarização social, uma vez que, para manter os usuários em frente às telas, os sites e as mídias digitais priorizam

apresentar perfis, conteúdos, mercadorias e informações que estejam dentro do aspecto de interesses do usuário.

Tal atitude é um forte incentivador indireto do narcisismo das pequenas diferenças, já que os usuários podem enxergar a diferença e a diversidade como algo anormal. Dessa forma, ama aqueles que comungam dos seus interesses por enxergar a si mesmo, rejeita o diferente como forma de externalizar seu ódio ao outro e a si mesmo; já que o diferente aponta para a quebra de uma cosmovisão idealizada de realidade, além de apontar para as próprias inconsistências, nuances e ambivalência do sujeito.

Um mundo virtual é um mundo de possibilidades. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o atualizam simultaneamente. Cada visita a um site, cada click, cada visualização em um vídeo ou foto, gera uma nova informação que foi digitalizada e que irá alimentar o mundo virtual. O mundo virtual é uma potência de criação coletiva.

Tornar algo do mundo real em virtual só é possível por meio da digitalização e esta, por sua vez, depende da linguagem binária de computadores. Digitalizar uma informação, uma foto, mensagem ou qualquer outra coisa é traduzir em números. Segundo Lévy (1999), "quase tudo pode ser traduzido dessa forma.", passando por letras, palavras, cores e sons, chegando à interesses pessoais, preferência de compras e suscetibilidade à propagandas. Tudo isso é possível ao traduzir tais informações em números.

A linguagem binária de computadores é expressa pela combinação infinita de dois números 0 (zero) e 1 (um). Toda informação digital é traduzida dessa forma. A facilidade da linguagem binária de computadores se dá porque uma vez traduzida, a informação pode ser gravada, transmitida e copiada indefinidamente sem perdas.

Por exemplo: a letra A pode ser traduzida em linguagem binária de computadores como a seqüência 001, a letra B como 010 e assim sucessivamente com dígitos ilimitados e infinitas combinações. Assim, letras, palavras, frases, sons, imagens, cores, comportamentos e informações podem ser digitalizadas e armazenadas.

As informações traduzidas para a linguagem binária de computadores podem ser objetos de cálculos realizados por dispositivos específicos que determinam, por exemplo, qual o estilo de música mais predominante em um bairro até a preferência político-partidária de um município; tudo a partir das informações coletadas a partir dos *clicks* em sites e *likes* nas redes sociais.

Informações traduzidas em números podem ser manipuladas com muita facilidade por meio dos cálculos e os computadores calculam cada vez mais rápido.

Gerando assim, uma infinidade de perfis e o horizonte de uma possível digitalização da psiqué humana.

Por meio das informações traduzidas pela linguagem binária de computadores, é possível simular hipóteses que dentro dos parâmetros da realidade não poderiam ser realizados. As simulações servem para testar fenômenos e situações inimagináveis, mas hoje possíveis por meio da informação digitalizada.

Dessa forma, testam consequências e implicações de uma hipótese social, político, climática, econômica, médica e educacional, por exemplo. Assim, a realidade transcrita em números binários possibilita o ensaio de possíveis desdobramentos. Quanto maior o número de informações e variáveis, mais complexo e diverso tornam-se as respostas.

Com isso, modelos de ações e reações, sejam pessoais ou coletivas, além de fenômenos naturais e espaciais podem ser agrupados e guardados em um banco de dados que servirão de base para próximas simulações.

O sistema de digitalização da realidade permite que lugares físicos sejam representados de forma virtual, permitem também que provas de direção e pilotagem tenham um cenário idêntico ao real por meio das simulações. Além do acompanhamento da preservação de ecossistemas e do crescimento de plantações.

A rapidez da digitalização da informação toca também o ser humano e suas relações; podendo interferir em suas escolhas, em seus vínculos e percepção da realidade.

A digitalização por meio da linguagem binária tornou-se um grande recurso de avaliação para a publicidade e para a propaganda; a oferta de bens de consumo e a produção de desejo tornam-se cada vez mais pessoais. Tal recurso só é possível por causa da rápida digitalização da informação e disponibilidade da mesma por meio do mundo virtual.

### ● 3.2- Mídias sociais

Para Lévy (1999), Mídia se refere ao meio em que a informação é transmitida no mundo virtual. O livro, o rádio, a televisão, o cinema e a internet, por exemplo, são mídias. Por meio deles, as informações circulam de pessoa para pessoa ao redor do mundo.

A compreensão do que é uma mídia social depende de um retorno ao passado. Como foi descrito no início deste capítulo, no final da década de 80 e início da década de 90, a America Online abriu a possibilidade para que os usuários de computadores ingressassem em sistemas de conexão.

Além disso, deu a oportunidade dos usuários criarem perfis pessoais, com suas descrições, gostos e interesses. Nasceram as comunidades virtuais, grupos de interesses específicos que reuniam pessoas de diversos lugares do mundo. Era o início do que viria a ser as mídias sociais; interconexão generalizada entre pessoas, a nível individual e coletivo no ciberespaço (da Costa, 2015).

A Internet revolucionou os antigos meios de comunicação (rádio, televisão, jornais, telefone, cinema e música) por meio da digitalização. Além disso, abriu espaço para novos meios de comunicação (mensagens instantâneas, redes sociais, vídeo chamada e hologramas) promovendo mudanças econômicas, culturais, sociais e comerciais.

Um novo mundo surgiu, o mundo virtual. Um mundo digitalizado, de infinitas possibilidades e simulações. Um mundo de contato com novos signos, novas composições da própria imagem, de conexões com os outros usuários e com o Outro. O mundo virtual trouxe mudanças significativas para a cultura, para as relações humanas e, por consequência, para a subjetividade.

Assim como as novas tecnologias produzidas na Primeira e Segunda Revolução Industrial tiveram potencial para conduzir o homem a novos questionamentos sociais e filosóficos que, possibilitaram o surgimento de novas ciências e de novas relações humanas, a Internet desempenha o mesmo papel em toda a Terra. Seja de forma direta, pelo acesso de seus usuários, seja de forma indireta, pelas mudanças que provoca até mesmo na vida daqueles que não têm acesso a ela.

Segundo Calazans (2016) as mídias digitais podem ser descritas como o meio de comunicação entre os usuários por meio de fotos, vídeos, áudios, transferências bancárias, vídeo chamada e hologramas. Os usuários, normalmente, utilizam as mídias digitais para o entretenimento, para dividir suas experiências e opiniões. Podem ser sites hospedados na rede ou aplicativos de *smartphones*.

As redes ou mídias sociais se tornavam cada vez mais populares, até que, após a virada do milênio, a produção em massa de sites de relacionamentos e comunidades com perfis pessoais começou.



A popularização massiva desse tipo de ambiente virtual voltado para a produção de conteúdo pessoal e baseado na formação de redes sociais se deu em 2004, com a criação dos sites Orkut, Flickr, Digg e Facebook, restrito, à época, a membros da faculdade de Harvard. Um ano depois, foi lançado o YouTube. Em 2006, o Facebook liberou seu acesso para o público geral. Este também foi o ano do lançamento do Twitter, plataforma de microblogging (THE BRIEF, 2013, informação eletrônica). Os hábitos de uso dessas redes no cotidiano dos usuários mudou ao longo dos anos. No Brasil, por exemplo, o Orkut foi favorito dos internautas até 2011, quando o Facebook tomou seu título e alcançou a marca de rede social digital mais utilizada do país, segundo o instituto de pesquisa comScore. (Facebook Blasts, 2013).<sup>33</sup>

Existem uma gama de tipos de mídias sociais. De compartilhamento de fotos à serviços de vídeo-conferência. Dentre elas temos: WhatsApp, Youtube, Instagram, Facebook, TikTok, LinkedIn, Pinterest, Snapchat, X (antigo Twitter), Tinder, Kwai, Wechat, QQ, Telegram, Reddit, Skype, Google, Threads, Yahoo, Lime, Meet e Zoom. O Facebook, mídia social que faz parte da Meta Platforms, registrou a marca de 3 bilhões de usuários ativos mensais, com um pouco mais de 2 bilhões de usuários que acessam seu perfil diariamente.<sup>34</sup>

Gradativamente, as mídias sociais sofrem atualizações para manter seus usuários ativos e presentes, a contínua reciclagem da internet atinge as próprias configurações digitais. O alcance das redes sociais atravessou as barreiras dos computadores domésticos e chegou aos smartphones com a criação de Aplicativos (softwares específicos para a realização de um serviço em um smartphone. Antes, o acesso à internet era restrito à softwares navegadores, especializados em busca e exposição de sites).

Além disso, os smartphones tornam-se a cada dia mais sofisticados e passaram a ser vendidos com câmeras fotográficas inovadoras, com multiplicidade de funções. Assim, para acessar um serviço, já não é mais necessário visitar um site, basta que os desenvolvedores do site disponibilizem um aplicativo e com um *click*, o usuário tenha acesso às funções específicas do site dentro de seus smartphones.

Fotos e vídeos compartilhados tornaram-se um convite permanente aos usuários à exporem suas vidas e a observarem a vida dos outros. Na sociedade escópica (Quinet, 2002), todos olham e são olhados, existem "olhos" por toda parte; essa sensação de observação contínua, o primado da imagem, alimenta a pulsão escópica e inflam a

---

<sup>33</sup> Calazans, 2016, p. 11.

<sup>34</sup> <https://www.tecmundo.com.br/mercado/266917-meta-registra-aumento-receita-numero-usuarios-facebook-tem-prejuizo-no-metaverso.htm?shem=iosie>

"presença" do Outro, que constitui, castra e é objeto de amor num circuito interminável nas mídias sociais.

O Brasil é o segundo país no mundo no ranking de países que passam mais tempo nas redes sociais. A média nacional em 2019 foi de 225 minutos nas redes, superando a média global que é de 150 minutos<sup>35</sup>. Essa pesquisa mostra que, a relação das pessoas de todo o mundo com e através das redes sociais tornou-se parte da cultura global.

A vasta e mutante linguagem que se recria perpetuamente nas mídias sociais, dá manutenção à característica de transformação perpétua da internet. As mídias sociais tornaram-se cultura e *fazem* a cultura, além de promover e estimular o contato com o Outro na vida e nos corpos dos outros.

Sibilia (2016) afirma que mudanças culturais podem influenciar na forma como o ser humano constitui a sua subjetividade. Aponta que os componentes da linguagem que utilizamos para escrever, ler, pensar e se comunicar estruturam a forma como nossa subjetividade se constitui. Utilizando o exemplo dos *smartphones*, demonstra que esses dão vazão para as demandas e ambições que permeiam as subjetividades contemporâneas.

Essas mudanças culturais e a forma dos humanos se relacionar na contemporaneidade, são um vasto campo de pesquisa para a Psicanálise; que não se enclausura, mas está atenta ao mundo e, principalmente, às mudanças que tangem a subjetividade. Uma vez que reconhece que o Sujeito do inconsciente, não nasce pronto, mas é modelado pela cultura com os dedos da alteridade.

### ● 3.3- Mídias sociais e subjetividade

As redes ou mídias sociais e as telas dos smartphones servem como um espelho onde o Eu é continuamente constituído; onde olha e é olhado. A imagem corpórea, por exemplo, é um tema frequente nas redes sociais. Vimos, na segunda parte do segundo capítulo que o Outro, no Estádio do Espelho, contribui para que o Sujeito reconheça os limites de seu corpo, através dos olhos dos outro e marcado pelas insígnias do Outro, de forma ortopédica e unificada. No "espelho" das mídias sociais, o Sujeito encontra uma pluralidade de formas para se relacionar a si e com seu corpo, o anseio de obter o "amor

---

<sup>35</sup> <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>

perdido" do narcisismo primário e a incidência da falta constituinte tornam-no um prato cheio para uma relação pouco mediada, muito presente e sem intervalos, com o ideal do Eu. O olhar e ser olhado, silenciosamente, pelas telas dos smartphones, participa cada vez mais na construção, para o Sujeito, de sua imagem (ilusória) de corpo.

A luta pela forma ortopédica e unificada do corpo e da vida estabilizada encontra incidências na mutabilidade da internet e seu contínuo sistema de reciclagem das formas. Além disso, exemplifica o esforço para encontrar identidade: numa busca sem fim de sanar a falta, o Sujeito se procura nas visualizações e curtidas do outro, procura através das telas dos smartphones um lugar, um grupo, uma forma de ser sólido em um mundo disforme.

A reciclagem sem fim presente na internet e experimentada nas mídias sociais é, paradoxalmente, um potência para por em xeque formas de vida mais estáveis outrora postas pela cultura, mas também fonte de mal-estar pela ausência de elementos que dêem ao usuário um caminho conciso para tal tarefa. O tema do mal-estar na civilização digital será tratado ainda neste capítulo.

A imagem, presente e exposta nas mídias sociais, torna-se um combustível que movimentam a relação entre o eu ideal e o ideal do Eu. O encontro com os padrões culturais de felicidade, realização e beleza, por exemplo, sinalizam constantemente sobre o Sujeito a fissura que tenta recobrir a castração.

Por causa da fluidez dos padrões presente na internet e da presença de inúmeras imagens e conceitos "apresentados" no espelho da tela do celular, os marcadores culturais mudam rapidamente, provocando não só o encontro com a falta e com a oferta de imagens, mas também, paradoxalmente, uma exaustiva sensação de insuficiência. O narcisismo constituinte do Sujeito, uma vez tendo dado origem à libido objetal, coloca o sujeito numa constante negociação de si mesmo com no olhar do outro, fazendo da imagem exposta e observada, sua moeda de validação/rejeição.

Nas mídias sociais, a forma como as relações se dão é por meio das publicações. São tudo aquilo que o usuário expõe em seu perfil para ser visto, seja por foto, texto, vídeo ou áudio. Em uma publicação, está em jogo quem o sujeito enxerga quem é e de quem quer tornar-se.

Para Pizzimenti (2019), é possível avaliar a publicação como um ensaio contemporâneo de construção de identidade, entendendo que a identidade se revela como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, "um objetivo".

Como uma coisa que é construída de forma colaborativa entre o sujeito e a cultura por meio das alternativas a eles dispostas.

Diante da exposição da própria imagem, o processo de reconhecimento de si como sujeito, continua a constituição do eu e reitera a identificação de si a partir de um outro. O eu em constituição, apreende a si mesmo pelo olhar do outro e pelo encontro com a alteridade. Tornando assim, a imagem de si alienada e necessariamente, completada pelo Imaginário.

O Sujeito, constituído no olhar do semelhante e dele capaz de extrair satisfação, por meio da linguagem, reconfigura não só a si mesmo, mas o mundo. Registra e organiza o mundo exterior; criando um vazio permanente a ser preenchido pelo olhar do outro e que, por muitas vezes, se utiliza da imagem como mecanismo ilusório na busca de tamponar o vazio.

O desejo de ser reconhecido, amado e desejado, oriundos do narcisismo estrutural convoca o sujeito a ir em busca da validação no outro; a exposição da própria imagem é o meio de se mostrar diante de um espelho e procurar no olhar do outro a si mesmo.

As reflexões sobre a própria vida, que podem ser estimuladas pelo contato com as mídias sociais, também são por elas tamponadas num jogo contínuo pela atenção do usuário. Sem perceber, aquilo que seria um catalisador para questionamentos torna-se uma fuga para os pensamentos conflitantes.

#### ● 3.4- Algoritmo e o capitalismo de vigilância

Segundo Manzano (2015), o algoritmo é uma ferramenta da computação desenvolvido como a parte inteligente de um processador de dados. Dentro de critérios pré-determinados pelo programador, a função do algoritmo é coletar dados, analisá-los e, a partir disso, resolver problemas.

De resolvidor de problemas à análise de gosto e escolha, o algoritmo passou a ser empregado para devolver ao usuário uma experiência singular no mundo virtual. Assim, o resultado do problema analisado a partir da interação do usuário com o mundo virtual se torna a construção de um padrão comportamental.

Por exemplo, em um site de imagens, existem três grupos de imagens. Imagens de praia, de montanha e de cidade. Das cem vezes que o usuário acessou o site, clicou

em 60 imagens de praia. O algoritmo presente no site faz a "leitura" do comportamento do usuário e "entende" que há uma preferência e um padrão comportamental.

A partir disso, interage com o usuário sugerindo mais imagens. Essa interação é feita, normalmente, de forma alheia ao usuário que não deixa de ter acesso a outros tipos de imagem, mas encontra mais da sua preferência no site.

Existem algoritmos que correspondem à escolha consciente do usuário. Já outros, fazem parte de um conjunto de algoritmos que "trabalham" em busca de tornar a experiência virtual a mais satisfatória possível e manter, a maior tempo possível, o usuário conectado. Para isso, é necessário saber as preferências e padrões comportamentais do usuário a fim de constituir um perfil.

Com o passar dos anos, os algoritmos ficaram mais modernos e inteligentes. Capazes de coletar dados de inúmeras variáveis de forma simultânea. Hoje, um mesmo algoritmo de uma mídia social de fotos e vídeos, como o Instagram e o Tiktok, é capaz de analisar quais imagens são mais procuradas, o tempo que o usuário passa vendo a imagem e se *curtiu* a imagem. Além disso, se salvou a imagem em seu dispositivo, o que o usuário estava vendo quando decidiu sair do aplicativo e quanto tempo demora para retornar. Todas essas informações integram um código de padrão comportamental do usuário.

A justificativa é que, por meio da definição comportamental momentânea do usuário, sua experiência na rede se tornará particular na medida que encontrará as informações e conteúdos que são do seu interesse.

Não demorou muito para que o capitalismo visse nos dados coletados pelos algoritmos uma mina de ouro. A quantidade de informação sobre os usuários revelou que nunca na história da humanidade conseguimos algo semelhante: coletar padrões de comportamento individuais em escala global.

Essa informação "preciosa" passou a ser monetizada, afinal, saber das preferências de uma pessoa, torna a venda de um produto, de uma ideia e de um estilo de vida mais eficiente. As chances de vender uma passagem para o Caribe se tornam maiores para o usuário que visualizou mais fotos de praia nos seus sites de busca.

Em 2018, Mark Zuckerberg, CEO da Meta Platforms e presidente do Facebook, foi convocado ao Senado Norte Americano para prestar esclarecimento sobre o vazamento de dados de 87 milhões de pessoas. A denúncia do vazamento de dados aconteceu por meio de um ex-funcionário da empresa britânica Cambridge Analytica

revelar aos jornais The New York Times (EUA) e The Guardian (Reino Unido), que a empresa que teria comprado os dados dos usuários do Facebook.<sup>36</sup>

Segundo o ex-funcionário da Cambridge Analytica, a empresa utilizou os dados obtidos do Facebook para criar publicidades personalizadas e influenciar eleições em todo o mundo. Zuckerberg assumiu que não foi feito o suficiente em matéria de programação e segurança de dados para impedir que vazamentos como esse acontecesse.

Em 2022, o Facebook foi condenado a pagar R\$ 6,6 milhões de reais por vazar dados de usuários no Brasil<sup>37</sup>. Os dados vazados, normalmente, caem nas mãos de grandes empresas de publicidade e propaganda de cunho comercial ou político. E em Maio de 2023, a Meta Platforms dona do Facebook e Instagram, US\$1,3 bilhão de dólares por compartilhar dados de usuários europeus com os EUA<sup>38</sup>.

Também em março de 2023, o presidente do TikTok nos EUA foi convocado pelo Senado Americano a prestar depoimento sobre coleta de dados e espionagem a partir da mídia social. Só nos EUA o TikTok possui 150 milhões de usuários e no mundo a mídia social passou 1,5 bilhão de usuários.

O tráfego e a comercialização de dados tornou-se pauta no mundo inteiro. No dia 18 de Agosto de 2018, foi sancionada no Brasil a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)<sup>39</sup> - Lei 13.709 de 14 de Agosto de 2018 - com objetivo de "proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural." Dessa forma, o uso e tratamento de dados particulares só podem ser feitos a partir de situações específicas, como por exemplo: com o consentimento do usuário.

Essa lei impede que grandes corporações vendam informações sobre seus usuários sem o consentimento dos mesmos. No entanto, o algoritmo que agrupa perfis "semelhantes" ainda é o *Modus Operandi* das redes sociais, polarizando as relações humanas e as diferenças. Além disso, os usuários não se atentam ao termo de uso dos serviços digitais, assim, frequentemente, seus dados são utilizados para fins financeiros e políticos.

---

<sup>36</sup><https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-04/presidente-do-facebook-admite-falha-na-protecao-de-dados-dos-usuarios>.

<sup>37</sup><https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/facebook-e-condenado-a-pagar-r-6-6-mi-por-vazar-dados-de-usuarios>.

<sup>38</sup> <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/05/22/meta-dona-do-facebook-e-instagram-e-multada-em-us-13-bilhao-por-compartilhar-dados-de-usuarios-da-uniao-europeia.ghtml>.

<sup>39</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm).

Atualmente, no Brasil, há uma grande corrida e muitos debates pela regulamentação das redes sociais. A tentativa é de construir limites à atuação das mídias sociais para além dos seus termos de uso que, para alguns especialistas, deixam brechas para "vazamentos" de dados.<sup>40</sup>

Para Meireles (2021), junto ao direito à privacidade deve-se ser acoplado o direito à proteção de dados pessoais, para resguardar o usuário do uso indiscriminado e não consensual de suas informações. Que podem ser utilizados para fins de vigilância, como também para induzir hábitos de consumo e escolhas políticas, interferindo na vida civil do usuário e colocando em risco a Democracia de uma nação.

Segundo a autora, os dados pessoais passam a ter uma tripla natureza no contemporâneo, refere-se ao usuário, é um meio de pensar políticas públicas e é a "essência" do capitalismo de vigilância. Conceito forjado pela Norte-Americana Shoshana Zuboff, professora de psicologia social na Harvard Business School. Em seu livro "A era do Capitalismo de Vigilância: A Luta por um Futuro Humano na Nova Fronteira do Poder"<sup>41</sup>

Neste livro, Zuboff (2019) afirma que a maior e mais ousada empreitada colonial do capitalismo está em curso, a colonização das nossas mentes por meio da venda, compartilhamento e análise dos dados pessoais gerados na internet. Fundado no campo da incerteza de informações e da manipulação dos nossos desejos, o capitalismo de vigilância se refere ao uso dos dados pessoais de forma comercial e política.

Para Meirelles (2021), a regulamentação da propriedade dos dados é uma das questões contemporâneas mais urgentes, diante do uso indiscriminado dos dados pessoais. No capitalismo de vigilância a matéria-prima para a produção de capital é a mente humana.

A autora afirma que a propaganda direcionada, o alto nível de sugestões e a seleção de conteúdo por usuário observados no uso da internet e das mídias sociais, são exemplos claros de que muitos algoritmos foram construídos numa tentativa de influenciar as escolhas dos usuários.

Através dos algoritmos, o usuário tem seus dados coletados, analisados, armazenados, compartilhados e "resolvidos" por programações com finalidades pouco transparentes. O problema não está em si nos algoritmos e nem na internet, mas na

---

<sup>40</sup> <https://www12.senado.leg.br/tv/programas/cidadania-1/2023/04/redes-sociais-podem-ser-reguladas-no-brasil-entenda>.

<sup>41</sup> Minha tradução. Zuboff, Shoshana. The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power, EUA: PublicAffairs, 1ª Edição, 2019.

ausência de fiscalização, amparada por lei, do manuseio dos dados e de intencionalidade daqueles que constroem os algoritmos.

As consequências do uso de algoritmos podem ser simples e benéficas aos usuários, como um software que salva constantemente um texto e previne perdas caso aconteça um apagão. Mas também podem ter consequências sérias, quando seus efeitos atuam na sociedade, abalam a democracia e colonizam a mente dos usuários.

A falta de esclarecimento por meio das *Big Techs*<sup>42</sup> sobre o uso e manipulação dos dados indica, segundo Meireles (2021), a intenção de selecionar determinadas informações, privilegiando outras, "reproduzindo padrões" de vida e ideais de uma parcela da sociedade; podendo interferir no psiquismo e na Democracia.

Segundo Meireles (2021), o Estado dentro da lógica do capitalismo de vigilância, passou a ser um sistema burocrático que tenta limitar a liberdade individual e o uso da internet. Embates sociais e políticos discutem a autoridade estatal para regulamentar a internet e as mídias sociais. Em ambos os lados da discussão, existem acusações de que os dados serão utilizados como meio de manipulação social. Os adeptos da "internet livre" acusam o estado de autoritarismo, e os defensores da regulamentação alegam que as *Big techs* já realizam tal façanha.

Para Meireles (2019), o capitalismo de vigilância não é um tema novo. Segundo a autora, ele acontece "há pelo menos duas décadas", mesmo que a população mundial não conhecesse sua atividade antes das declarações de Edward Snowden<sup>43</sup>, em 2013. As declarações de Snowden trouxeram evidências do trabalho conjunto das agências de defesa americana e empresas de tecnologia, na espionagem dos cidadãos a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova York.

Diante desse grande conflito digital que se desdobra nos quatro cantos do planeta, a psicanálise não pode estar alheia ao que acontece. As pulsões, assim como a angústia, o sofrimento e os desejos do sujeito, a imagem de si e seu reconhecimento como pessoa, além de seu narcisismo, de sua falta estrutural e da sua relação com os

---

<sup>42</sup> Grandes empresas de tecnologia e inovação presentes no mercado. Como exemplo temos: Amazon, Apple, Meta Platforms, Google, Microsoft e Netflix.

<sup>43</sup> Edward Snowden é um analista de sistemas, ex-administrador de sistemas da CIA e ex-contratado da Agência de Segurança Nacional dos EUA (NSA, sigla em inglês). Snowden revelou ao mundo uma gigantesca engenharia de espionagem americana que coletava dados de pessoas do mundo inteiro, desde simples publicações nas redes sociais à grameamento da então chanceler Alemão Angela Merkel. Atualmente, Snowden vive exilado em Moscou, Rússia.  
Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2023/06/5099696-o-que-mudou-apos-dez-anos-apos-vazamentos-de-snowden.html>.



outros, não podem estar a serviço do capitalismo de vigilância para fins comerciais e políticos.

Cultura e sujeito estão intrinsecamente ligados; e esse sujeito vem sendo codificado, analisado, estudado, compartilhado, manipulado por corporações financeiras, governamentais e políticas, movimento esse que pode encontrar na psicanálise um espaço de resistência via palavra e construção mais singular e artesanal de laço social.

- **4- A teoria do mal-estar na civilização digital**

A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo, a ostra diz para si mesma: 'Preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire as pontas...'. Ostras felizes não fazem pérolas...Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor doída... Por vezes a dor aparece como aquelacoceira que tem o nome de curiosidade.<sup>44</sup>

Em "O mal-estar na civilização digital", Leite (2022), apresenta ao mundo, como a "disputa selvagem" pela atenção do usuário pelas novas tecnologias digitais e mídias sociais pode gerar possíveis formas de sofrimento oriundos da relação do sujeito com a cultura contemporânea.

O psicanalista, e membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, conduz o mundo da psicologia e convoca os psicanalistas a se debruçarem sobre o impacto das novas tecnologias do mundo digital sobre o psiquismo. Um fenômeno recente e, por isso, misterioso.

O autor defende que é necessário certa dose de coragem para investigar o assunto, seja porque é algo novo, seja porque todos nós, em medidas diferentes, estamos sob o regimento do mundo digital. Um mundo que se ramifica de forma silenciosa, mas que vem transformando nossa cultura, alterando a linguagem e influenciando em como o sujeito se relaciona com o próprio corpo, com os outros, com seus desejos e sofrimentos.

De antemão, para adentrarmos no tema do mal-estar na civilização digital, é possível afirmar a partir da obra Freudiana e Lacaniana que, as formas de sofrimento que conduzem as pessoas à clínica não se restringem à resultados singulares do

---

<sup>44</sup> Rubem Alves, 2014.

inconsciente de cada sujeito, mas trilham "um caminho determinado pelas condições de cada cultura". Aqui, está em jogo as concessões que cada cultura incidirá sobre o sujeito e suas pulsões para usufruir da vida em sociedade.

Em termos da psicanálise, não há nada de novo nisso, essa é a estrutura base do mal-estar apresentado por Freud (1929). O fundador da psicanálise entrelaça o surgimento da neurose com a moral sexual presente na cultura vienense do início do século XX. Moral esta que recebia afluentes da política, economia, religião e da ciência. Ou seja, como vimos nos capítulos anteriores, para pensar a psicanálise e um bom exercício clínico, é imprescindível pensar na relação do sujeito com a cultura.

Então, é possível afirmar que mudanças na cultura podem inaugurar novas formas de sofrimento para o sujeito. Além de inaugurar novas formas de relação consigo, com o outro, com o mundo e com o Outro. Isso porque, as mudanças culturais são acompanhadas pelas mudanças na linguagem.

Como foi analisado neste trabalho, vimos que em "Projeto para uma psicologia científica" (1895), "Moral sexual civilizada e doença moderna nervosa" (1908), "Totem e Tabu" (1913), "Psicologia das Massas e análise do Eu" (1921), "Moisés e o Monoteísmo" (1939), e tantos outros textos Freudianos demonstram que o sujeito se constituiu em uma cultura pré-existente a ele que, por isso, está submetido a certas bases estruturais de seu psiquismo.

Para Leite (2022) "civilização digital" compreende-se como uma civilização na qual existe um grande movimento de digitalização por meio da linguagem binária dos computadores. Nessa civilização, cores, sentimentos, comportamentos, fotos, sons, lugares, desejos, pensamentos e escolhas se tornam números; capazes de serem coletados, analisados, replicados e compartilhados. Tudo isso para o "avanço" da humanidade e para a facilitação de serviços, sejam eles econômicos ou de entretenimento.

A digitalização da realidade através dos números possibilita a interação do usuário com o mundo digital e a isso se compreende a tudo que é virtual. Nossos carros, relógios, eletrodomésticos, máquinas, lâmpadas, trancas das portas e inteligências artificiais residenciais como a *Alexa*<sup>45</sup>, interagem conosco de forma virtual, graças a

---

<sup>45</sup> Inteligência artificial da empresa Amazon. Alexa possui um banco de dados capaz de executar ações a partir do reconhecimento de voz do usuário. Alexa interage com o usuário a partir de respostas obtidas na internet, seu volume, tom de voz e gênero podem ser escolhidos. Quanto mais itens digitais a pessoa possui em casa (ou seja, quanto mais itens que possuem funções e atribuições em código binário), mais

digitalização. A vida humana digital é uma vida codificada, e sendo um código, pode ser manipulada de forma virtual, na internet.

Leite (2022), apresenta sua teoria do mal-estar na civilização digital a partir de um relato clínico. Em sua narrativa, conhecemos um paciente nomeado como Atreyu. Em sua experiência clínica, Atreyu, um jovem de vinte e poucos anos, conta para Leite que as pessoas vivem como zumbis. Submergidas pelo "Nada", estão vivas, mas mortas por dentro.

Atreyu chega a afirmar que ele é um desses zumbis, uma espécie de morto vivo, e que dificilmente encontra alguém que não seja um zumbi. Uma espécie de ser humano embriagado de um tédio sem fim. O paciente do autor não conseguia se agarrar a algo que o salvasse de ser levado pela correnteza do "Nada". Sua percepção estava toda envolvida por uma visão onde a vida era uma constante de tédio.

Para Leite (2022), algo da capacidade de perceber, nomear, simbolizar e analisar é lesado, encontra-se de forma inoperante na civilização digital; e essa é a abertura para uma nova forma de mal-estar. Atreyu exemplifica a vida de muitos contemporâneos que encontram nas tecnologias digitais uma forma de escapar do tédio da vida. Esse escape insere o sujeito em um mal-estar.

O autor afirma que há uma morte psíquica em desenvolvimento, financiada e incentivada por certas empresas de tecnologia e capital que trabalham para engajar e "prender" os usuários por quanto tempo for possível, custe o que custar. Essa exposição a ferramentas meticulosamente planejadas para ganhar nossa atenção tem impedido que as pessoas se debrucem sobre questões fundamentais da própria vida.

Para Leite (2022), as grandes empresas de tecnologia não se importam com o estado psíquico de seus usuários, desde que estejam propícios a continuar deslizando o *feed* de conteúdos nos aplicativos de seus smartphones, consumindo e produzindo informação que alimentam os algoritmos construtores de perfis de consumo, político e social.

Dessa forma, a digitalização da realidade que possibilitou uma interação com a internet e gerou o mundo virtual, tornou-se um campo de rendimento financeiro sem precedentes. Os aplicativos e serviços virtuais que conseguem manter o usuário por mais tempo, são os que mais recebem propaganda e investimento.

---

eficiência a Alexa pode ter. Uma residência se torna um laboratório virtual, onde a todo momento o residente faz a experiência da realidade através da interação com o mundo digital.

Tal obsessão pela atenção do usuário tem lhe roubado um tempo precioso, tempo de deparar-se consigo mesmo para além da satisfação narcísica de reconhecer-se amado por quantidade de *likes* ou por reconhecer a si mesmo em outros membros de suas comunidades virtuais e perfis que acompanha.

A observação de Atreyu conheça a ganhar contornos dentro da psicanálise, uma vez que, se faz necessário o mínimo olhar sobre a própria vida para constatar que algo não vai bem e procurar análise. Sem uma mínima atenção sobre si, somos sugados para um estado de morto-vivo. Algo para o zumbi não vai bem, algo exala um odor pútrido, mas é preciso continuar postando, consumindo informação, preso nas artimanhas virtuais, alimentando algoritmos numa caminhada sem destino.

Segundo Leite (2022), a potência de novas perspectivas, visões de mundo e modos de ser presente no mundo virtual, pode ser suprimida pela ânsia de capital. Cada usuário, cada *click* contribui para a monetização de um perfil, de um serviço ou de um aplicativo. A fome de atenção tem roubado a profundidade do contado com a constante novidade da internet.

Para conceituar o mal-estar na civilização digital, o autor remota a premissa de que a cultura sempre influenciou na constituição do sujeito, em seus modos de prazer e de sofrimento. E relembra que essa influência é mútua, já que um sujeito ou um grupo de humanos podem deixar marcas na cultura.

Leite (2022) adentra no tema do mal-estar digital através da atenção. Segundo ele, existe de forma intencional uma abordagem que manipula a forma com que investimos nossa atenção e como nos relacionamos com os outros e com o mundo. Tal manipulação se dá pela coleta e compartilhamento de informações dos usuários que tem uma única finalidade: fazer dinheiro; seja pela sugestão de compras cada vez mais alinhadas às pesquisas do usuário, seja através da riqueza de informação dos dados coletados dos usuários. Nunca, na história da humanidade, houve uma forma tão eficaz e rápida de coletar informações dos seres humanos como acontece agora com as mídias sociais.

Para sustentar seu argumento, Leite (2022) conta a história de Tristan Harris, ex-funcionário da Google. Tristan se demitiu por ter objeções às práticas que a ele eram direcionadas. Segundo ele, a Google possui salas de controle com pessoas que trabalham para modelar os pensamentos e sentimentos de bilhões de pessoas. Tristan era especialista em ética de *design*, onde sua maior função era estudar como se controla os

pensamentos das pessoas de forma ética a partir das informações coletadas pelos algoritmos.

Para Tristan, há uma disputa pela atenção do usuário. Quanto mais eficientes as empresas de tecnologia forem em prender a atenção do usuário, mais retorno financeiro ela terá e maior capacidade de controle das massas também. Interferências políticas, sociais e econômicas passam a ser comuns. Por isso, o avanço da digitalização da realidade não para, os aplicativos das mídias sociais de tempos e tempos se reinventam e a eles são atribuídas novas funções.

A Fundação Getúlio Vargas<sup>46</sup> realizou uma pesquisa em 2019 e revelou que existem 230 milhões de smartphones ativos no Brasil, ou seja, existem mais smartphones ativos do que pessoas. Isso coloca o Brasil à frente da média global, onde acredita-se que 67% da população mundial possui um smartphone.

Para Leite (2022), "a competição tecnológica por nossa atenção explora as fragilidades do Eu, nossas necessidades de aceitação/pertencimento e nossos medos de rejeição e exclusão do amor social". O caso de Atreyu exemplifica essa sentença, como Atreyu, muitos usuários são arrastados para uma correnteza rumo ao "Nada", vivendo como zumbis, onde a capacidade de percepção de si é camuflada pela disputa por atenção.

Sendo assim, a sociedade digital tem determinado novos tipos de adoecimento em sua estrutura invisível na contemporaneidade. O Eu se vê inflado e enaltecido, sofre por não gozar o suficiente, enquanto sua relação consigo mesmo e com os outros se torna pobre e vazia de sentido.

O mundo virtual tem seus benefícios, e pode trazer conforto, infinitas possibilidades e experiências para os usuários. O fato é que, por ser um fenômeno recente, estamos no início do reconhecimento de que, por provocar mudanças culturais, o mundo virtual pode também gerar mudanças psíquicas sendo elas geradoras de prazer ou sofrimento.

Para Leite (2022), o mal-estar na civilização digital se fundamenta sobre dois pontos: a arquitetura da atenção e a experiência de tédio. O excesso de informação, estímulo e novidade presente na civilização digital, é capaz de modificar a estrutura da atenção humana. Dessa forma, a atenção corre o risco de ser fragmentada.

---

<sup>46</sup> [https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/noticias2019fgvcia\\_2019.pdf](https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/noticias2019fgvcia_2019.pdf).

A atenção na civilização digital é ampla, rasa e móvel, assim, os usuários vão se tornando incapazes de se concentrar, seus psiquismos e seus cérebros estão se acostumando com a mudança de estímulos e informação de forma veloz. Eis a experiência de Atreyu de afundar no "Nada", ou de viver como um morto-vivo. Um relato que exemplifica um ser humano incapaz de prestar atenção. Vive, cumpre suas funções, mas é levado pela correnteza de informações.

No mundo capitalista, a nossa atenção sempre foi disputada. Desde as técnicas de persuasão para vendas à publicidade e propaganda nos meios de comunicação hoje conhecidos como a "velha mídia"<sup>47</sup>. Com a ascensão da internet, do mundo virtual e das mídias sociais, a atenção passou a também ser comercializada. Os sites, aplicativos e serviços digitais que mais possuem usuários ativos, recebem investimentos porque está subentendido que a chance de vender um produto, seja ele qual for, e manipular é mais fácil pela quantidade de *views*<sup>48</sup>.

Assim, o descontrole do acesso à informação deforma a estrutura da atenção humana e provoca uma intolerância ao tédio. O tédio, fonte de aflição, sofrimento e desconforto, é a mesma fonte da criatividade, da tomada de decisão e da reflexão sobre a própria vida. Assim, a atenção humana que, em algum momento, deveria se voltar para o tédio e gerar questionamentos, é sequestrada pelo imperativo digital e sua enxurrada de estímulo.

Do tédio experimentado, pode-se chegar a um tédio mais profundo. Como uma espécie de clamor pulsional que remove o sujeito do curto-circuito narcísico e o faz repensar suas escolhas e sua vida. Com a atenção roubada, esse "precioso tédio", não consegue subsistir. Pelo contrário, quando a vida não corresponde aos anseios pulsionais e o tédio começa a emergir, a atenção do sujeito é capturada pelos estímulos digitais. Seja porque o sujeito desconhece da riqueza do tédio como meio de implicação com a própria vida, seja como forma de escape do desconforto que a ele não pode ser desassociado.

Como Atreyu, hordas de usuários são aprisionados em uma atenção rasa, multifacetada, uma atenção que interessa aos aplicativos e as grandes corporações de

---

<sup>47</sup> Conceito atribuído aos meios de comunicação anteriores à internet, como por exemplo: o jornal impresso, o rádio, a televisão e a revista. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/533008-a-velha-midia-a-internet-e-o-papel-dos-leitores?shem=iosie>.

<sup>48</sup> Nome substituto para "visualizações. Algumas mídias sociais disponibilizam ao usuário o número de visualizadores de suas atividades e quem as viu. Quanto mais views um perfil ou site tiver, mais valioso ele se torna pelo "alcance" que possui na rede.

tecnologia digital, mas não ao sujeito. O desconforto do tédio que nos tem sido roubado é mediador de um misterioso fenômeno da psique, fenômeno que é capaz de propiciar um sujeito mais consciente de si na medida que não se esquivava da profundidade do próprio psiquismo.

A lógica da civilização digital anula a tolerância ao tédio, hipnotizando a atenção do sujeito a partir do fascínio pela novidade. Os algoritmos conduzem o sujeito a encontrar em suas comunidades virtuais e nos perfis que seguem, a satisfação da própria imagem numa releitura do narcisismo das pequenas diferenças. O amor a si mesmo encanta o usuário que encontra nas mídias sociais uma validação ilusória da sua forma de enxergar a realidade.

Segundo Leite (2022), a baixa ou inexistente tolerância ao tédio por meio da captura da atenção, faz com que os usuários mergulhem apenas na sua própria imagem e em suas próprias convicções. Tornam-se repetidores de um movimento automático, reproduzindo mais do mesmo.

O desconforto pulsional frente aos imperativos sociais, junto ao estado de queixa sobre a própria vida são elementos caros à psicanálise, que levam o sujeito a deparar-se com seu sintoma e dele, construir alguma coisa possível para lidar com a angústia e encontrar realização na vida.

Assim, o mal-estar na civilização digital se dá pela inanição do tédio. A resposta ao tédio é a captura da atenção. Dessa forma, para Leite (2022), somos introduzidos em uma vida apática, irrefletida e automática. Para o autor, é possível encontrar nos dias de hoje, elementos psíquicos e culturais que ameaçam a experiência do tédio, fenômeno condutor de estranhamento de si, da própria vida e de (re)descoberta pulsional.

Tal realidade insere o sujeito numa via de sofrimento particular da contemporaneidade, representa o desligamento da própria percepção de si, uma vida de intolerância ao tédio, de apego egóico à própria imagem refletida nas fotos, vídeos e conteúdos do nicho que participa, algo que pode levar a dois caminhos perigosos: à busca de anulação e extermínio do diferente e/ou ao choque de reconhecer em si a estranheza que lhe escapa.

Além disso, segundo Santos et al (2016), a fixação da atenção no mundo virtual tem gerado o surgimento de inúmeras patologias contemporâneas, a busca pela correspondência a um Eu ideal estereotipado e modulado por filtros pode levar o usuário à crer que a imagem virtual é superior à imagem real de si, uma ferramenta

poderosa nas mãos dos engenheiros de tecnologias digitais que se utilizam dela para "brincar" com a falta estrutural e com a libido objetal do sujeito.

Santos et al (2016), discorrem que o uso ilimitado das mídias sociais vem gerando dependência em alguns usuários, de forma específica em crianças e jovens, levando ao surgimento de enfermidades psíquicas. Através do Estádio do Espelho, somos capazes de compreender que a imagem e a ideia de si, passa pelo olhar do outro como representativo do Outro. O contato com corpos, vidas e comportamentos irrealis ou encenados pode levar o sujeito a uma depreciação de si que não corresponde à realidade.

As pressões políticas e econômicas que atuam sobre o mundo virtual, influenciam na busca de capital e controle das grandes corporações de tecnologia digital, a ausência de legislação para o tema, torna os usuários vulneráveis à um sistema previamente programado para gerar lucro e influenciar multidões.

A psicanálise, com sua responsabilidade política, torna-se refúgio ao sujeito e promotora da diversidade humana. Oferece resistência ao controle invisível das nossas mentes, dispõe-se a ser lugar de tédio, desconforto, esperança, liberdade, confronto, estranhamento de si e do mundo. Lugar de sujeito, lugar de diversidade.

- **5- A teoria dos múltiplos Eus**

Alguns sites, aplicativos e mídias sociais possibilitam que o usuário crie um perfil dentro de suas plataformas sem exigir informações verdadeiras. É possível alterar desde a data de nascimento até o nome. O chamado *nickname* (apelido) se torna um substitutivo para o nome registrado em cartório.

Fotos, endereço, biotipo corporal e toda espécie de característica de identidade podem ser anônimas ou construídas. Nas mídias sociais, existem inúmeros perfis que simulam ser pessoas famosas, artistas e até personagens. Nelas, o usuário é capaz de se "transformar" em outras pessoas.

É possível ainda, que o mesmo usuário tenha inúmeros perfis na mesma mídia social e uma infinidade de outros perfis em outras redes sociais. Ou seja, em cada uma delas, dependendo do nicho que o usuário deseja interagir, ele pode ser outro alguém. Dessa forma, um usuário que possui vinte perfis, revela ao mundo vinte traços ou vinte personalidades diferentes.



Tal prática é potente na construção de uma identidade na medida que oferece ao usuário a disponibilidade de (re)descobrir a si de uma forma que o mundo real não facilitaria de forma tão fluída por causa da burocracia dos registros de identidade e da fraude criminosa de falsa identidade<sup>49</sup>.

Na mesma intensidade com que as mídias sociais abrem caminho para a descoberta da identidade - ou das identidades - do usuário, também é um caminho para a mentira, a enganação e o crime. Fenômenos como o *catfish*<sup>50</sup> e pedofilia virtual tornam-se cada vez mais comuns e convocam os representantes políticos a atualizar legislações pelo mundo inteiro.

Diante dessa variedade de ferramentas que ajudam o usuário a compor e reciclar sua identidade nas mídias sociais, a doutora em psicologia, professora de Sociologia no MIT e psicanalista norte-americana Shirley Turkle, publicou seu livro "Life on screen" em 1997, onde relata sua pesquisa sobre a interferência da internet na subjetividade contemporânea. A partir de seus estudos, Turkle (1997) desenvolveu uma teoria sobre a identidade contemporânea conhecida como "os múltiplos eus".

A possibilidade de atribuir a si inúmeras identidades, por muito tempo, foi uma prática restrita à classe artística. Atualmente, pessoas do mundo inteiro que tenham acesso à internet, podem se passar por alguém ou construir outra identidade completamente diferente daquela fora da internet.

---

<sup>49</sup> Código Penal - Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

Art. 307.

Atribuir-se ou atribuir a terceiro falsa identidade para obter vantagem, em proveito próprio ou alheio, ou para causar dano a outrem. Pena: detenção, de três meses a um ano, ou multa, se o fato não constitui elemento de crime mais grave.

Art. 308.

Usar, como próprio, passaporte, título de eleitor, caderneta de reservista ou qualquer documento de identidade alheia ou ceder a outrem, para que dele se utilize, documento dessa natureza, próprio ou de terceiro. Pena: detenção, de quatro meses a dois anos, e multa, se o fato não constitui elemento de crime mais grave. Fonte: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/falsa-identidade>.

<sup>50</sup> Catfish traduzido para o português de forma livre significa "gato-peixe". Porém, a expressão em inglês é utilizada em outro sentido. Ela se refere a pessoas que criam perfis com informações e fotos falsas na internet para enganar emocional e/ou financeiramente suas vítimas. A prática adotada por golpistas é utilizada em redes sociais, aplicativos de relacionamento, fóruns e outros meios de comunicação digitais. Isso porque o golpista utiliza de diversos meios de sedução e manipulação para enganar a outra pessoa. Ele finge ser e ter tudo o que a vítima precisa naquele momento. Em simples conversas, o catfish consegue identificar as fraquezas de quem está do outro lado da tela e sem que ela perceba, vai se tornando o seu par perfeito. Após essa etapa de conquistar a confiança, a vítima se sente totalmente à vontade e fica exposta ao golpe. É importante destacar que a prática catfishing envolve desde a interação de perfis falsos por brincadeira até ações criminais mais sérias, como sequestros e outros tipos de golpes. Fonte: <https://www.eset.com/br/artigos/catfish/>.

Turkle (1997) reflete que é cabível nesses tempos que na realidade, a internet deu ao sujeito a possibilidade de repensar sua identidade para além de uma imagem fechada, mas com múltiplos eus que coexistem e habitam um corpo. Assim como é possível abrir inúmeras abas de navegação na internet e criar inúmeros perfis nas redes sociais, é possível pensar a identidade humana multifacetada.

Isso seria possível, segundo a autora, porque a vida *online* permite que os usuários "coloquem para fora" traços de identidade ou identidades anonimamente ou construídas com ferramentas virtuais que não existem ou não são acessíveis na vida *offline*. Na vida *online*, o usuário pode atribuir a si ou ao seu avatar<sup>51</sup> roupas, paisagens e até novos formatos de corpo e rosto, coisas que podem não ser tão fáceis fora da internet.

Além disso, o contrato e os imperativos sociais podem restringir e até inibir o sujeito à enxergar em si uma identidade rejeitada em seu meio social, segundo Turkle (1997) a experiência virtual abre-se como um lugar seguro para se experimentar diferentes identidades e modos de vida, o usuário dialoga consigo mesmo sobre o eu, sobre quem é.

Turkle propõe uma nova organização subjetiva descentralizada e sem aspectos de unidade, atributos associados ao que é identidade na Modernidade. Mas que não mais correspondem à realidade contemporânea influenciada pelo mundo virtual. A alta metamorfose linguística presente na internet, e por ela alimentada, retira de qualquer pessoa a consistência sobre um conceito ou forma; agora, o que conta é o caráter subjetivo de cada usuário sobre o que cada signo lhe corresponde. O próprio significado de identidade é posto em xeque.

Na simulação (que a realidade virtual permite), a identidade pode ser fluida e múltipla, um significante não mais aponta claramente para algo que é significado, e a interpretação é menos provável proceder pela análise do que pela navegação no mundo virtual (Turkle, 1997, p. 49, minha tradução).

Para sustentar sua teoria, Turkle (1997) se baseia em sua grande pesquisa realizada com usuário de internet, jogadores online. Para descrever sua teoria da subjetividade contemporânea, a autora se utiliza de uma comparação feita com

---

<sup>51</sup> No contexto da internet, o termo avatar é usado para se referir a uma representação gráfica de uma pessoa em um ambiente virtual. Em alguns casos, é possível escolher tons de pele, tamanho dos cabelos, cor dos olhos... Quanto mais elaborado o software de criação de avatar, mais características podem ser construídas.

Fonte: [http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_15/contemporanea\\_n15\\_10\\_Silva.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_15/contemporanea_n15_10_Silva.pdf).

elementos da nosologia psiquiátrica. Diferente de outros autores, Turkle não compara a subjetividade contemporânea à esquizofrenia, mas ao transtorno de personalidade múltipla<sup>52</sup>.

Turkle (1997) discorre sobre a subjetividade contemporânea, no aspecto da teoria dos múltiplos eus, Turkle situa sua teoria entre dois extremos: a imagem do eu centralizado e o transtorno de personalidade múltipla. Para a autora, os múltiplos eus são uma espécie de configuração psíquica em que seja possível pensar um eu multifacetado.

A semelhança entre a teoria dos múltiplos eus e o transtorno de personalidade múltipla está na multiplicidade de personalidades, algo que soa como patológico no transtorno, mas que nos múltiplos eus revela a riqueza e a fluidez do sujeito pela via da escolha e da identificação.

Para Turkle (1997), o eu contemporâneo não é fragmentado, mas descentralizado de uma identidade solidificada e múltiplo, inclusive com gostos, sentimentos e opiniões antagônicas que coexistem. Isso porque, uma vez descentralizada e não solidificada, a identidade flui governada pela regência do sujeito e suas pulsões. Dessa forma, o eu não é um conjunto de fragmentos, nem um conjunto de partes, mas um grupo de muitas identidades, de muitos eus.

Em seus estudos, Turkle (1997) atribui outra característica à sua teoria dos múltiplos eus. Segundo a autora, a multiplicidade de eus está também associada à simultaneidade. Para explicar tal sentença, Turkle faz uma analogia da mente com o sistema operacional de computadores, o Windows. Neste sistema, é possível abrir diversos programas e ferramentas de forma simultânea. Assim como nas mídias sociais é possível ter inúmeros perfis.

Esta simultaneidade ajudaria a atribuir um caráter ainda mais efêmero à subjetividade contemporânea. Isso significa que, a autora reconhece que o eu está em constante mudança em contato com a cultura e com a alteridade, mas que o caráter da simultaneidade torna o eu diferente não só em escala de tempo (passado - presente -

---

<sup>52</sup> No transtorno dissociativo de identidade, anteriormente denominado transtorno de personalidade múltipla, duas ou mais identidades se alternam na consciência da mesma pessoa. Essas identidades podem ter padrões de fala, temperamento e comportamento que são distintos daqueles que costumam ser associados à pessoa. Além disso, a pessoa não consegue se lembrar de informações de que normalmente se recordaria imediatamente, como eventos rotineiros, informações pessoais importantes e/ou eventos traumáticos ou estressantes.

Fonte: DSM-5, Porto Alegre, Editora Artmed, 5ª Edição, 2014, p. 292.

futuro), mas múltiplo no presente. Para Turkle, é tão fácil mudar de um eu ao outro que é como se essas identidades estivessem sempre à disposição.

Ou seja, o eu contemporâneo seria uma conglomerado de eus que coexistem simultaneamente sem uma regência central. Cada eu buscaria em um nicho específico uma forma de realização pulsional como forma de escape às restrições sociais determinadas por perfis e modos de vida pré-determinados.

É possível que, no mesmo dia, o usuário encontre vias de satisfação para suas pulsões em ambientes virtuais e reais, que, preconceituosamente, são vistos como antagônicos. Como por exemplo, frequentar um show de rock, prostituir-se em salas de webcam eróticas, ter uma prática religiosa e ter sua identidade sexual fluida. Múltiplos eus que agem de forma simultânea e não são restritos à escalas de tempo.

Para Turkle, o eu só é possível de ser múltiplo se possui a capacidade de mudança e adaptação integrados a si. Dessa forma, o sujeito contemporâneo possui atributos para definir suas identidades, construindo a si mesmo e aquilo que acreditar ser. As identidades na internet e construídas fora do ambiente virtual possuem relação de influência mútua, pois são partes de um mesmo eu. Assim, para Turkle (1997) o sujeito é o resultado das identidades construídas e assumidas nas relações em on-line e off-line.

A possibilidade do eu ser múltiplo se dá pelo contato com alguns atributos da cibercultura: a constante reciclagem, o fascínio pela novidade e uma torrente de informações. Diante desta realidade, o usuário encontra possibilidades de satisfação pulsional que a vida off-line, de uma identidade centrada e unificada, não permite.

Com múltiplos eus que coexistem, censuras, reprovações, inibições e limitações que antes eram atribuídas a uma identidade, não fazem sentido se foram atribuídas a uma identidade que em sua realidade, dá validade aos impulsos pulsionais. Preso a uma identidade, a um eu centrado e unificado, repressões sociais e psíquicas incidem sobre o sujeito. Mas assumindo múltiplos eus, o sujeito encontra caminhos de fácil acesso para suas pulsões sem ter que lidar com um conflito de identidade.

Para Turkle (1997), é indesejável a simulação da vida off-line na vida virtual. Segundo a autora, a "cultura da simulação" deu possibilidades para o sujeito descobrir sua identidade múltipla, mas se não houver uma diferença clara entre o real e o virtual, as consequências podem não ser tão positivas. Continuando sua argumentação, Turkle afirma que a troca da realidade pela vida virtual se dá, muitas vezes, pela mortalidade dos corpos físicos dos usuários.

O sujeito descentralizado é assim constituído por possuir múltiplos eus, e por essas identidades serem estruturadas e reestruturadas na internet e além dela. Para Turkle (1997), a internet é capaz de expandir a presença física do usuário. Criando assim, possibilidades para o sujeito ramificar suas identidades e estar constantemente sendo influenciado por novas formas de constituir identidades.

A ideia de uma estabilidade e unidade no eu, para Turkle (1997), é uma miragem, uma falsa imagem projetada de si para dar conta das exigências sociais típicas da modernidade. Uma frase de um dos entrevistados de sua pesquisa é utilizada para sustentar sua teoria do eu múltiplo e simultâneo: "Eu divido a minha mente. Eu posso me ver como sendo dois ou três ou mais. E eu só ligo uma parte da minha mente e depois outra quando eu vou de janela a janela" (Turkle, 1997, minha tradução).

Aqui, cabe a nós indagar à autora sobre a presença do pronome "eu", na frase supracitada, como agente de escolha sobre os possíveis múltiplos eus. A presença do pronome dá a ideia de que, apesar da teoria de Turkle (1997) encontramos indícios na experiência cognitiva do sujeito reduzido a um eu consciente, que faz escolhas livres.

Sendo assim, ou estamos diante de uma lacuna linguística que não apresente ao sujeito uma forma de descrever sua subjetividade que não seja a partir de um eu centralizado, ou, assumindo a teoria de Turkle como verdadeira, o eu é mesmo descentralizado, mas a experiência social com suas permissões e inibições, pressiona o sujeito a elencar um eu predominante. Atitude nula ou pouco existente nos ambientes virtuais.

Independente dessas e outras indagações, é necessário uma honrada reverência ao trabalho de Turkle (1997), que desbravou um mundo novo e desconhecido com ferramentas e conceitos antigos. Teve como obstáculo e a linguagem engessada de olhar o sujeito e seus fenômenos, mas diante desse desafio não se abateu e enfrentou o problema com os recursos que tinha.

Turkle (1997) foi uma das pioneiras em relacionar a influência da internet na subjetividade humana e realizar uma ostensiva pesquisa sobre o tema, fazendo um penoso, mas bondoso serviço à comunidade científica e ao mundo. A sua teoria dos múltiplos eus está no *hall* das descrições da subjetividade contemporânea.

- **6- A inconsistência do Outro no ciberespaço**

Segundo Kelles e Lima (2017), em determinando momento da vida, o sujeito passa da influência exclusiva dos significantes herdados dos pais e migrar para os significantes culturais. Momento em que o sujeito se depara com a chamada inconsistência do Outro.

Para entendermos do que se trata a inconsistência do Outro, precisamos recorrer primeiro ao conceito de Outro desenvolvido por Lacan em "O seminário"; de forma particular, irei fazer um recorte livro 11: "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise" (1985).

Segundo Lacan (1985), o Outro antecede o sujeito antes de seu nascimento, é uma espécie de armazém de significantes que dará ao sujeito uma cadeia de significantes para presentificar-se e reconhecer-se como alguém ou alguma coisa. Para se constituir, o sujeito depende dessa cadeia de significantes que, primeiramente, é experimentado na relação com o Outro.

Como vimos, ao nascer a criança experimenta o desamparo e para sobreviver precisa do cuidado do outro. Em seu desenvolvimento, a criança passará pelo estágio do espelho, momento em que a criança passa a estabelecer uma relação de seu organismo com a realidade a partir da imagem de um outro semelhante. E é a partir dessa imagem do outro semelhante que o sujeito irá construir a imagem de si.

Neste contexto, o Outro participa da equação de constituição do sujeito pela via simbólica. O contato com os signos linguísticos coloca o sujeito frente a uma vastidão de significantes que se confundem com sua imagem e o leva ao questionamento sobre quem é e o que esse Outro, encarnado nos pequenos outros, quer.

Quando Lacan apresenta a inconsistência do Outro, refere-se ao Outro como uma cadeia de significantes que não é completa, que escapa ao sujeito, que o convoca a se presentificar para além das balizas do Outro. Aqui, percebemos que o Outro dentro da teoria de Lacan não é apresentado como de forma fechada e engessada, mas abriga a falta que será estrutural na formação da subjetividade.

A inconsistência pulsional e real do Outro é o lugar da dúvida, da não identificação totalizada e da ausência de referências plenas, uma espécie de vazio, que dá subsídios para a constituição do sujeito como singular. A experiência com a

inconsistência do Outro abre uma brecha no e para o sujeito, condição fundamental para que algo do gozo não totalizado se desenvolva sob a forma do chamado objeto a<sup>53</sup>.

A relação do sujeito com o Outro é definida por um movimento pendular de alienação e separação sem fim, onde alienado encontra-se restrito à cadeia de significantes do Outro e separado, se vê não todo representado e impelido à encontrar outras vias de simbolização.

É nesse momento entre as operações de alienação e separação que as referências do sujeito encontram caminhos no imaginário, assim, as referências simbólicas presentes no Outro coexistem com as referências de identificação horizontal, balizadas pela perda da autoridade e da admiração das suas referências simbólicas. As grandes instituições sociais e as figuras de autoridade estão em ruínas na contemporaneidade. Isso provoca um empobrecimento do Outro e uma abertura para uma vastidão de identificações pela via do imaginário. Sem o sustento simbólico que dá corpo ao Outro, o sujeito se vê às cegas para encontrar vias de identificação.

O empobrecimento simbólico na contemporaneidade gerado pela perda da autoridade e pelo declínio das instituições dificulta que o sujeito faça laço social e passeie pela vida entre composições de significantes pela lógica da alienação e da separação. Assim, o sujeito precisará construir um saber para lidar com as lacunas no Real deixadas pela atrofia do Outro.

É neste momento que a internet surge como possibilidade de construção simbólica e imaginária do saber que antes tinha sua predominância na cadeia de significantes do Outro. No ciberespaço, o sujeito encontra uma infinidade de possibilidades de composição e recomposição não só de si, mas do mundo e do Real.

Para Kelles e Lima (2017), a internet tem um grande potencial de auxílio ao sujeito na busca de lidar com o empobrecimento do Outro. Mas seu uso imoderado e a enxurrada de informações podem levar a uma experiência de "desbussolamento".

---

<sup>53</sup> Termo introduzido por Jacques Lacan\*, em 1960, para designar o objeto desejado pelo sujeito\* e que se furta a ele a ponto de ser não representável, ou de se tornar um “resto” não simbolizável. Nessas condições, ele aparece apenas como uma “falha-a-ser”, ou então de forma fragmentada, através de quatro objetos parciais desligados do corpo: o seio, objeto da sucção, as fezes (matéria fecal), objeto da excreção, e a voz e o olhar, objetos do próprio desejo\*. A concepção lacaniana do objeto (pequeno) a, como “causa do desejo que se furta ao sujeito”, proveio diretamente da reflexão de 1936 sobre o estádio do espelho\* e de uma concepção da relação de objeto\* elaborada em 1956-1957, e baseada na consideração da trilogia privação/ frustração\*/castração\*. Elemento preponderante de uma terminologia específica, relativa à alteridade, o objeto (pequeno) a é, portanto, uma das variações do outro\* no interior do par formado pelo grande Outro e pelo pequeno outro. (Roudinesco; Plon, 1998).

O alto nível de informação que circula no ciberespaço não garante a formação do saber, o menor indício de referência simbólica pode ser muito fluido e superficial na internet, levando o sujeito a uma carente experiência de identificação que produzirá dificuldades em estabelecer laços sociais.

Lima (2014) afirma que, para muitas pessoas, as redes sociais funcionam como “veículos de identificação”, mas a autora também leva em consideração que essa identificação é falha. Isso porque, é uma identificação sem referência a um Ideal.

Podemos assim perceber a importância do Outro, encarnado nos outros e nas instituições na transmissão do saber, que promove uma referência a um Ideal dando contornos à identificação e ao laço social.

A internet tem o potencial de viabilizar um vasto campo de construção de saber para seus usuários, basta que seus usuários encontrem vias de saber minimamente estáveis e não sejam manipulados para a produção de capital.

Como ente favorável e vasto, a internet oferece ao sujeito ferramentas para a construção de um saber próprio, sublinhando e reiterando a inconsistência do Outro na contemporaneidade. Entretanto, para que essa construção de saber próprio seja possível e estruture algo na subjetividade do usuário, é necessário um mínimo de contato com um Outro que o acolha e dê um lugar no laço social. Algo como uma espécie de retorno à alienação e não uma fixação na separação, mas uma manutenção saudável desse movimento pendular.

- **7- Ensaio sobre Psicanálise e subjetividade contemporânea**

Em todo este trabalho, vimos a participação da cultura e da alteridade na formação da subjetividade sob o olhar psicanalítico. Desde os primórdios de sua fundação, a articulação da psicanálise com a cultura esteve presente.

Desta maneira, partimos dessa evidência para destacar a necessidade contínua de mantermos nossos olhos atentos ao que acontece em nossa sociedade e cultura, como forma de tornar a psicanálise viva e eficaz. Nesse contexto, experimentamos na contemporaneidade uma submersão no mundo virtual.

Nossa linguagem, comunicação, percepção, descrição e relações estão sendo influenciadas pela internet. Partindo disso, este trabalho é uma tentativa de chamar atenção ao tema e, paralelamente, agrupar algumas teorias contemporâneas sobre a influência da internet na subjetividade.



Mesmo que estejamos diante de um fenômeno relativamente recente, se faz necessário o aprofundamento nesse tema, visto a urgência e os riscos à ele atribuídos. Se, na história da humanidade, a cultura e os acontecimentos sociais tiveram impactos significantes na subjetividade, não seria diferente agora na contemporaneidade com o mundo virtual.

Da experiência com o virtual, vemos o surgimento de uma nova forma de mal-estar. O mal-estar na civilização digital, como foi nomeado o mal-estar gerado pelo uso da internet e suas tecnologias, é um dos resultados aparentes e serve como evidência para a afirmação de que a experiência com a cultura digital tem produzido efeitos nas subjetividades.

A teoria do mal-estar na civilização digital coloca-nos de frente à perigos iminentes. O seqüestro da atenção do usuário, junto a propagação da intolerância ao tédio, pode levar o sujeito a uma espiral de perda de sentido, a um estado de "morto-vivo", uma vida no vazio e na reprodução de comportamentos planejados. Além de destruir no sujeito uma das vias mais potentes de criação e a possibilidade de, ao entediar-se, repensar a sua vida.

A captura da atenção, a intolerância ao tédio são recursos que servem a fins financeiros e políticos. Sujeitos tolidos do seu exercício de reflexão e inconformidade com a própria vida pela atenção e pelo tédio, tornam-se presas fáceis a manipulações da realidade e grande fonte de renda.

O capitalismo de vigilância usufrui desse estado de ser "nada" do usuário para colonizar mentes e produzir formas de vida que gerem lucros. Nessa mentalidade neoliberal, até o sofrimento e o adoecimento se tornam fonte de capital.

Sem atenção a si mesmo, intolerante ao tédio, seduzido pelo discurso neoliberal de individualismo e autossuficiência, o sujeito se apresenta ao mundo em seu pior estado, uma mente nula, incapaz de até mesmo perceber-se incomodado com a vida que possui.

Além disso, a coleta, armazenamento e compartilhamento de dados pessoais presentes no mundo virtual, põe em risco a autonomia de escolha dos sujeitos, restringindo sua liberdade, cerceando suas escolhas e influenciando em decisões políticas de um país.

A falta de transparência sobre o uso dos algoritmos pode levar o sujeito e a sociedade a uma espécie de polarização irreversível. Uma vez que os algoritmos das mídias sociais são construídos para oferecer ao usuário os temas e informações que

estão dentro do seu aspecto de interesse. Assim, o contato com o diferente, com o novo e com a ambivalência, elementos presentes na vida off-line, são substituídos por mais do mesmo.

Os algoritmos possuem capacidade de hipertrofiar o narcisismo das pequenas diferenças, a partir da ausência de apresentação da diferença e da estranheza. O resultado é o que vemos eclodir pelo mundo inteiro: segregação, violência e individualismo.

Para o sujeito, o contato com a diferença e com a estranheza é fundamental para que, ao ser surpreendido por si mesmo com sentimentos e comportamentos diferentes do esperado, essa estranheza possa ser acolhida e receber um lugar em sua auto-imagem que comporta nuances, ambivalências e gradações.

A experiência com o digital direcionada pelos algoritmos pode transmutar o Outro em uma figura engessada e firme, empobrecendo-o de suas características ambíguas, vacilantes e fluidas próprias de uma cadeia de significantes que está em composição pela cultura, pela alteridade e pela experiência com o Real.

O conhecimento e o aprofundamento sobre esse tão recente fenômeno de influência da internet na subjetividade torna a psicanálise mais atenta e atualizada em sua práxis. O risco de não darmos atenção a essa forma contemporânea de mal-estar e dos desdobramentos do uso da internet e suas tecnologias, se insere na responsabilidade que temos de ser um lugar onde o novo, o diferente e o destoante encontre espaço para ser e se desenvolver e se não o ocuparmos devidamente, perderemos nossa vocação de ser para o outro espaço de recomposição.

A teoria dos múltiplos eus também sinaliza uma possível mudança na estruturação da subjetividade influenciada pelas redes sociais. O sujeito encontra na internet caminhos de (re)descoberta que na vida off-line não seriam possíveis. É certo de que a psicanálise já descrevia o sujeito como dividido ao apresentar o conceito da clivagem do Eu.

Mas, são conceitos que abordam um eu dividido, porém que descrevem fenômenos diferentes. No primeiro caso, a clivagem do eu surge como uma resposta a tensão entre os imperativos sociais e as pulsões. O psiquismo encontra na clivagem do eu uma alternativa às tensões e conflitos psíquicos que não seja a via do recalque e do sintoma.

Nos múltiplos eus, o eu se apresenta multifacetado, descentralizado e com identidades coexistentes. Algo como uma alternativa contemporânea despertada pelo

uso da internet para lidar com a busca da satisfação pulsional sem ter que lidar com as coerções sociais e censuras do supereu.

O sujeito poderia ser muitos, e sendo muitos, encontrar vias de satisfação em diversas realidades, sem ter que sustentar uma identidade centralizada que, por consequência, se limita a formas de satisfação e até de censuras limitadas que correspondam à ideia de uma identidade singular.

Do contato com a internet, podemos estar diante de uma mudança epistemológica sobre a forma como conhecemos a estrutura psíquica. A teoria dos múltiplos eus lança perguntas que instigam qualquer mente curiosa. Uma delas é: será que a estrutura do psiquismo apresentado pela psicanálise, na verdade também é um produto da convergência de elementos históricos com as bases mais físicas da condição humana? Como o fenômeno é recente, precisaremos de algum tempo e muitas pesquisas para começar a supor essa virada epistemológica.

Fica evidente também que, na contemporaneidade, a relação do sujeito com o Outro, marcada pelo movimento pendular entre alienação e separação, corre risco pela fragmentação do Outro gerada pela perda de autoridade, descrença nas instituições e pelo uso imoderado da internet.

A internet apresenta-se com um universo de possibilidades para que o sujeito construa seu próprio saber, se afastando ainda mais da cadeia de significantes do Outro. No entanto, com a alta frequência de informação e uma atitude constante de reciclagem que sustentam a internet, o sujeito pode deparar-se uma pseudo-referência e com a falta de um Ideal. Isso o projeta para um estado de falta de identificação e dificuldade de realizar laço social na contemporaneidade.

Podemos também estar diante de um Outro algoritmo. Um Outro balizado pela linguagem binária de computadores. Uma cadeia de significantes que não tolera entretons, paradoxos, inconstância e flexibilidade. Ou bom, ou mal. Ou de direita, ou de esquerda. Ou capaz, ou incapaz...

O contato com esse Outro algoritmo pode distorcer a visão do sujeito sobre a realidade, fazendo-o enxergar o mundo de forma binária e intolerante à diferença e as composições, algo completamente aceitável na experiência com a realidade. Tudo isso pelo modo de funcionamento dos algoritmos que determinam padrões de comportamentos e assuntos prioritários para o sujeito para ofertar conteúdos, informações e serviços.

Não é interessante, é claro, para o capitalismo de vigilância e para a mentalidade individualista neoliberal que os algoritmos sejam programados para entender que prioridade não é exclusividade. Um mesmo usuário pode interessar-se por propostas políticas oriundas de espectro políticos diferentes. Por exemplo, em pauta de direitos humanos, o sujeito pode alinhar-se mais a esquerda, em pauta de política internacional à direita. Na realidade, a vida é cheia de nuances. Esse tema desponta no horizonte como uma possibilidade de pesquisa futura.

Tais composições e reflexões só são possíveis dentro da compreensão de que esse tema já passou de ser fundamental para um caráter de urgência. A internet não possui em si um valor moral agregado, mas esse trabalho evidencia que seu uso indiscriminado e inseqüente podem estar provocando mudanças na subjetividade e sendo causa de sofrimento para o sujeito.

Nos vemos diante de muitos impasses, dúvidas e hipóteses, algo que em minha humilde opinião, é válido. O progresso científico se faz com perguntas e delas nem mesmo a psicanálise pode sair ileso.

## **Considerações finais**

Este trabalho é uma provocação, em muitos sentidos. É uma tentativa de chamar atenção para um tema novo e desafiador. Uma provocação à comunidade psicanalítica a não se omitir sobre o tema que aqui dissertamos, mas a atualizar suas ferramentas clínicas e a re-despertar sua antiga vocação política.

Aceitamos, meu orientador e eu, analisar um fenômeno recente e misterioso em si mesmo: as possíveis influências para a subjetividade no contato com a internet. Tal fenômeno é misterioso porque mergulhamos em áreas de saber que pouco são entrelaçadas com a psicanálise como a internet, a computação e a programação de softwares e os algoritmos.

Além disso, estudar a internet é estudar uma ocorrência que tem a mudança como fator determinante de sua existência e fascínio. Muitos foram os desafios até aqui, mas ao "fim" da pesquisa, tenho em mente que a necessidade do tema se sobrepôs às minhas expectativas de conclusão. Ao me enamorar pelo tema, desejava ao fim ter uma elaboração concisa sobre a subjetividade contemporânea, talvez na minha própria dificuldade de lidar com o não-saber, mas me enganei.

Mas foi um doce engano. Hoje, compreendo que dada a complexidade do tema, preciso colocar-me no lugar de bom psicanalista e encerrar este trabalho com mais perguntas do que respostas. O tema é provocador, o fenômeno é recente. E, por isso, reconheço que esse trabalho tem a difícil tarefa de abrir portas, ou melhor, abrir mentes. Dessa forma, querido leitor, tento provocar o teu mais alto grau de curiosidade e atraí-lo ao tema.

Não serei eu, certamente, a elaborar grandes explicações e teorias sobre a subjetividade contemporânea. Mas, me candidato a entrar no seleto grupo de pesquisadores, das últimas duas décadas, que iniciaram essa empreitada na esperança de que meu estudo simples venha a compor, como um bloco de pedra, uma fortaleza de saber que dê melhores respostas e caminhos aos sofrimentos contemporâneos.

Aprendemos com Freud e com Lacan que o sujeito se constitui na relação com o Outro e com a linguagem, tudo isso pelas malhas da cultura e da alteridade herdadas antes de seu nascimento. O ser humano nasce desamparado, depende de cuidados e atenção de um outro humano para sobreviver.

Gradativamente, sua relação com a realidade, com a cultura e com a alteridade vai modelando sua estrutura psíquica a partir de características presentes em sua própria natureza. Os eventos culturais e sociais que marcaram o início da Idade Moderna foram

fundamentais para o surgimento da psicologia como ciência e da psicanálise. Não obstante, Freud deixou inúmeras referências da influência cultural na subjetividade.

Sendo assim, este trabalho tem por finalidade a discussão sobre os impactos e as possíveis influências contemporâneas na subjetividade. A partir da discussão do tema da cibercultura e do prisma da psicanálise, este trabalho propôs-se a identificar as possíveis mudanças subjetivas provocadas pela internet.

É possível perceber que a psicanálise não está alheia à relação do sujeito com a internet. Sua essencial responsabilidade política pode ter sido esquecida ou intencionalmente abafada, mas a psicanálise desde sua origem nunca foi alheia ao mundo. Agora que a liberdade do sujeito e a democracia correm risco, a psicanálise desponta como lugar de inconformidade e de (re)descoberta para o sujeito.

Como vimos, o usuário de internet se sente livre ao navegar na rede e possui grande facilidade de confiar em cada informação de consome no virtual. Curiosamente, o nível de confiabilidade das informações é duvidoso e sua liberdade é cerceada na medida em que recebe mais do mesmo a partir de um conjunto de algoritmos que trabalham para prender sua atenção e fazer da sua mente matéria-prima para gerar capital.

Assim, o usuário sente-se onipotente, sábio e livre, tomando decisões de forma autônoma. Mas, objetivamente, suas escolhas podem estar sendo governadas de forma sutil para direções pré-determinadas, seja ao clicar em um perfil, dar like em uma foto, até comprar uma mercadoria e definir seu voto no processo eleitoral.

Conhecemos duas marcantes teorias da possível influência da internet na subjetividade. Tanto a teoria do mal-estar na civilização digital, quanto a teoria dos múltiplos eus, sinalizam a urgência de cada clínico a olhar para o assunto aqui debatido. Se, você chegou até aqui ao menos um pouco encantado com o tema, preocupado e desejanste por mais, então, acredito que consegui realizar bem o que este trabalho me pediu e exigiu.

A riqueza e profundidade dos autores aqui citados não podem nos inibir e nem desanimar frente ao desafio que nos é proposto a contemporaneidade. Estamos diante de possíveis mudanças subjetivas, de uma ameaça invisível à liberdade do sujeito e de um risco à democracia.

É certo que este trabalho não encerra a discussão e o estudo sobre esse tema; muito pelo contrário, ele torna-se um ponto de partida para melhor entender o Sujeito contemporâneo que bate à porta dos consultórios dos psicanalistas. Entender a relação

do Sujeito com o digital, e, principalmente, com as mídias sociais, nos ajudará a entender melhor como a subjetividade, se desenvolvem *hoje*, no século XXI, a partir de um olhar psicanalítico.

Independente dos rumos e dos caminhos que se seguirem daqui para frente, é certo afirmar que, a internet e as mídias sociais estão mudando o Sujeito, este é um campo vasto e atrativo de estudo da relação entre a Cultura, o Sujeito e a Alteridade. Um campo que a cada dia se torna um ímã, atraindo a si a curiosidade e o temor daqueles que se aventuram no trabalho com o sujeito.

Dada às evidências presentes nesse trabalho sobre as influências da internet na subjetividade, manifesto a minha expectativa para que esse trabalho gere curiosidade e atenção o suficiente para que trabalhos e pesquisas futuras sobre a subjetividade contemporânea, a relação pulsional com os algoritmos, o fenômeno das massas digitais e a vocação política da psicanálise frente aos riscos à democracia sejam escritos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

*A velha mídia, a internet e o papel dos leitores.* Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/533008-a-velha-midia-a-internet-e-o-papel-dos-leitores?shem=iosie>. Acesso em Set. 2023.

Birman, J. (1999). *O mal-estar na atualidade*. 17ª ed., São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2019.

*Brasil é 2º em ranking de países que passam mais tempo em redes sociais.* Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>. Acesso em Set. 2023.

Bruder, M. *A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação.* Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 3, p. 513-521, set./dez. 2007.

Calazans, J. *Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online.* 9º Encontro Nacional da História da Mídia, jun. 2016.

*Catfish, fenômeno da internet.* Disponível em: <https://www.eset.com/br/artigos/catfish/>. Acesso em 30 de ago. 2023.

*DSM-5*, Porto Alegre, Editora Artmed, 5ª Edição, 2014.

*Facebook é condenado a pagar milhões de dólares por vazamento de dados dos usuários.* Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/facebook-e-condenado-a-pagar-r-6-6-mi-por-vazar-dados-de-usuarios>. Acesso em Set. 2023.

Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos.* In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2019, v. IV.

Freud, S. (1901-1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos.* In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2016, v. VI.

Freud, S. (1906-1909). *O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de 5 anos e outros textos.* In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2015, v. VIII.

Freud, S. (1912-1914). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos.* In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2010, v. XII.

Freud, S. (1912-1914). *Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos.* In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2012, v. XI.



Freud, S. (1914-1916). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2010, v. XII.

Freud, S. (1915). *A pulsão e suas vicissitudes*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

Freud, S. (1917-1920). *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos*. In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2019, v. XIV.

Freud, S. (1920-1923). *Psicologia das Massas e análise do eu e outros textos*. In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2011, v. XV.

Freud, S. (1923). *O ego e o id*. In Obras Completas, 1ª ed., v. XIX Rio de Janeiro: Imago, 1973.

Freud, S. (1926-1929). *Inibição, Sintoma e Angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2014, v. XVII.

Freud, S. (1930-1936). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2010, v. XVIII.

Freud, S. (1932-1936). *Novas conferência introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1937-1939). *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos*. In Obras completas, 1ª ed. Companhia das Letras, 2018, v. XIX.

Fuks, B. (2003). *Freud & a cultura*. 3ª ed., São Paulo: Zahar, 2003.

*Mercado brasileiro de Ti e uso nas empresas*. Disponível em: [https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/noticias2019fgvcia\\_2019.pdf](https://eaesp.fgv.br/sites/eaesp.fgv.br/files/noticias2019fgvcia_2019.pdf). Acesso em Set. 2023.

*Identidade Falsa*. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/falsa-identidade>. Acesso em Set. 2023.

Kelles, N, Lima, N. L. de. *Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica. Tempo Psicanalítico*. Rio de Janeiro, v. 49.2, p. 202-233, 2017

Lacan, J. (1953). *Escritos técnicos de Freud*, livro 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

Lacan, J. (1954-1955). *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

Lacan, J. (1959-1960). *A ética da psicanálise, livro 7*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

Lacan, J. (1962-1963). *A Angústia. O seminário, livro 10*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Lacan, J. (1966). *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: J. Lacan, Escritos. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Lacan, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

Lacan, J. *O seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Laplanche, J.; Pontalis, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001

*Lei 13.709 de 14 de Agosto de 2018*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm) Acesso em Set. 2023.

Leite, P. *O mal-estar na civilização digital*. 1ª ed. São Paulo: Blucher, 2022.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. 3ª ed., São Paulo: Editora 34, 2010.

Lima, N. L. de. *Da lei edipiana à norma entre pares: as identificações nas redes sociais da internet*. In Santos, T. C., Santiago, J., & Martello, A. (Orgs.). *Os corpos falantes e a Normatividade do Super Social* (p. 109-136). Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2014.

Manzano, José Augusto N. G. et al. *Algoritmos: Técnicas de Programação*. 2ªed. São Paulo: Érica, 2015.

Meireles, A. *Algoritmos e autonomia: relações de poder e resistência no capitalismo de vigilância*. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 27, nº 1, jan.-abr., p. 28-50, 2021.

*Meta registra aumento de receita e número de usuários do facebook tem prejuízo no metaverso*. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/mercado/266917-meta-registra-aumento-receita-numero-usuarios-facebook-tem-prejuizo-no-metaverso.htm?shem=iosie>. Acesso em Set. 2023.

*Meta, dona do facebook e instagram, é multada em 1,3 bilhão de dólares por compartilhar dados de usuários da união europeia*. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/05/22/meta-dona-do-facebook-e-instagram-e-multada-em-us-13-bilhao-por-compartilhar-dados-de-usuarios-da-uniao-europeia.ghtml>. Acesso em Set. 2023.

Ovídio. *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto (2007). Ed. Livros Cotovia: Lisboa, Portugal.

Pizzimenti, E. *Da queda livre ao encontro com o outro nas redes sociais: um estudo do narcisismo*. Trivium: Estudos Interdisciplinares, Ano XI, Ed. 1. p. 85-98, fev. 2019.

*População do Brasil*, IBGE, 2020. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box\\_popclock.php](https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/box_popclock.php). Acesso em 18 de ago. 2023.

*Presidente do facebook admite falha na proteção de dados dos usuários*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-04/presidente-do-facebook-admite-falha-na-protecao-de-dados-dos-usuarios>. Acesso em Set. 2023.

Quinet, A. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Roudinesco, E., Plon, Michel. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Safatle, V.; Júnior, N. da S.; Dunker, C. (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2020.

Sibilia, P (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

Turkle, S. *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet*. New York: Touchstone, 1997.

Zuboff, S. *Big Other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization*. Journal of Information Technology, v. 30, 2015, p. 75-89. Disponível em: . Acesso em: 05 nov. 2023. 54ARAD, Ayala; BARZILAY.